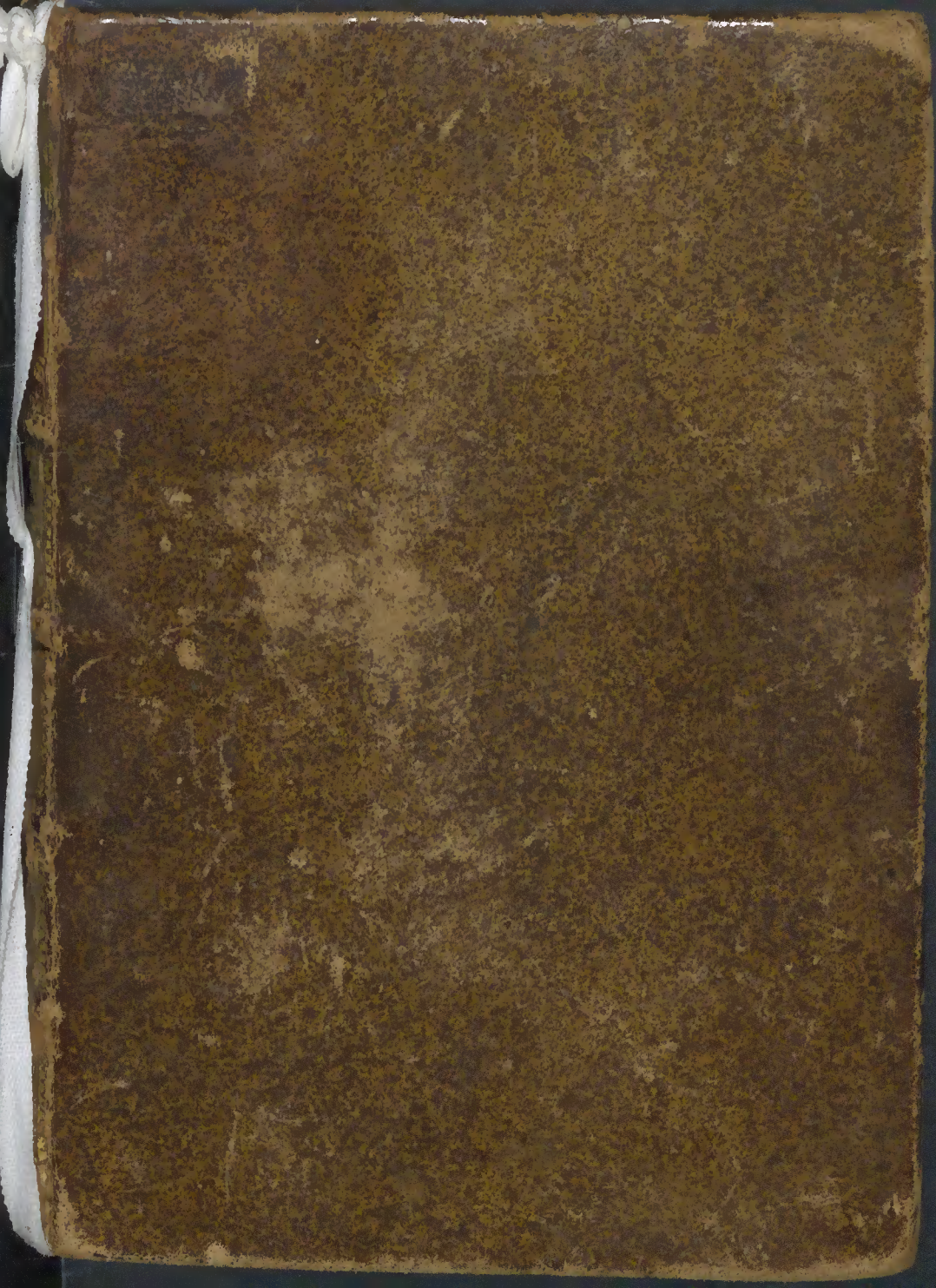




Tab. 3.º C 25

Cope 1-24



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Handwritten signature in cursive script.

ACADEMIA DAS CIENCIAS
DE LISBOA

7.80.

OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

FS

Impressos em Lisboa, com licença da
santa Inquisição, e do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gözalvez Impressor.

1572.



Dado à Biblioteca do Convento de
N. S. do Jesus de Lisboa em 27 de
Agosto de 1831 por Antonio Jo-
se de Lima Leitão

JS

MOO

ACADEMIA DAS C
DE LISBOA



V el Rey faço saber aos que este Alvara virem
que eu ey por bem & me praz dar licença
a Luis de Camões pera que possa fazer im-
primir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em
Oitava rima chamada Os Lusíadas, que con-
tem dez cantos perfeitos, na qual por ordem
poetica em versos se declarão os principaes fei-
tos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a
nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu vis-
uo que sancta gloria aja, & isto o com priuilegio pera que em tem-
po de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar
de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus
reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas
partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camões
ou da pessoa que pera isso seu poder riuer, sob pena de quẽ o con-
trario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que
imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a
outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra ven-
der lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-
bargadores do paço, o qual se declarará & porá inipresso na pri-
meira folha da dita obra pera sera todos notorio, & antes de se im-
primir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do san-
to officio da Inquisição pera có sua licença se auer de imprimir, &
se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos,
tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio,
como acima he dito. E este meu Alvara se imprimirá outrossi no
principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha for-
ça & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assi-
nada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Orde-
nação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as couças cujo effeito
ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando
por alvaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiij;
de Setembro, de M.D. LXXI. Jorge da Costa o fiz escreuer.

Vl por mandado da santa & geral inquisição estes dez
Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valero-
sos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia &
Europa, & não achey nelles cousa alguma escandalosa, nem
contraria â fe & bõs costumes, somente me pareceo que era
necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer
a difficuldade da naugação & entrada dos Portugueses na
India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que
sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter
chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas. Deo-
sas Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Au-
tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estylo Poeti-
co não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses
na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salua a ver-
dade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gētios sam
Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprir-
mir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita eru-
dição nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

OS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto primeiro.

AS armas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusita-
na,
Por mares nunca de antes nau-
gados,

Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificarão
Novo Reino . que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem



OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Cessem do sabio Greco, & do Troyano,
As nauegações grandas que fizerão
Callese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiverão,
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado,
Foy de my vosso rio alegremente,
Daime agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloto, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenhão enueja das de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & sonora,
E não de agreste a vena, ou franta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Daime igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam subliime prego cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO.

21

E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiqua liberdade,
E não menos certissima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,
De hũa arvore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Clarea, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando de ce o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

2

Inclina

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Pon de no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos denulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno
Que nam he premio vil, ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas.
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas,
As verda leiras vossas sam tamanhas,
Que exceedem as sonhadas fabulosas:
Que exceedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO:

3

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,
Hum Egas, & hū dom Euas, q̃ de Homero
A Citara parelles so cobiço:
Pois polos doze pares daruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.
Dounos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria:
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande & prospera victoria.
Outro loane, inuicto caualleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro:

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
Se fizerão por armas tam subidos,
Vossa bandeira sen pre vencedora.
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, castro forte,
E outros em quem poder não teue a morte.

A 3

E em

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
 Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
 Tomay as redeas vos do Reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouuido canto:
 Comecem a sentir o peso grosso,
 (Que polo mundo todo faça espanto),
 De exercitos, & feitos singulares,
 De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio;
 Em quem vê seu exicio afigurado,
 So com vos ver o barbaro Gentio,
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado;
 Thetis todo o ceruleo senhorio,
 Tem pera vos por dote aparelhado:
 Que afieçoada ao gesto bello, & tenro,
 Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada;
 Dos dous aúds, as almas ca famosas;
 Hũa na paz Angelica dourada,
 Outra polas batalhas sanguinosas:
 Em vos esperão, ver se renouada
 Sua memoria, & obras valerosas.
 E la vos tem lugar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,
 De regerdes os pouos, que o desejo:
 Day vos fauor ao nono atreuimento,
 Pera que estes meus versos vossos sejam:
 E vereis ir cortando o salso argento:
 Os vossos Argonautas, por que vejão,
 Que jam vistos de vos no mar yrado,
 E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegação,
 As inquietas ondas apartando,
 Os ventos brandamente respiração,
 Das naos as vellas concauas inchando:
 Da branca escuma, os mares se mostrauão
 Cubertos, onde as proas vão cortando.
 As maritimas agoas consagradas,
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
 Onde o gouerno está, da humana gente
 Se ajuntão em consilio glorioso,
 Sobre as cousas futuras do Oriente:
 Pisan to o cristalino leo sermoso,
 Vem pela via Laetea, juntamente
 Conuoca los da parte de Tonante,
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

A 4

Deixão

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouverna o Ceo, a Terra, & o Mar yralo:
Ali se acharão juntos num momento,
O, que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seuer, & soberano,
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, & a Ordem concertauão.
Precedem os antigos mais honrrados,
Mais abaixo os menores se assentauão:
Quando Iupiter alto assy dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & horrendo:
Eternos

CANTO PRIMEIRO. 5.

Eternos moradores do luzente
Estelifero polo & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento:
Que por ella sesqueção os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tam singelo & tam pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoſo mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico & Noto a força a mais satrene:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue,
Inclinão ſeu propoſito, & perſia
A ver os berços, onde naſce o dia

Prometido lhe eſtã do fado eterno,
Cujã alta ley nam pode ſer quebrada;
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas têm paſſado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe ſeja
Moſtrada a noua terra que deſeja.

E porque, como viſtes, tem paſſados
Na viagem, tam aſperos perigos,
Tantos Climas & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que ſejam, de termino, agasalhados
N'eſta coſta Affricana como amigos.
E tendo guarneçada a liſſa frota,
Tornarão a ſeguir ſua longa rata:

Eſtas

CANTO PRIMEIRO. 106.

Eſtas palauras Iupiter dezia,
Quando os Deoſes por ordem reſpondendo,
Na ſentença hum do outro diſiria,
Razões diuerſas dando & recebendo.
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter diſſe, conhecendo
Que eſquecerão ſeus feitos no Oriente;
Se la paſſar a Luſitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortiſſimo de Heſpanha;
Pelo mar alto, a qual ſojeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha:
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou ſua, ou foſſe eſtranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Niſa celebra inda a memoria.

Ve que ja tene o Indo ſojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caſo;
Por vencedor da India ſer cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaſo.
Teme agora que ſeja ſepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vaſo,
Dagoa do eſquecimento, ſe la chegão
Os fortes Portugueſes, que nauegão,
Sustentana.

Sustentava contra elle *Venus bella*
 Affeição da gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella,
 Da antiga tam amada sua Romana,
 Nos fortes corações, na grande estrellla,
 Que mostrarão na terra Tingitana:
 E na lingua, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Estas causas movião *Cytherea*,
 E mais, porque das *Parcas* liro entende
 Que ha de ser celebrada a clara Dea,
 Onde a gente beligera se estende.
 Assim que hum pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na persia permanecem,
 A qualquer seus amigos favorecem:

Qual *Austro* fero, ou *Boreas* na espessura,
 De silvestre arvoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com impeto e braueza desmedida.
 Brama toda montanha, o som murmura,
 Rompense as folhas, ferue a serra erguida.
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os Deoses no Olimpo consagrado:

Mas

Mas *Marte* que da Deosa sustentava,
 Entre todos as partes em porfia,
 Ou por que o amor antigo o obrigava,
 Ou por que a gente forte o merecia,
 De antre os Deoses em pee se levantava,
 Merencorio no gesto parecia:
 O forte escudo ao collo pendurado,
 Deitando pera tráz medonho e irado.

Aviseira do elmo de *Diamante*,
 Aleuando hum pouco, muy seguro,
 Por dar seu parecer se pos diante
 De *Jupiter*, armado, forte e duro:
 E dando hũa pancada penetrante,
 Co conto do bastão, no solio puro:
 O ceo tremeo, e *Apolo* de toruado,
 Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò padre a cujo imperio,
 Tudo aquillo obedece, que criaste,
 Se esta gente que busca outro *Emispherio*,
 Cuja valia, e obras tanto amaste:
 Não queres que padeção vituperio,
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste.
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que he sospeito.

Que

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tam prinado:
 Mas esta tenção sua, agora passe,
 Porque em fim vem de estamago danado:
 Que nunca tirará albea enueja,
 O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tês tomada,
 Nam tornes por detras pois he fraqueza
 Desistir se da cousa começada.
 Mercario pois excede em ligeireza
 Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
 Lhe va mostrar a terra, onde se informe
 Da lilia, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mauorte valeroso,
 E Nectar sobre todos esparzio:
 Pelo caminho Lacteo glorioso,
 Logo cada hum dos Deoses se partio.
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Pera os determinados apouentos.

Em

Em quanto isto se passa, na fermosa
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente
 Cortava o mar a gente belicosa:
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa
 Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente
 Queimava entam os Deoses, que Tifed
 Co temor grande em pexes conuerted.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
 Como quem o ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauão
 Sem nuués, sem reccio de perigo:
 O promontorio prasso ja passauão
 Na costa de Ethiopia, nome antigo.
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
 Nouas ilhas que em torno cerca, & láua.

Vasco da gama, o forte Capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo, & de altio coração,
 A quem fortuna sempre fauorece
 Pera se aqui deter, não ve razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinaua:
 Mas nam lhe soccedeo como cnydaua.

E eis

Eis apparecem logo em companhia,
 Hũs pequenos bateis, que vem daquella
 Que mais chegada à terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vella:
 A gente se aluoroca, & de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente sera esta, em si dezião,
 Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira
 Muy veloces, estreitas, & compridas,
 As vellas com que vem erão de esteira,
 Dũas folhas de Palma bem tecidas:
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras acendidas
 Ao mundo deu, de ousado, & não prudente,
 O Paulo o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos,
 De varias cores, brancos, & listrados,
 Hũs trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo ayroso sobraçados,
 Das cintas pera cima vem despídos:
 Por armas tem adagas, & tarçados.
 Com toucas na cabeça, & nauegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

Cos

Cos panos, & cos braços azenauão,
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,
 Pera que junto aas Ilhas amainassem.
 A gente, & marinheiros trabalhauão,
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:
 Tomão vellas, amainase a verga alta,
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente
 Estranha, polas cordas ja subia,
 No gesto ledos vem, & humanamente,
 O Capitão sublime os recebia.
 As mesas manda por em continente,
 Do licor que Lien prantado auia:
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,
 Quem erão, de que terra, que buscavão,
 Ou que partes do mar corrido tinhão?
 Os fortes Lusitanos lhe tornauão,
 As discretas repostas que conuinhão:
 Os Portugueses somos do Occidente,
 Humos buscando as terras do Oriente.

B

Do

Do mar temos corrido, & nauegado
 Toda a parte do Antartico, & Calisto,
 Toda a costa Affricana rodeado,
 Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:
 Dum Rei potente somos, tam amado,
 Tam querido de todos, & bem quisto:
 Que nam no largo Mar, com leda fronte:
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos
 A terra Oriental, que o Indo rega,
 Por elle o Mar remoto nauegamos,
 Que so dos feos Focas se nauega:
 Mas ja razao parece que saibamos;
 Se entre vos a verdade não se nega.
 Quem sois, que terra he esta que abitais?
 Ou se tendes da India algus suais?

Somos, hum dos das Ilhas lbe tornou,
 Estrangeiros na terra, Lei, & nação:
 Que os proprios, sam aquelles que crion
 A Natura sem Lei, & sem Razão:
 Nos temos a Lei certa que insinou,
 O claro descendente de Abrahamo:
 Que agora tem do Mundo o senhorio,
 Amay Hebreá teue, & o pay Gemo.

Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,
 He em toda esta terra certa escala,
 De todos os que as Ondas nauegamos,
 De Quiloa, de Mombaca, & de Sofala:
 E por ser necessaria, procuramos,
 Como proprios da terra, de habitala.
 E por que tudo em fim vos notifique,
 Chamase a pequena Ilha Mozambique.

E ja que de tam longe nauegais,
 Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
 Piloto aqui tereis, por quem sejais
 Guiados pelas ondas sabiamente.
 Tambem sera bemfeito que tenhais,
 Da terra algum refresco, & que o Regente
 Que esta terra gouerna, que vos veja,
 E do mais necessario vos proneja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
 A seus bateis com toda a companhia,
 Do Capitão & gente se apartou,
 Com mostras de deuida cortesia:
 Nisto Febo nas agoas encerrou,
 Co carro de Christal, o claro dia:
 Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
 O largo Mundo, em quanto reponhasse.

B 2

A noite

OS LUSIADAS DE L. DE CA

A noyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lũa os claros raios rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente viziaua;
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia:

CANTO PRIMEIRO.

11

Partia alegremente nauegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que sam aquellas gentes inhumanas:
Que os apousentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vierão: & por ordem do destino,
O Imperio tomarão a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
O Mouro, & toda sua companhia,
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que so pera este effeito ja trazia:
Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente
Não usado licor que dà alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,
Subida pela exarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, & uso,
E a lingoagem tam barbara & enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje, & a forte armada.
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinbão de Turquia.

B 3

E mais

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
 Os liuros de sua ley, preceito, ou fê;
 Pera ver se conforme à sua seja,
 Ou se sam dos de Christo, como crê;
 E porque tudo note, & tudo veja,
 Ao Capitão pedia, que lhe dê,
 Mostra das fortes armas de que vsauão,
 Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valeroso Capitão,
 Por hum que a lingua escura bem sabia:
 Darte ey Senhor illustre relação
 De my, da ley, das armas que trazia:
 Nem sou da terra, nem da geraçam,
 Das gentes enojosas de Turquia:
 Mas sou da forte Europa belicosa,
 Busco as terras da India tam famosa?

Aley tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, & inuisibil;
 Aquelle que criou todo o Emispherio,
 Tudo o que sente, & todo o insensibil:
 Que padeceo deshónra, & vituperio,
 Sofrendo morte injusta, & insufribil:
 E que do ceo aa terra em fim deceo,
 Por subir os mortais da terra ao ceo.

Deste:

Deste Deos homem, alto, & infinito,
 Os Liuros que tu pedes, nam trazia;
 Que bem posso escusar trazer escripto
 Em papel, o que na alma andar denia.
 Se as armas queres ver, como tês dito,
 Comprido esse desejo te seria:
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros, amosstrar as armaduras,
 Vem arneses, & peitos reluzentes,
 Malhas finas, & laminas seguras,
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pilouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, & sagittiferas aljauas,
 Partasanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente
 As panellas sulfureas, tam danosas,
 Porem aos de Vulcano nam consente
 Que dem fogo aas bombar das temerosas:
 Porque o generoso animo, & valente,
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,
 Não mostra quanto pode, & com razão,
 Que he fraqueza entre ouelhas fer lião.

B 4

Porem

Porem disto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que vio, com olho atento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Hũa vontade mã de pensamento.
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
 Mas com risinho, & ledo fingimento,
 Tratalos brandamente determina,
 Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse aa India ser leuado,
 Dizlhe, que o largo premio leuãrão,
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Prometellos o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, & tão danado:
 Que a morte se podesse neste dia,
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,
 Que aos estrangeiros supito tomou,
 Sabendo ser sequaces da verdade,
 Que o filho de Dauid nos ensinou,
 Os segredos daquella Eternidade
 A quem juyzo algum não alcançou.
 Que nunca falte hum perfido inimigo,
 A aquelles de quem foste tanto amigo?
 Partiose.

Partiose nisto em fim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido:
 Cortarão os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito apouso.

Do claro assento Etereo, o grão Tebano,
 Que da paternal coxa foy nascido
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuyda hum falso engano
 Com que seja de todo destruydo.
 E em quanto isto so na alma imaginava:
 Configo estas palauras praticava.

Estã do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Asão os Portugueses alcançado,
 Das Indianas gentes belicosas.
 E eu so filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça?
 Outrem, por quem meu nome se escureça?
 Ia quiserão

Ia quizeram os Deoses que tiuesse,
 O filho de Filipo nesta parte,
 Tanto poder, que tudo sometesse
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
 Mas asse de soffrer que o Fado desse,
 A tam poucos tamanho esforço, & arte
 Queu co gram Macedonio, & Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitan.?

Não sera assy, porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe sera tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu decerey aa terra, & o indignado
 Peito, reuolueray da Maura gente,
 Por que sempre por via yra direita,
 Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
 Sobre a terra Affricana descendeo,
 Onde vestindo a forma & gesto humano,
 Pera o Prasso sabido se moueo.
 E por milhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se conuerteo,
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, & co Xequé muy valido.

E entrando

E entrando assy a falar lhe, a tempo & horas,
 A sua falsidade acomodadas,
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,
 Estas que ora de nouo sam chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas,
 Forão por estes homēs que passauão,
 Que com pactos de paz sempre ancorauão:

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nos, & que todos seus intentos
 Sam pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O Capitão dos seus accomponhado,
 Que da tençam danada nasce o medo:
 Tu deues de yr tambem cos teus armado
 Esperallo em cilada, occulto & quedo:
 Por que saindo a gente descuydada,
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda não ficarem deste geito,
 Destruydos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginada no conceito,
 Outra manha & ardil que te contente:
 Mandalhe dar Piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, & tam prudente,
 Que os leue aonde sejam destruydos,
 Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
 O Mouro nos tais casos, sabio & velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Pera a guerra o beligero aparelho:
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
 Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano
 De quem fiar se possa hum feito grande,
 Diz lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por tais costas, & mares coelle ande:
 Que se daqui escapar, que la diante
 Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o

Ia o rayo Apolineo visitaua,
 Os Montes Nabatheos acendido,
 Quando Gama cos seus determinaua,
 De vir por agoa a terra apercebido:
 Agente nos bateis se concertaua,
 Como se fosse o engano ja sabido:
 Mas pode sospeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
 De antes pelo Piloto necessario:
 E foilhe respondido em som de guerra,
 Caso do que cuydaua muy contrario:
 Por isto, & porque sabe quanto erra,
 Quem se cre de seu perfido aduersario,
 Apercebido-vay como podia,
 Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
 Por lhe defender a agoa desejada,
 Hum de escudo embarcado, & de azagaya,
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:
 Esperão que a guerreira gente saye,
 Outros muytos ja postos em cillada.
 E porque o caso leue se lhe faça,
 Poem hūs poucos diante por negaça.

Andão

Andão pela ribeira alua arenosa,
 Os belicosos Mouros acenando,
 Com a adarga, & co a astea perigosa,
 Os fortes Portugueses incitando:
 Nam soffre muito a gente generosa,
 Andar lhe os cães os dentes amostrando.
 Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no carro sanguino, o ledo amante,
 Vendo a ferrosa dama desejada,
 O Teuro busca, & pondo se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:
 Mas o animal atroçe nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, & os olhos cerra,
 Terriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta,
 Na furiosa & dura artilheria,
 A plumbea pela mata, o brado espanta:
 Ferido o ar retumba, & affonia:
 O coraçam dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfria.
 Ia foz o escondido de medroso,
 E morre o descuberto aventureoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata
 A pouoção sem muro, & sem defesa,
 Esbombardea, acende, & desbarata.
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
 Que bem cuidou comprala mais barata:
 Ia blasfema da guerra, & maldizja,
 O velho inerte, & a mãy que o filha cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,
 Sem força, de couarde, & de apressado,
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,
 Dalhe armas o furor desatinado:
 Ia a llha, & todo o mais, desemparrando,
 Aa terra firme foge amedrontado.
 Passa, & corta do mar o estreito braço,
 Que a llha em torno cerca, em pouco espaço.

Hús vão nas almádiás carregadas,
 Hum corta o mar a nado diligente,
 Quem se affoga nas ondas encruvadas,
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
 Arrombão as meudas bombardadas
 Os Pangaios sotis da bruta gente.
 Desta arte o Portugues em fim castiga,
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

Tornão victoriosos pera a armada,
 Co despojo da guerra, & rica presa,
 E vão a seu prazer fazer agoada,
 Sem achar resistencia, nem defesa
 Ficaua a Maura gente magoada,
 No odio antigo, mais que nunca acesa.
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
 O Regedor daquella inica terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o Piloto falso prometido,
 Que toda a mã tenção no peito encerra.
 Pera os guiar aa morte lhe mandaua,
 Como em final das pazes que trataua.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, & ventos tinha,
 Pera yr buscar o Indo desejada.
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,
 Foy delle alegremente agasalhado:
 E respondendo ao mensageiro, a tento
 Aas vellas manda dar ao largo vento.

Destá

Destá arte despedida a forte armada,
 As ondas de Anfitrite diuidia,
 Das filhas de Nerêo acompanhada,
 Fiel, alegre, & doce companhia.
 O Capitão, que não cabia em nada,
 Do enganoso ardil que o Mouro vr dia:
 Delle muy largamente se informaua,
 Da India toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
 Que o maleuolo Baco lhe ensinara
 De morte, ou captiueiro novos danos,
 Antes que aa India chegue lhe prepara,
 Dando razão dos portos Indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara.
 Que auendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,
 Com que Synon os Phrigios enganou,
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,
 Povo antigo Christão sempre abitou:
 O Capitão que a tudo estaua a tento,
 Tanto co estas nouas se alegrou,
 Que com diduias grandes lhe rogaua,
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C

Ho

Ho mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro Christão lhe manda & pede,
 Que a Ilha he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mahamede:
 Aqui o engano & morte lhe imagina,
 Porque em poder & forças muito excede
 Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
 Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por yr buscar a morte não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada.
 E com ventos contrairos a desuia,
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
 Tal determinação leuar auante,
 Outra maldade inica cometendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
 Os leuãrão por força por diante,
 Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
 Erão Chr stãos com Mouros juntamente.

Tambem

Tambem nestas palauras lhe mentia,
 Como por regimento em fim leuava,
 Que aqui gente de Christo não auia:
 Mas a que a Mahamede celebrava.
 O Capitão que em tudo o mouro cria,
 Virando as vellas, a Ilha demandava:
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,
 Nam entra pela barra, & surge fora.

Estava a Ilha aa terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Hũa cidade nella situada,
 Que na frente do mar aparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora, ao longe descobria,
 Regida por hum Rei de antiqua idade,
 Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente ledo, por que espera
 De poder ver o pouo baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,
 Que Baco muito de antes o auisara,
 Na forma doutro Mouro que tomara:

(2 O recudo

O recado que trazem he de amigos:

Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.

O grandes & grauiſſimos perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem sua eſperança,
Tenha a vida tam pouca ſegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta neceſſidade auorrecida:
Onde pode acolherſe hum fraco humano,
Onde terá ſegura a curta vida?
Que não ſe arme, & ſe indigne o Ceo ſereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

Canto Segundo.

NA neste tempo o
lucido Planeta,
Que as horas vay do dia diſtin-
guindo,

Chegaua aa deſejada, & lenta Meta,
A luz Celeſte aas gentes encobrimdo:
E da caſa maritima ſecreta,
Lhe eſtaua o Deos Nocturno a porta abrido:
Quando as infidas gentes ſe chegarão
Aas naos, que pouco auia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,
O mortifero engano, aſſi dezia:
Capitão valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & ſalſa via,
O Rei que manda eſta Ilha, aluorçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam deſeja mais que agasalharte,
Verte, & do neceſſario reformarte.

C 3

E porque

E porque está em estremo desejofo
 De te ver, como conſa nomeada,
 Te roga que de nada receofo,
 Entres a barra, tu com toda armada:
 E porque do caminho trabalhofo,
 Traras a gente debil, & cansada,
 Diz que na terra podes reformala,
 Que a natureza obriga a deſejala,

E ſe buscando vas mercadoria,
 Que produce o aurifero Leuante,
 Canella, Crauo, ardente eſpeciaria,
 Ou Droga ſalutifera, & preſtante:
 Ou ſe queres luzente pedraria,
 O Rubi fino, o rigido Diamante:
 Daqui leuaras tudo tam ſobejo,
 Com que faças o fim a teu deſejo:

Ao meſſageiro o Capitão reſponde,
 As palauras do Rei agradecendo,
 E diz, que porque o Sol no mar ſe eſconde,
 Não entra pera dentro obedecendo,
 Porem que como a luz moſtrar por onde
 Va ſem perigo, a frota não temendo,
 Comprirá ſem receio ſeu mandado,
 Que a mais por tal ſenhor está obrigado.

Perguntalhe

Perguntalhe deſpois, ſe estão na terra
 Chriſtãos, como o Piloto lhe dezia,
 O meſſageiro aſtuto que não erra,
 Lhe diz, que a mais da gẽte em Chriſto cria:
 Deſta ſorte do peito lhe deſtterra
 Toda a ſoſpeita, & cauta fantaſia:
 Por onde o Capitão ſeguramente,
 Se fia da infiel, & falſa gente.

E de algũs que trazia condenados,
 Por culpas, & por feitos vergonhoſos,
 Porque podesſem ſer auenturados,
 Em caſos deſta ſorte duuidosos:
 Manda dous mais ſagazes, enſaiados,
 Porque notem dos Mouros enganoſos,
 A Cidade, & poder, & porque vejão,
 Os que Chriſtãos, que ſo tanto ver deſejão.

E por eſtes ao Rei preſentes manda,
 Porque a boa vontade que moſtraua,
 Tenha firme, ſegura, limpa, & branda;
 A qual bem ao contrario em tudo eſtaua.
 Ia a companhia perfida, enefanda
 Das naos ſe deſpedia, & o mar cortaua,
 Foram com geſtos ledos, & fingidos,
 Os dous da frota em terra recebidos.

(4 E deſpois

E depois que ao Rei apresentarão,
 Co recado os presentes que trazião,
 A Cidade correrão, & notarão
 Muito menos daquillo que querião,
 Que os Mouros cauteლოს se guardarão
 De lhe mostrarem tudo o que pedião.
 Que onde reina a malicia, está o receio
 Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido
 De duas mãis: que vrdia a falsidade,
 Por ver o nauegante destruydo:
 Estaua nũa casa da Cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido
 Mostrando-se Christão, & fabricaua.
 Hum altar sumptuoso que adoraua..

Alí tinha em retrato affigurada
 Do alto & Sancto espirito a pintura,
 A candeia Pombinha debuxada,
 Sobre a vnica Fenix virgem pura,
 A companhia sancta está pintada,
 Dos doze tam toruados na figura,
 Como os que, so das lingoas que cayrão,
 De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui

Aqui os dous companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Baco estaua
 Poem em terra os giolhos, & os sentidos
 Naquelle Deos, que o mundo gouernaua
 Os cheiros excellentes produziolos,
 Na Panchaia odorifera queimaua
 O Thioneu, & assi por derradeiro
 O falso Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agasalhados,
 Com todo o bom, & honesto tratamento
 Os dous Christãos, nam vendo que enganado
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:
 Mas assi como os rayos espalhados
 Do Sol forão no mundo, & num momento,
 Apareceo no rubido Orizonte,
 Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo
 Os dous que o Capitão tinha mandado,
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
 E sendo o Portugues certificado,
 De não auer receio de perigo.
 E que gente de Christo em terra auia,
 Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

Dizem lhe os que mandon, que em terra virão,
 Sacras aras, & sacerdote sancto,
 Que ali se agasalharão, & dormirão,
 Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
 E que no Rei, & gentes não sentirão
 Senão contentamento, & gosto tanto:
 Que não podia certo auer sospeita,
 Nua mostra tão clara, & tão perfeita:

Co isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subião,
 Que leuemente hum animo se fia,
 De mostras que tão certas parecião:
 A nao da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos que trazião:
 Alegres vinhão todos, porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,
 Armas, & monições, que como vissem
 Que no Rio os nauios ancorauão,
 Nelles ousadamente se subissem:
 E nesta treição determinauão,
 Que os de Luso de todo destruissem:
 E que incautos pagassem deste geito
 O mal que em Moçambique tinhão feito:

As

As ancoras tenaces vão leuando,
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as vellas sos ao vento dando,
 Inclmão pera a barra abalisada:
 Mas a linda Ericina, que guardando
 Andaua sempre a gente afindalada:
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,
 Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.

Conuoca as aluas filhas de Nêrêo,
 Com toda a mais cerulea companhia,
 Que por que no salgado Mar nasceo,
 Das agoas o poder lhe obedecia.
 E propondo lhe a causa a que deceo,
 Com todos juntamente se partia:
 Pera estoruar que a armada não chegasse
 Aonde pera sempre se acabasse.

Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma,
 Cloto co peito corta, & atraueffa
 Com mais furor o Mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa,
 Por cima da agoa crespa, em força suma:
 Abrem caminho as ondas encruuadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
 Vay a linda Dione furiosa,
 Não sente quem a leua o doce peso,
 De soberbo, com carga tam sermosa:
 Ia chegão perto donde o vento teso,
 Enche as vellas da frota belicosa.
 Repartense, & rodeão nesse instante
 As naos ligeiras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em d'reito
 Da proa capitaina, & ali fechando,
 O caminho da barra estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a vella inchado:
 Poem no madeiro duro o brando peito,
 Pera detras a forte nao forçando.
 Outras em derredor leuandoa estauão,
 E da barra inimiga a desuiauão.

Quaes pera a coua as prôuidas formigas,
 Leuando o peso grande acomodado,
 As forças exercitão, de inimigas,
 Do inimigo Inverno congelado:
 Ali sam seus trabalhos, & fadigas,
 Ali mostrão vigor nunca esperado.
 Tais andauão as Nymphas estoruando
 Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

Torna pera detras a Nao forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando,
 Mareão vellas, ferue a gente yrada,
 O leme a hum bordo, & a outro atraueffando
 O Mestre astuto em vão da popa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estaua hum maritimo penedo,
 Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

Aceleuma medonha se aleananta,
 No rudo Marinheiro que trabalha,
 O grande estrondo, a Miura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha:
 Nam sabem a razão de furia tanta,
 Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,
 Cuydão que seus enganos sam sabidos,
 E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se linçauão,
 A seus bateis veloces que trazião,
 Outros encima o mar aleanantauão,
 Saltando nagoa a nado se acolhião:
 De hum bordo & doutro subito saltauão,
 Que o me.lo os compelia do que vião.
 Que antes querem ao mar auenturar se,
 Que nas mãos inimigas entregar se.

Assi

Assi como em seluatica alagoa,
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fora da agoa incautamente,
 Daqui, & dali saltando, o charco soa,
 Por fogir do perigo que se sente,
 E acolhendo se ao conto que conhecem,
 Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiâra,
 Crendo que seu engano estava noto,
 Tambem foge saltando na agoa amara:
 Mas por nam darem no penedo immoto,
 Onde perção a vida doce, & cara:
 A ancra solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza
 Dos Mouros não cuidada, & juntamente,
 O Piloto fugir lhe com presteza,
 Entende o que ordenaua a bruta gente,
 E vendo sem contraste, & sem braueza
 Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
 Que a Nao passar auante não podia,
 Auendo o por milagre assi dezia.

O caso

O caso grande, estranho, & não cuydado,
 O milagre clarissimo, & euidente,
 O descoberto engano inopinado,
 O perfida inimiga, & falsa gente,
 Quem poderá do mal aparelhado
 Liurar-se sem perigo sabiamente.
 Se la de cima a guarda soberana,
 Não aeudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
 Destes portos, a pouca segurança,
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança
 Mas pois saber humano, nem prudencia
 Enganos tam fingidos nam alcança:
 O tu guarda diuina, tem cuidadio
 De quem sem ti nam pôde ser guardadio.

E se te moue tanto a piedade,
 Desta misera gente peregrina,
 Que so por tua altissima bondade,
 Da gente a saluas, perfida & malina,
 Nalgum porto seguro de verdade:
 Conduzirnos ja agora determina,
 Ou nos amostra a terra que buscamos,
 Pois so por teu seruico nauegamos.

Ouuio lbe

Quuiolhe estas palauras piadosas,
 A fermosa Dione, & comouida,
 Dantre as Nymphas se vay, que saudosas
 Ficarão desta subita partida:
 Ia penetra as Estrellas luminosas,
 Ia na terceyra Esphera recebida
 Auante passa, & la no sexto Ceo
 Pera onde estava o Padre se moueo.

E como bia afrontada do caminho
 Tão fermosa no gesto se mostraua,
 Queas Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
 Etudo quanto a via namoraua
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
 Hūs espiritos diuos inspiraua,
 Com que os Polos gelados acendia,
 E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foy sempre amada, & cara
 Se lhapresenta assi como ao Troyano,
 Na selua Idea ja se apresentara:
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
 Nunca os famintos galgos o matarão,
 Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

Os crespos fios douro se esparzião
 Pelo colo, que a neue escorecia,
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,
 Com quem Amor brincava, & não se via:
 Da alua petrina flamas lhe saião,
 Onde o minino as almas acendia.
 Polas lisas colūnas lhe trepauão,
 Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo,
 Porem nem tudo esconde, nem descobre
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Ia se sentem no Ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico sembrante,
 Co riso hũa tristeza misturada,
 Como dama que foi do incauto amante,
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada.
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,
 Que pera as cousas, que eu do peito amasse
 Te achasse brando, affabil, & amoroso,
 Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
 Mas pois que contra my te vejo yroso,
 Sem quanto merecesse, nem te errasse.
 Faça-se como Baco determina,
 Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
 As lagrimas que em vão caidas vejo,
 Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro, & bramo,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois porque o amo he mal tratado,
 Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gente
 Que pois eu fuy: & nisto de mimosa
 O rosto banha, em lagrimas ardentes,
 Como co orualho fica a fresca rosa.
 Calada hum pouco, como se entre os dentes
 Lhe impedira a falla piedosa.
 Torna a seguila, & indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.
 E destas

E destas brandas mostras comouido,
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido,
 Torna sereno & claro o ar escuro.
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido
 Na face a beija, & abraça o colo puro.
 De modo que dali, se so se achára,
 Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,
 Como minino da ama castigado,
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
 Por lhe por em sossego o peito yrado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta.
 Dos fados as entranhas reuoluendo,
 Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Fermosa filha minha não temais
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometo filha que vejais
 Esquecerem-se Gregos & Romanos.
 Pelos illustres feitos que esta gente,
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Vlisses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterna escravo:
E se Antenor os seios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauro.
E se o piadoso Eneas nauugou,
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo:
Os vossos môres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis milbores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o lido vay buscando,
Tremar delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrestando.
O caso nunca visto, & milagroso
Que trema, & ferua o Mar em calma estado:
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vão descansar da longa via,
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero enganó, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Não poder resistir ao Luso horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornar selhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, & sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo:
Ali se mostrará seu preço, & sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo.
Enuejoso vereis o grão Mauorte,
Do peito Lusitano, fero & horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema,
Do falso Mubamede ao Ceo blasfema.

D 3 Goa

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora,
 De todo o Oriente, & sublimada
 Cos triumphos da gente vencedora.
 Ali soberba altiva, & exalçada,
 Ao Gentio que os Idolos adora.
 Duro freo porá, & atoda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,
 De Cananor, com pouca força & gente:
 E vereis Calecu desbaratar-se,
 Cidade populosa, & tam potente.
 E vereis em Cochim asinalarse,
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,
 Que litara ja mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
 Se vio feruer Leucate, quando Augusto
 Nas ciuís Aétias guerras animoso,
 O Capitão venceo Romano injusto,
 Que dos pouos de Aurora, & do famoso
 Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,
 A victoria trazia, & presa rica,
 Preso da Egipcia linda & não pudica.

Como

Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelejando,
 Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando.
 E fogueita a rica Aurea Chersonezo,
 Ate o longico Chinanauegando.
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se vera tam forte peito,
 Do Gangetico mar ao Gaditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto que em todo o mundo, de affrontados
 Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia aa terra, por que tenha,
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha:
 E pera que em Mombaça, auenturado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe mada mais, que em sonhos lhe mostrasse.
 A terra, onde quieto repousasse.

D 4 la

la pelo ar o Cylênô voava,
 Com as asas nos pés aa terra dege,
 Sua vara fatal na mão leuava,
 Com que os olhos cansados adormece:
 Com esta, as tristes almas renocava,
 Do Inferno, & o vento lhe obedece.
 Na cabeça o galêo costumado,
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama letia, porque diga,
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,
 Que o nôme illustre a hũ certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado & caro.
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,
 Co rumor famosissimo, & perclaro.
 Ia Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaca logo parte,
 Aonde as naos estão temerosas,
 Pera que aa gente mande que se aparte,
 Da barra amiga, & terras sospeitosas:
 Porque muy pouco valesforço, & arte,
 Contra infernais vontades enganosas:
 Pouco val coração, astucia, & siso,
 Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,
 Tinbão o largo Mundo alumiado,
 E so co sono a gente se recreia.
 O Capitão illustre, ja cansado,
 De vigiar a noite, que arreceia,
 Breue reponso antam aos olhos dana,
 Aoutra gente a quartos viziana.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
 Da cilada que o Rei maluado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauorece,
 Sereno o tempo tẽs, & o Oceano,
 E outro Rei mais amigo, noutra parte,
 Onde podes seguro agasalharte.

Não tens aqui se não aparelhado,
 O hospicio que o cru Diomedes daua,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De caualllos a gente que hospedaua:
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hospedes tristes imolaua:
 Terds certas aqui, se muito esperas,
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vante

Vaite ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade
 La quasi junto donde o Sol ardendo,
 Iguala o dia, & noite em quantidade:
 Ali tua frota alegre recebendo
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
 Ao Capitão, que com muy grande espanto
 Acorda, & ve ferida a escura treua,
 De hũa subita luz, & rayo sancto:
 E vendo claro quanto lhe releua,
 Não se deter na terra iniqua tanto.
 Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
 Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
 Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
 Que hum mensageiro vi do claro assento
 Que so em fauor de nossos passos anda:
 Aleuantase nisto o movimento,
 Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
 Leuão gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força, que se estima.

Neste

Neste tempo, que as ancoras leuanão,
 Na sombra escura os Mouros escondidos,
 Mansamente as amarras lhe cortauão,
 Por serem, dando aa costa, destruydos:
 Mas com vista de Linceos vigiuaõ,
 Os Portugueses sempre apercebidos.
 Elles como acordados os sentirão,
 Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,
 Hião as vias humidas de argento,
 Assopralhe galerno o vento, & brando,
 Com suaue & seguro movimento,
 Nos perigos passados vão falando,
 Que mal se perderão do pensamento,
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
 E noutra começaua, quando virão
 Ao longe dous nauios, brandamente
 Cos ventos nauegando, que respirão,
 Porque auião de ser da Maura gente,
 Pera elles arribando, as vellas virão.
 Hum de temor do mal que arrecaua,
 Por se saluar a gente aa costa daua.

Não

Não he o outro que fica tão manhoso:
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano,
 Que como fosse debil & medroso,
 Da pouca gente o fraco peito humano:
 Não teue resistencia, & se a tiuêra,
 Mais d'ão resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejasse,
 Piloto pera a India que buscaua,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
 Mas não lhe soccedeo como cuidaua,
 Que nenhum delles ha que lhe insinasse
 A que parte dos Ceos a India estaua.
 Porem dizem lhe todos, que tem perto,
 Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
 Condiçam liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, & humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitão o assella por verdade,
 Porque ja lho dissera deste geito,
 O Cylênêo em sonhos, & partia,
 Pera pnde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entrava,
 No roubador de Europa a luz Febea,
 Quando hum, & o outro corno lhe aquecentaue
 E Flora derramaua o de Analtbea:
 A memoria do dia renouaua,
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
 Em que aquelle, a quem tudo está sozeito,
 O sell' pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota a aquella parte,
 Onde o Reino Melinde ja se via,
 De toldos a lornida, & lida de arte
 Que bem mostra estimar o Santo dia:
 Treme a Banleira, voa o Estandarte,
 Acor purpurea ao longe apparecia.
 Soão os atambores & pandeiros,
 E assi entramão ledos & guerreiros.

Enche se toda a praya Melindana,
 Da gente que vem ver a ledra armada,
 Gente mais ver ladeira, & mais humana
 Que toda a doutra terra atras deixada.
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no fiado a ancora pesada.
 Man lio fora hum dos Mouros q' tomirão,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.

O Rei

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generosos enobrece.
Lhe manda rogar muyto que saisssem,
Pera que de seus Reinos se servissem:

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
Que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que antam na terra auia,
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
Que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.

E manda

CANTO SEGUNDO.

32

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da suma lusiça concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Não menos delle amado, que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que quèremos.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cubicadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado.
Que

Que geração tam dura abi de gente?

Que barbaro costume, & vsança fea,

Que não vedem os pertos, tam somente:

Mas inda o hospicio da deserta area?

Que ma tençam? que peito em nos se senie?

Que de tam pouca gente se arrecea.

Que com laços armados tam fingidos,

Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos

Acharse mais verdade, ô Rei benigno,

E aquella certa ajuda em ti esperamos,

Que teue o perdido Itaco em Alcino:

A teu porto seguros nauegamos,

Conduzidos do interprete diuino.

Que pois a ti nos manda, està muy claro,

Que es de peito sincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não saisse,

O nosso Capitão esclarecido

A verte, ou a servirte, porque visse

Ou sospeitasse em ti peito fingido:

Mas saberas que o fez porque comprisse,

O regimento em tudo obedecido,

De seu Rei, que lhe manda que nam saia,

Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

E porque

E porque he de vassalos, o exercicio,

Que os membros tem regidos da cabeça

Não quereras, pois tês de Rei o officio,

Que ninguem a seu Rei desobedeça:

Mas as merces, & o grandê beneficio,

Que ora acha em ti, promete que conheça

Em tudo aquillo que elle & os seus poderem,

Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,

Hũs com outros em pratica fallando,

Louuauão muito o estamago da gente,

Que tantos Ceos & mares vai passando,

E o Rei illustre, o peito obediente,

Dos Portugueses, na alma imaginando.

Tinha por valor grande, & muy subido,

O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,

Responde ao Embaixador, que tanto estima

Toda a sospeita mà tiray do peito,

Nenhum frio temor em vos se imprima:

Que vosso preço, & obras sam de geito,

Pera vos ter o mundo em muyta estima:

E quem vos fez molesto tratamento,

Não pode ter jobido pensamento.

E

De

De não sair em terra toda a gente,
 Por observar a usada preminencia,
 Ainda que me pese estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia:
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirey que a excelencia,
 De peitos tão leais em si desfaça,
 So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,
 Ao mundo for, em minhas almadias,
 Eu irey visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, & longas vias:
 Aqui tera, de limpos pensamentos
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
 O filho de Latona, & o mensageiro
 Coa embaixada alegre se partia
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:
 Enchem se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro,
 Pera acharem a terra que buscavão,
 E assi ledos a noite festejavão.

Não

Não faltão ali os rayos de arteficio,
 Os tremulos Cometas imitando,
 Fazem os Bombardeiros seu officio:
 O ceo, a terra, & as ondas atroando.
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
 Nas bombas que de fogo estão queimando,
 Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
 Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,
 Co rayo volteando, com zomido,
 Anda em giros no ar a roda ardente,
 Estoura o po sulfureo escondido:
 A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
 O Mar se via em fogos acendido:
 E não menos a terra, & assi festeja
 Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
 As gentes incitava a seu trabalho,
 E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
 Ao sono longo punha certo atalho:
 Hião se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,
 Quando o Rei Milindano se embarcava
 A ver a frota que no mar estava.

E 2

Vião se

Vião se em derredor feruer as prayas
 Da gente, que a ver so concorre leda,
 Luzem da fina purpura as cabaiaes,
 Lustrão os panos da tecida seda:
 Em lugar de guerreiras azagaiaes,
 E do arco, que os cornos arremeda
 Dá Lúa, trazem ramos de Palmeira,
 Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que tollado
 Vinha de sedas de diuersas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu Reino, & de senhores:
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes, & primores.
 Na cabeça hũa fota guarnecida,
 De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,
 Dá Tiria cor, entre elles estimada,
 Hum collar ao pescoço de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada,
 Cum resplendor reluze Adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem laurada.
 Nas alparcas dos pês, em fim de tudo,
 Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com

Com hum redondo emparo alto de seda,
 Nũa alta & dourada astea enxerido,
 Hum ministro aa solar quentura veda,
 Que não offenda & queime o Rei subido:
 Musica traz na proa, estranha & leda,
 De aspero som, horrissimo ao ouuido:
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa & honrada companhia:
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
 Mas Francesa era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que Fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pruma na gorra, hum pouco declinada.

E 3

Nos

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dá o Múrice excelente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traço diferente:
 Tal o fermoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente:
 Qual aparece o arco rutilante,
 Da bella Nímpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,
 Os animos alegres refoando,
 Dos Mouros os bateis o Mar coalbauão,
 Os toldos pelas agoas arrojando:
 As bombardas horriffonas bramando,
 Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
 Ameudam se os brados acendidos,
 Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

La no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o leuava,
 Elle coa cortesia, que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 Cúas mostras de espanto, & admiração,
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,
 Como quem em muy grande estima tinha,
 Gente que de tam longe à Índia vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offerece,
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse.
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
 Quando nella ganhãrão a coroa
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
 E com muitas palauras apregoa,
 O menos que os de Luso merecerão:
 E o mais que pela fama o Rei sabia:
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, & aduersidade,
 Dos mares experimenta a furia insana.
 Aquella alta, & diuina eternidade,
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
 Pois que de ti tais obras recebemos,
 Te pague o que nos outros não podemos.

E 4 Tu so

Tu so de todos quantos queima Apolo,
 Nos recebes em paz do Mar profundo
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo:
 Em quanto apacentar o largo Polo,
 As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
 Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,
 Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
 Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
 A frota co as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangião,
 Cos anafis os Mouros respondião.

Mas depois de ser tudo ja notado,
 Do generoso Mouro, que pasmaua,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostraua,
 Mandaua estar quieto, & ancorado,
 Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
 Por fallar de vagar co forte Gama,
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitava, perguntando agora,
 Pelas guerras famosas & excelentes,
 Co pouo áuidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hispheria vltima, onde mora:
 Agora pelos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, & região
 Do Mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geração,
 E o principio do Reino tam potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o Mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros albeios,
 Que a nossa Affrica ruda tem criado
 Conta: que agora vem cos aureos freios,
 Os caualllos que o carro marchetado,
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

Enão

Enão menos co tempo se parece,
 O desejo de ouirte o que contares,
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares:
 Não tanto desuiado resplandece,
 De nos o claro Sol, pera julgares.
 Que os Melindanos tem tam rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito:

Cometerão soberbos os Gigantes,
 Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
 Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
 O Reino de Plutão horrendo & escuro,
 Se ouue feitos no mundo tam possantes,
 Não menos he trabalho illustre, & duro,
 Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
 Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do sutil Tesifonio fabricado,
 Horostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no mundo, & nomeado:
 Se tambem com tais obras nos engana,
 O desejo de hum nome auentajado.
 Mais razão ha que queira eterna gloria
 Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

Canto Terceiro.



Gora tu Caliope

me ensina,
 O que contou ao Rei, o illustre
 Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,
 Neste peito mortal, que tanto te ama.
 Assim o claro inuentor da Medicina,
 De quem Orpheo pariste, o linda Dama:
 Nunca por Daphne, Clície, ou Leucothôe
 Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nymfa em effeito meu desejo,
 Como mereçe a gente Lusitana,
 Que veja & saiba o mundo que do Tejo
 O licor de Aganipe corre & mana,
 Deixa as flores de Pindo, que já vejo.
 Banharme Apolo na agoa soberana.
 Senão direy, que tês algum receio,
 Que se escureça o teu querido Orpheio:

Promptos

Promptos estauão todos escuitando,
 O que o sublime Gama contaria
 Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,
 Aleuantando o rosto, assi dizia:
 Mandas me, o Rei, que conte declarando,
 De minha gente a grão geanalosia:
 Não me manda contar estranha historia:
 Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço albeio,
 Causa he que se costuma, & se deseja:
 Mas louuar os meus proprios, arreccio,
 Que louvor tão sospeito mal me esteja,
 E pera dizer tudo, temo & creio,
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,
 Irei contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He não poder mentir no que disser,
 Porque de feitos tais, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer:
 Mas por que nisto a ordem leue & siga,
 Segundo o que desejás de saber.
 Primeiro tratarey da larga terra,
 Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senborea,
 Meta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
 Com suas faldas ondas o Oceano,
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se auizinha: mas o Rio
 Que dos montes Rifeios vay correndo,
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:
 Onde agora de Troia triunfante,
 Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
 Os montes Hyperboreos aparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome do sopros, se ennobrece,
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandecem.
 Que a neuê està contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

Aqui dos Cytas, grande quantidade
 Viuem, que antigamente grande guerra
 Tiverão, sobre a humana antiguidade,
 Cos que tinhão antão a Egipcia terra:
 Mas quem tão fora estava da verdade,
 (Ia que o juyzo humano tanto erra.)
 Pera que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora nestas partes se nomea,
 A Lapia fria, a inculta Noruega,
 Escandinavia Ilha, que se arrega,
 Das victorias que Italia não lhe nega
 Aqui, em quanto as agoas não refrea,
 O congelado Inverno, se nauega.
 Hum braço do Sarmatico Occeoano,
 Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano:

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunios,
 Sarmatas outro tempo, & na montanha
 Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
 Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
 E outras varias nações, que o Reno frio
 Lava, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
 Estão os Traces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tam querida,
 Onde co Hemo, o Rodope sugeito
 Ao Otomano está, que sometida,
 Bizancio tem a seu serviço indino,
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agoa fria:
 E vos também, o terras excelentes,
 Nos costumes, engenhos, & ousadia,
 Que criastes os peitos eloquentes,
 E os juiços de alta fantasia:
 Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,
 Onde Antenor ja muros leuanteou,
 A soberba Veneza está no meio
 Das agoas, que tam baixa começou
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
 De esforço, nações varias fogueitou,
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
 Cos muros naturais, por outra parte,
 Pelo meyo o diuide o Apinino,
 Que tam illustre fez o patrio Marte:
 Mas despois que o porteiro tem diuino,
 Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
 Pobre està ja de antiga potestade,
 Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,
 Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,
 Que do Sequana, & Rôdano he regada,
 E do Garuna frio, & Reno fundo:
 Logo os montes da Nimpha sepultada
 Pyrene se aleuantão, que segundo
 Antiguidades contão, quando arderão,
 Rios de ouro, & de prata antão correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
 Como cabeça ali de Europa toda,
 Em cujo senhorio & gloria estranha,
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderá, com força, ou manha,
 A fortuna inquieta porlhe noda:
 Que lha não tire o esforço & ousadia,
 Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

Com Tingitania entesta, & ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho do Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Occeano.
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he millhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,
 Sujeitando Partênopé inquieta,
 O Nauarro, as Asturias, que reparo
 Ia forão, contra a gente Mahometa,
 Tem o Galego cauto, & o grande & raro
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,
 Restituidor de Espanha, & senhor della,
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,
 E onde Febo repousa no Occeano:
 Este quis o Ceo justo, que florece
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,
 Deitando o de si fora, & la na ardente
 Affrica estar quieto o nam consente.

E Esta he

Esta he a ditosa patria minha amada,
 Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
 Torne, com esta empresa ja acabada,
 Acabese esta luz ali comigo.
 Esta foy Lusitania dirinada,
 De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,
 Filhos forão parece, ou companheiros,
 E nella antam os Incolas primeiros.

Deſta o Pastor nasceo, que no ſeu nome
 Se ve, que de homem forte os feitos teue,
 Cuja fama, ninguem virà que dome,
 Pois a grande de Roma não ſe atreue:
 Eſta, o velho que os filhos proprios come,
 Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,
 Veo a fazer no mundo tanta parte,
 Criando a Reino illuſtre, & foi deſta arte.

Hum Rei, por nome Affonſo, foy na Eſpanha,
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
 Que por armas ſanguinas, força & manha
 A muitos fez perder a vida, & a terra:
 Voando deſte Rei a fama eſtranha,
 Do Herculano Calpe aa Caſpia ſerra,
 Muitos, pera na guerra eſclarecerſe,
 Vinhão a elle, & aa morte offerecerſe.
 E com

E com hum amor intrinſeco acendidos
 Da Fè, mais que das honras populares,
 Erão de varias terras conduzidos,
 Deixando a patria amada, & proprios lares
 Deſpois que em feitos altos & ſubidos.
 Se mostrarão nas armas ſingulares.
 Quis o famoso Affonſo, que obras tais,
 Leuaſſem premio digno, & dões iguais.

Deſtes Anrique dizem que ſegundo,
 Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,
 Portugal ouue em ſorte, que no Mundo
 Entam não era illuſtre, nem prezado:
 E pera mais ſinal damor profundo,
 Quis o Rei Caſtelhano, que caſado,
 Com Tereſa ſua filha o Conde foſſe,
 E com ella das terras tomou poſſe.

Eſte deſpois que contra os deſcendentes,
 Da eſcraua Agar, victorias grandes teue,
 Ganhando muitas terras adjacentes,
 Fazendo o que a ſeu forte peito deue.
 Em premio deſtes feitos excellentes,
 Deulhe o ſupremo Deos, em tempo breue,
 Hum filho, que illuſtraſſe o nome uſano
 Do belicoſo Reino Luſitano.

La tinha vindo Anrique da conquista,
 Da cidade Hyerosolima sagrada,
 E do lordão a area tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lauada,
 Que não tendo Gotfredo a quem resista,
 Depois de ter Iudea sojugada.
 Muitos que nestas guerras o ajudarão,
 Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte & famoso Vngaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deu, a quem lho tinha dado:
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pay deixava seu traslado:
 Que do Mundo os mais fortes igualava,
 Que de tal pay tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sey se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãy tomando todo o estado
 Do segundo Hymeneo, não se despreza:
 O filho orfão deixava de herdado,
 Dizendo que nas terras, a grandeza
 Do senhorio todo, so sua era,
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamava, do Auô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãy com seu marido as mãda & come,
 Feruendo lhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Revolvidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,
 Co sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor, & a terra,
 Co elle posta em campo ja se via,
 E não ve a soberba, o muito que erra.
 Contra Deos, contra o maternal amor:
 Mas nella o sensualera maior.

O Progne crua, o magica Medea,
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa albeia,
 Olhay que inda Teresa peca mais:
 Incontinencia ma, cubica fea,
 São as causas deste erro principais.
 Scilla por hũa mata o velho pay,
 Esta por ambas, contra o filho vay.

F 3

Mas

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padrao & da mica mãy leuaua,
La lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra e' le pelejava.
Porem vencido de Ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos ataua.
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Pera vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa.
Não so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazer-se o inimigo magoado:
Mas com se offerêcer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy lurado.
Que de outra arte podêra ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
De Egas moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sojeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,
Que o Principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia que esperaua.
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Castella não cuydaua,
Determina de dar a doce vida,
A troco da pilaura mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,
A eleuaniar co elles a fiança,
De saltos, & despídos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alio de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.

F 4 Ves

Ves aqui trago as vidas inocentes,
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,
 Se a peitos generosos, & excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
 Nellas jos exprimenta, toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estillo
 De Scimis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
 Que ja na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
 Espera pelo golpe tam temido:
 Tal diante do Principe indinado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pode em fim que a lra a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,
 De vassallo, que a tanto se obrigava,
 Que mais o Persa fez naquella empresa,
 Onde rosto & narizes se cortava,
 Do que ao grande Dario tanto pesa,
 Que mil vezes dizendo suspirava.
 Que mais o seu Zopiro são prezâra,
 Que vinte Babilonias que tomâra.

Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhava,
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro que as terras habitava,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentava,
 O arraial soberbo, & belcoso:
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa ouera cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo baptizado,
 Que pera hum so cem Mourros aueria.
 Julga qualquer juizo sossegado,
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum cavalleiro ouvesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & sorte Dama,
 De quem tanto os Troyanos se ajudârão,
 E as que o Termodonte ja gostârão.

A matutina

Amatutina luz serena, & fria,
As Estrellas do Pollo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando se a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fê todo inflamado assi gritaui:
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauão,
Por seu Rei natural, este excelente
Principe, que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do branco a força barrenda se quebranta.

Tal

Tal do Reinouo, o estamago acendido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente:
Leuantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas soão,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando:
A pastoral companhia, que deitada,
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Desta arte o Mouro atonito & toruado,
Toma sem tento as armas muy depressa,
Não foge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atrauessa.
Hús caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

Al

Ali se vem encontros temerosos,
 Pera se desfazer bũa alta serra,
 E os animais correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
 Golpes se dão medonhos, & forçosos,
 Por toda a parte andava acesa a guerra:
 Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,
 Rompe, corta, desfaz, a bola & talha:

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono & sem sentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Palida a cor, o gesto amortecido:
 Ia perde o campo o exercito nefando,
 Correm rios do sangue desparzido
 Com que tambem do campo a cor se perde
 Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano
 Recolhendo os trofeos & presa rica,
 Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
 Tres dias o grã Rei no campo fica:
 Aqui pinta no branco escudo vñano,
 Que agora esta victoria certifica:
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em final destes cinco Reis vencidos.

E nestes

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dimbeiros, porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta,
 Daquelle de quem foy fauorecido,
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco aũa, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamente: & o sempre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
 Ajunta tambem Mofra, em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas,
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
 Sintra onde as Naiades escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso unidos:
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

Cinco vezes a Lúa se escondêra,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigava o firme prosuposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

Dest

Destta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujto poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura
Auera que resista, se Lisboa
Não pode resistir aa força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas agoas, entre as pedras,
Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras translaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis aas forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, & os poderes.
E tu laurador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo affento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se aleuantão nobremente.
Obedeceo, por meio & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso que não sabe solegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha deligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

CANTO TERCEIRO 1249.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil caualllos furiosos,
Inumeros pões, darmas & deouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
Cos ciumes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto, & cego amante
Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado,
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,
Dum Panico terror todo asombrado,
So de seguillo o exercito procura.
Sendo estes que fizeram tanto aballo,
Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Rêino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço & arte, & valentia,
Que a fez fazer aas outras companhia.

O Rei

G

Mas

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o mereçe,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offereçe.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãy que estava presa.

Que estando na cidade que cercara,
Cercado uella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Lião sendo, & não dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso.
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, & a linha ardente,
Temessen o teu nome geralmente.

Posto

Posto que a rica Arabia, & que os feroços
Eniocos, & Colcos, cuja fama
O Veo dourado estende: & os Capadoços,
E Iudea, que hum Deos adora & ama,
E que o molles Sofenos, & os Atroces,
Silicios, com a Armenia, que derrama,
As agoas dos dous Rios, cuja fonte
Esta noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
Ate o Scitico Tauro, monte erguido
Ia vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emathio so te vio vencido,
Porque Affonso veras soberbo & ouante,
Tudo render, & ser despois rendido.
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do diuino juyzo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conhecido,
Aa cidade Vlissea foy trazido.

G 2

Porq

Porque leuasse auante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que aas terras se passasse dalentejo,
 Com gente, & co beligero aparelho:
 Sancho, desforço & danimo sobejo,
 Auante passa, & faz correr vermelho,
 O rio que Seuilha vay regando,
 Co sangue mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobicofo,
 Ia não descansa o moço ate que veja,
 Outro estrago como este, temeroso
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assim estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder, que teue o Ceo:
 Ia vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge que assento foy de Anteo.
 O morador de Abila não se escusa,
 Que tambem com suas armas se moneo:
 Ao som da Mauritana & ronca tuba,
 Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua

Entraua com toda esta companhia,
 O Miralmomini em Portugal
 Treze Reis mouros leua de valia,
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal.
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,
 Porem não lhe jocede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
 Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,
 Mina secreta, Ariete forçoso:
 Porque o filho de Affonso, não perdendo
 Nada do esforço, & acordo generoso,
 Tudo prouê com animo & prudencia,
 Que em toda a parte ha esforço & resistencia

Mas o velho a quem tinham ja obrigado
 Os trabalhosos annos, ao sossego,
 Estando na Cidade, cujo prado
 Enuerdecem as agoas do Mondego:
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,
 Se parte diligente da Cidade,
 Que não perde a presteza co a idade.

G 3

E co 6

E co a famosa gente à guerra usada,
 Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,
 A Portuguesa furia costumada,
 Em breue os Mouros tem desbaratados:
 A campina que toda està qualhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De caualllos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida,
 O Miralmomini so não fogio,
 Porque antes de fogir lhe fogue a vida,
 A quem lhe esta victoria permitio,
 Dão lououres & graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente,
 Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andaua,
 Da larga, & muita idade foi vencido,
 A palida doenca lhe tocaua,
 Com fria mão o corpo enfraquecido:
 E pagarão seus annos deste geito,
 Aa triste Libitina seu direito.

Os altos

Os altos promontorios o chorarão,
 E do rios as agoas saudosas,
 Os semeados campos alagarão,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reino chamarão,
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão:

Sancho forte mancebo, que ficara
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida ja se experimentara,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratara,
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
 E mais quando os que Beja em vão cercarão,
 Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rei alenantado,
 Auendo poucos annos que reinaua,
 A cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lauraua:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada, que passaua:
 De armas fortes & gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

G 4 Passauão

Passauão a ajudar na sancta empresa,
 O roxo Federico, que moueo
 O poderoso exercito, em defesa
 Da cidade onde Christo padecéo,
 Quando Guido co a gente em sede acesa,
 Ao grande Saladino se rendeo:
 No lugar onde aos Mouros sobejauão,
 As agoas que os de guido desejanão.

Mas a fermosa armada, que viera
 Por contraste de vento, daquella parte
 Sancho quis ajudar na guerra fera,
 Ia que em seruico vay, do sancto Marte
 Assim como a seu pay acontecêra,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Silues toma,
 E o brauo morador destrue & doma.

E se tantos tropheos do Mabometa,
 Aleuantando vay: tambem do forte
 Liones, não consente estar quieta
 A terra vsada aos casos de Mauorte:
 Ate que na ceruiz seu jugo meta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas salteado
 Da temerosa morte, fica erdeiro,
 Hum filho seu de todos estimado,
 Que foy segundo Affonso, & Rei terceiro
 No tempo deste, aos Mauros foi tomado
 Alcaçere do sal por derradeiro:
 Porque dantes os Mouros o tomarão,
 Mas agora estruidos o pagarão.

Morto depois Affonso lhe succede
 Sancho segundo, manso & descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que de outrem quẽ mandaua era mandado,
 De governar o Reino que outro pede,
 Por causa dos priuados foi priuado,
 Porque como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam desonesto,
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por molher, & depois horrendo incesto,
 Com a mãy Agripina cometia:
 Nem tam cruel aas gentes & molesto,
 Que a cidade queimasse onde viuia,
 Nem tam mao como foi Helio gabalo,
 Nem como o mole Rei Sardanapalo.

Nem

Nem era o pouo seu tiranizado,
 Como Sicilia foy de seus tyranos,
 Nem tinha como Phalaris achado,
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o Reino de altiuo, & costumado
 A senhores em tudo soberanos.
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente;

Por esta causa o Reino gouernou,
 O Conde Bolonhes, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou,
 Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
 Este que Affonso o brauo se chamou,
 Depois de ter o Reino segurado:
 Em dilatalo cuida, que em terreno
 Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte,
 Recupêra co braço, & deita fora
 O Mouro mal querido ja de Marte:
 Este de todo fez liure & senhora
 Lusitania, com força & bellica arte:
 E acabou de oprimir a nação forte,
 Na terra que aos de Luso coube em sorte;

Eis

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
 Com quem a fama grande se escurece,
 Da liberalidade Alexandrina.
 Co este o Reino prospero floreçe,
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)
 Em constituições, leis & costumes,
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
 O valeroso officio de Minerva,
 E de Helicon as Musas fez passar-se,
 A pisar de Mondego a fertil erua:
 Quanto pode de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
 Fortalezas, castellos muy seguros,
 E quasi o Reino todo reformou,
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas despois que a dura Atropos cortou,
 O fio de seus dias ja maduros:
 Ficoulhe o filho pouco obediente,
 Quarto Affonso: mas forte & excelête:

Este

Este sempre as soberbas Castelhanas,
 Co peito desprezou firme & sereno,
 Porque não he das forças Lusitanas,
 Temer poder maior, por mais pequeno
 Mas porem quando as gentes Mauritanas,
 A possuir o Esperico terreno,
 Entrarão pelas terras de Castella,
 Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
 Veio ôs campos Idaspicos enchendo,
 Nem Atila, que Italia toda espanta,
 Chamandose de Deos acontê horrendo.
 Gottica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co poder excessiuo de Granada,
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rei sublime Castelhana,
 A força inexpugnabil, grande & forte,
 Temendo mais o fim do pouo Hispano,
 Ia perdido hũa vez, que a propria morte
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandaua a carissima consorte,
 Molher de quem a manda, & filha amada
 Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entraue

Entraua a fermosissima Maria,
 Polos paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia,
 Pelos eburneos hombros espalhados:
 Diante do Pay ledo, que a agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha:

Quantos pouos a terra produzio
 De Africa toda gente fera & estranha,
 O grão Rei de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso Mar a terra banha.
 Trazem ferocidade, & furor tanto,
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe està, da Maura espada,
 E se não for contigo socorrido,
 Verme as delle & do Reino ser priuada,
 Viua & triste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
 Por tanto

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,
 O corrente Muluca se congella,
 Rompe toda a tardança, acude cedo,
 Aa miseranda gente de Castella.
 Se esse gesto que mostras claro & ledo,
 De pay o verdadeiro amor assella:
 Acude & corre pay, que se não corres,
 Pode ser que não aches quem socorres.

Não de outra sorte a timida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Iupiter seu pay fauor pedia,
 Pera Eneas seu filho, nauegando,
 Que a tanta piedade o comouia,
 Que caído das mãos o rayo infando:
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
 Os Eborenses campos vão qualhados,
 Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
 Vão rinchando os cauалlos jaezados:
 A canora trombeta embandeirada
 Os corações aa paz acostumados:
 Vay, às fulgentes armas incitando
 Polas concanidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
 Das insignias Reais acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De toxos, leua o collo aleuantado,
 E somente co gesto esforça & anima,
 A qualquer coração amedrontado.
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Pera quem sam pequenos campo & monte.
 Não ha peito tão alto & tam potente,
 Que de desconfiança não se afronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja,
 Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos casi rindo,
 Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
 As terras como suas repartindo,
 Ante mão, entre o exercito Agareno:
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome Sarraceno.
 Assim tambem com falsa conta & nua,
 Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
So de pedras & esforço apercebido,
Com palauras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pode a Fê que a força humana.

Deſta arte o Mouro perfido despreza,
O poder dos Chriſtãos, & não entende,
Que eſtá ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico ſe rende.
Co ella o Caſtelhano, & com deſtreza,
De Marrocos o Rei comete & offende.
O Portuguez que tudo eſtima em nada;
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,
Por cima dos arneſes, brauo eſtrago,
Chamão (ſegundo as leis que ali ſeguião,)
Hũs Maſamede, & os outros Sançtiago,
Os feridos com grita o Ceo ferião,
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
Onde outros meios mortos ſe afogauão,
Quando do ferro as vidas eſcapauão.

Com

Com eſforço tamanho eſtrúe & mata,
O Luſo ao Granadil, que em pouco eſpaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer deſeſa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Caſtelhano,
Que pelejando eſtá co Mauritano.

Ia ſe hia o Sol ardente recolhendo,
Pera a caſa de Thetis, & inclinado,
Pera o Ponente o veſpero trazendo,
Eſtaua o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande & horêdo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade, que a memoria,
Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neſte vencimento,
Quando as agoas co ſangue do aduerſario,
Fez beber ao exercito ſedento,
Nem o Peno aſperiffimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illuſtre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos tomã.

H E ſe

E se tu tantas almas so podeste,
 Mandar ao Reino escuro de Cocito,
 Quando a sancta Cidade desfizeste
 Do pouo pertinaz no antigo rito:
 Permissam & vingança foy celeste,
 E não força de braço, o nobre Tito,
 Que assi dos Vates foy profetizado,
 E depois por IESV certificado.

Passada esta tão prospera victoria,
 Tornado Affonso aa Lusitana terra,
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra,
 O caso triste, & dino da memoria,
 Que do sepulchro os homẽs desenterra,
 Aconteceo da misera, & mezquinha
 Que depois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro Amor com força crua,
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Deste causa aa molesta morte sua,
 Como se fora perfida inimiga:
 Se dizem fero Amor que a sede tua,
 Nem com lagrimas tristes se mitiga:
 E por que queres aspero & tirano
 Tuas aras banhar em sangue humano.

Estauas

Estauas linda Ines posta em sossego
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes insinuando, & ás eruinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,
 As lembranças que na alma lhe morauão,
 Que sempre ante seus olhos te trazião,
 Quando dos teus fermosos se apartauão
 Denoite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos que voauão.
 E quanto em fim cuidaua, & quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princezas,
 Os desejados tálamos engeita,
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
 Quando hum gesto suaue te sogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezás,
 O velho pay sesudo, que respeita
 O murmurar do pouo, & a fantasia
 Do filho, que casarse não queria.

H 2

Tirar

Tirar Ines ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Crendo co sangue sô da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo aceso:
 Que furor consentio, que a espada fina,
 Que pode sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse aleuantada,
 Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ a os horrificos algozes,
 Ante o Rei, ja monido a piedade:
 Mas o pouo com falsas, & ferozes
 Razões, aa morte crua o persuade:
 Ella com tristes & piedosas vozes,
 Saidas sô da magoa, & saudade
 Do seu Principe, & filhos que deixaua,
 Que mais que a propria morte a magoaua:

Pera o Ceo cristalino aleuantando,
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos, porque as mãos lhe estaua atando,
 Hum dos duros ministros rigurosos.
 E despois nos mininos atentando,
 Que tam queridos tinha, & tam mimosos,
 Cuja orfindade como mãy temia,
 Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aues agrestes, que somente
 Nas rapinas aerias tem o intento,
 Com pequenas crianças vio a gente,
 Terem tam piadoso sentimento,
 Como co a mãy de Nino ja mostrâo,
 E cos yrmãos que Roma edificarão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito
 (Se de humano he, matar hũa donzella
 Fraca & sem força, so por ter sujeito
 O coração, a quem soube vencella.)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tês aa morte escura della,
 Mouate a piedade sua & minha,
 Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 A quem pera perdela não fez erro:
 Mas se to assi merece esta inocencia,
 Poem me em perpetuo & misero desterro,
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viua eternamente.

H 3 Poem

Poem me onde se vſe toda a feridade,
 Entre Liões, & Tigres, & verey
 Se nelles achar poſſo a piedade
 Que entre peitos humanos não achey:
 Ali co amor intrinſeco & vontade,
 Naquelle por quem mouro, criarey
 Estas reliquias ſuas que aqui viſte,
 Que refrigerio ſejão da mãy trite.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,
 Mouido das palauras que o magoão:
 Mas o pertinaz pouo, & ſeu deſtino
 (Que deſta ſorte o quis) lhe não perdoão,
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito ali apregoão,
 Contra hũa dama, ô peitos carniceiros
 Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,
 Conſolação extrema da mãy velha,
 Porque a ſombra de Achilles a condena,
 Co ferro o duro Pirro ſe aparelha:
 Mas ella os olhos com que o ar ſerena,
 (Bem como paciente, & manſa ouelha)
 Na miſera mãy poſtos, que endoudeçe
 Ao duro ſacrificio ſe offereçe.

Tais

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabaſtro, que ſoſtinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha:
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Que ella dos olhos ſeus regadas tinha,
 Se encarniçaão, feruidos & yroſos,
 No futuro caſtigo não cuidofos.

Bem podêras, ô Sol, da viſta deſtes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da ſeua meſa de Tyeftes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.
 Vos, ô concauos vales que podeſtes,
 A voz extrema ouuir da boca fria,
 O nome do ſeu Pedro que lhe ouuiſtes,
 Por muito grande eſpaço repetiſtes.

Aſſi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida & bella,
 Sendo das mãos laciuas mal tratada,
 Da minina que a trouxe na capella:
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada.
 Tal eſtã morta a palida donzella,
 Secas do roſto as roſas, & perdida
 A branca & viua cor, co a doce vida.

H 4

As

As filhas do Mondego, a morte escura
 Longo tempo chorando memorarão,
 E por memoria eterna em fonte pura
 As lagrimas choradas transformarão:
 O nome lhe poserão, que inda dura,
 Dos amores de Ines que ali passarão.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortais feridas,
 Que em tomando do Reino a gouernança,
 A tomou dos fugidos humicidas:
 Do outro Pedro cruissimo os alcança,
 Que ambos immigos das humanas vidas,
 O concerto fizerão duro & injusto,
 Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,
 De latrocinios, mortes & adulterios,
 Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
 Erão os seus mais certos refrigerios:
 As cidades guardando justicofo,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando aa morte deu,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.
 Do justo

Do justo & duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
 Que todo o Reino pos em muito aperto,
 Que vindo o Castelhana deuastando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casar se co ella de enlenado,
 Num falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração sogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:
 Os que forão roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David Sancto se condena?
 Ou quem o Tribo illustre destruiu
 De Benjamim? bem claro nolo insina,
 Por Sarra Farão, Sychem por Dina.
 E pois

E pois se os peitos fortes enfraquece,
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filbo de Almena se parece,
 Quando em Omfale andaua transformado,
 De Marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado:
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,
 Despois que hũa moça vil na Apulia viste:

Mas quem pode liurar-se por ventura,
 Dos laços que amor arma brandamente
 Entre as rosas & a neve humana pura,
 O ouro, & o alabaastro transparente
 Quem de hũa peregrina fermosura
 De hum vulto de Medusa propriamente
 Que o coração conuerte que tem preso,
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
 Hũa suaue & Angelica excellencia,
 Que em si estã sempre as almas trãformãdo
 Que tiuesse contra ella resistencia:
 Desculpado por certo estã Fernando,
 Pera quem tem de amor experencia:
 Mas antes tendo liure a fantasia,
 Por muyto mais culpado o julgaria.

Canto Quarto.



Es pois de procello

sa tempestade,
 Nocturna sombra, & sibilante
 vento,

Traz a manhaã serena claridade,
 Esperança de porto, & saluamento:
 Aparta o Sol a negra escuridade,
 Remouendo o temor ao pensamento:
 Assim no Reino forte aconteceo,
 Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,
 Quem os danos & offensas va vingando,
 Naquelles que tãbem se aproueitarão,
 Do descuido remisso de Fernando,
 Despois de pouco tempo o alcançarão,
 Ioanne sempre illustre aleuantando
 Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

Ser isto ordenação dos ceos diuina,
 Por sinais muito claros se mostrou
 Quando em Euora a voz de hũa minina,
 Ante tempo falando o nomeou:
 E como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo, & a voz aleuantou,
 Portugal, Portugal, alçando a mão
 Disse, polo Rei nouo Dom loão.

Alteradas então do Reino as gentes,
 Co odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, & euidentes
 Faz do pouo o furor por onde vinha,
 Matando vão amigos & parentes,
 Do adultero Conde, & da Rainha,
 Com quem sua incontinencia desonesto
 Mais (despois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,
 Diante della a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado
 Que tudo o fogo erguido queima & corre:
 Quem como Astianas precipitado
 (Sem lhe valerem ordẽs) de alta torre
 A quem ordẽs, nem aras, nem respeito,
 Quem nu por ruas & em pedaços feito.
 Pode-se

Pode-se por em longo esquecimento,
 As cruezas mortais que Roma vio
 Feitas do feroz Mario, & do cruento
 Sylva, quando o contrario lhe fogio:
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo ser sua filha berdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhana està, que o Reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede:
 Com esta voz Castella aleuantada,
 Dizendo que esta filha ao pay sucede:
 Suas forças ajunta pera as guerras
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,
 (Se foy) ja teue o nome diriuado
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo
 Ganharão do tirano & Mauro estado:
 Não estimão das armas o perigo,
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente,
 Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os

Os Vandalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntarão
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Góadalquivir as agoas lauão,
 Anobre Ilha também se apercebia,
 Que antigamente os Tírios habitauão:
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
 Cidade nobre & antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vay suave & ledo,
 Que das serras de Conca vem manando:
 A vos outros também não tolhe o medo,
 O sordidos Galegos, duro bando,
 Que pera resistirdes, vos armastes,
 Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias,
 A gente Bizcainha, que carece.
 De polidas razões, & que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece:
 A terra de Guipuscua, & das Astúrias
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou delle, os soberbos matadores,
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane

Ioane, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,
 E não porque conselho lhe falece,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas so por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,
 Da opinião de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se conuerte,
 Em desusada & ma deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 Que a propria & natural fidelidade,
 Negão o Rei & a patria, & se conuem
 Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte dom Nuno aluerez: mas antes
 Posto que em seus lrmãos tão claro o visse,
 Reprouando as vontades incostantes:
 A aquellas duvidosas gentes disse,
 Com palauras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado, & não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

Como da gente illustre Portuguesa;
 Ha de aver quem refusa o patrio Marte?
 Como, desta prouincia que princeza
 Foy das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sair quem negue ter defesa,
 Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
 De Portugues, & por nenhum respeito
 O proprio Reino queira ver sogeito?

Como, não sois vos inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira,
 Do grande Enriquez, feros & valentes
 Vencestes esta gente tam guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Poseram em fugida, de maneira,
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos, afora a presa que tiuerão?

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vos,
 Por Dinis & seu filho, sublimados
 Se não cos vossos fortes pais & auôs?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
 Torne vos vossas forças o Rei nouo,
 Se he certo que co Rei se muda o pouo.

Rei

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes
 Igual ao Rei que agora alienastestes,
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não mouerdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,
 (E dizendo isto arranca mea espada)
 Defenderey da força dura, & infesta
 A terra nunca de outrem sojugada,
 Em virtude do Rei, da patria mesta,
 Da lealdade ja por vos negada,
 Vencerey (não so estes aduersarios):
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,
 Ia pera se entregar quasi mouidos
 A fortuna das forças Affricanas:
 Cornelio moço os faz, que compelidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas, nam deixarão em quanto a vida
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

Destarte a gente força, & esforça Nuno,
 Que com lhe ouir as ultimas razões
 Re-nem o temor frio importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações:
 Nos animais caualgão de Neptuno,
 Brandindo, & volteando arremessoës,
 Vão correndo & gritando a boca aberta,
 Vira o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão
 A guerra com que a patria se sostinha,
 Hũs as armas alimpão & renouão,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
 Capacetes estofam, peitos prouão,
 Armase cada hum como conuinha.
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,
 Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as agoas abundantes:
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem pera reger era os muy possantes,
 Orientais exercitos, sem conto,
 Com que passava Xerxes o Helesponto.

Dom

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
 Aconte de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso caualleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, & regelos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
 Antão vazquez de Almada he Capitão,
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vay regendo a sestra mão,
 Logo não retagoarda não se esconde,
 Das quinas & castellos o pendão,
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mais, irmãs, damas, & esposas
 Prometendo jejũs, & romarias:
 Ia chegão as esquadras bellicosas,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duniida concebem.

1 2 Recebem

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pisaros sibilantes, & atambores,
 Alferezes volteão as bandeiras,
 Que variadas sam de muitas cores:
 Era no seco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
 Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu final a trombeta Castellhana,
 Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
 Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,
 A tras tornou as ondas de medroso:
 Ouuiu o Douro, & a terra Translagana,
 Correo ao mar o Tejo duuidoso:
 E as mãis que o som terribil escuitarão,
 Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo,
 Que nos perigos grandes o temor,
 He mayor muitas vezes que o perigo,
 E se o não he, pareceo, que o furor
 De offender, ou vencer o duro immigo,
 Faz não sentir, que he per da grande & rara
 Dos membros corporais da vida cara.

Começase

Começase a trauar a incerta guerra,
 De ambas partes se moue a primeira ala,
 Hús leua a defenjam da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhala:
 Logo o grande Pereira em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se asinala
 Derriba, & encontra, & a terra é fim semea
 Dos que a tanto desejão, sendo albea.

La pelo espesso ar, os estridentes
 Farpões, setas, & varios tiros voão,
 Debaxo dos pès duros dos ardentes
 Caualllos, treme a terra, os vales soão:
 Espedação se as lanças, & as frequentes
 Quedas, co as duras armas tudo atroão:
 Recreçem os immigos sobre a pouca
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
 (Caso feo & cruel:) mas não se espanta,
 Que menos he querer matar o yrmão,
 Quem contra o Rei & a patria se aleuanta:
 Destes arrenegados muitos sam,
 No primeiro esquadrão, que se adianta,
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
 Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

I 3 O tu

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
 Catilina, & vos outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos:
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes grauíssimos castigos
 Dizeilhe que também dos Portugueses
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Esta ali Nuno, qual pellos outeiros
 De Ceita está o fortíssimo lião
 Que cercado se ve dos caualleiros
 Que os campos vão correr de Tutuão,
 Perseguem no com as lanças, & elle iroso
 Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura
 Ferina, & a yra não lhe compadecem
 Que as côstas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem:
 Tal está o caualeiro que a verdura
 Tinge co sangue albeyo, ali perecem
 Algũs dos seus, que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio

Sentio loane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitão,
 Tudo corria, & via, & a todos daua
 Com presença & palauras coração:
 Qual parida Lioa fera & braua
 Que os filhos que no ninho sôs estão
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freime, & com bramidos
 Os montes sete Irmãos atroa & abala,
 Tal loane com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:
 O fortes companheiros, o subidos
 Caualeiros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
 Que entre as lanças & setas, & os arneses
 Dos inimigos corro, & vou primeiro
 Pelejay verdadeiros Portugueses:
 Isto disse o magnanimo guerreiro
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira & deste vnico tiro
 Muytos lançarão o vltimo suspiro.

14 Porque

Porque eis os seus acesos nouamente
 Dhũa nobre vergonha & honroso fogo
 Sobre qual mais com animo valente,
 Perigos vencerá, do Marcio jogo
 Porfião: tingeo ferro o fogo ardente
 Rompem malhas primeiro, & peitos logo
 Assim recebem junto & dão feridas
 Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Estigio lago
 Em cujo corpo a morte, & o ferro entram:
 O Mestre morre ali de Sanctiago
 Que fortissimamente pelejava
 Morre tambem, fazendo grande estrago
 Outro Mestre cruel de Calatrava
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo & os fados:

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo
 Onde o Trifauce (Cão per petua fome
 Tem, das almas que paixão deste mundo
 E porque mais aqui se amarse & dome
 A soberba do inimigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foy derribada os pés da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encrucece
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece
 O furor, & sobejão as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor
 Contento de lhe não deixar a vida
 Segue no os que ficarão, & o temor
 Lhe da não pês, mas asas aa fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da desonra, & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo:

Algũs vão maldizendo & blasfemando
 Do primeyro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobiçoso & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Pouo aventura aas penas do profundo
 Deixando tantas mãis, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos de jditos.

Ho

O vencedor Ioanne oferece os dias
 Costumados no campo, em grande gloria
 Com offertas despois, & romarias
 As graças deu a quem lhe deu victoria:
 Mas Nuno que não quer por outras vias,
 Entre as gentes deixar de si memoria
 Se não por armas sempre soberanas
 Pera as terras se passa Trãstaganas:

Ajudao seu destino de mancira
 Que fez igoal o effeito ao pensamento,
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo & o vencimento
 Ia de Siuilha a Betica bandeira
 E de varios senhores nũ momento
 Se lhe derriba aos pês sem ter defesa
 Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente
 Erão os Castelhanos opprimidos
 Quando a paz desejada ja da gente
 Derão os vencedores aos vencidos:
 Despois que quis o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 Aas duas Illustrissimas Inglesas
 Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Não

Não sofre o peito forte usado aa guerra
 Não ter imigo ja a quem faça dano,
 E asinão tendo a quem vencer na terra
 Vay cometer as ondas do Oceano:
 Este he o primeiro Rey que se desterra
 Da patria, por fazer que o Afrinano,
 Conheça pollas armas, quanto excede
 A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento
 Da furiosa Tetis inquieta,
 Abrindo as pandas asas vão ao vento
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:
 O monte Abila, & o nobre fundamento
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa
 Deita fora, & segura toda Espanha
 Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do ceo supremo, quis que pouoasse:
 Mas pera defensam dos Lusitanos
 Deixou quem o leuon, quem gouernasse,
 E aumentasse a terra mais que dantes
 Inclita geração, altos Infantes.

Não

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza,
 Que assi vay alternando o tempo iroso
 O bem co mal, o gosto co a tristeza:
 Quem vio sempre hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
 Pois inda neste Reino, & neste Rey
 Não vsou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando
 Que a tão altas empresas aspiraua
 Que por saluar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
 Sô por amor da patria estâ passando
 A vida de senhora feyta escrava,
 Por não se dar por elle ha forte Ceita
 Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida,
 Regulo porque a patria não perdesse,
 Quis mais a liberdade ver perdida:
 Este porque se Espanha não temesse
 A captiueiro eterno se conuida:
 Codro, nem Curcio, ouuido por espanto
 Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro,
 Tornou em baixa & humilima miseria,
 Fora por certo inuidto caualleiro,
 Se não quisesa yr ver a terra lberia:
 Mas Affrica dira ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Terintio colher pode,
 Do jugo que lhe pos o brauo Mourro,
 A ceruiz inda agora nam sacode:
 Na fronte a palma leua, & o verde louro,
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alcaçer forte villa,
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaxarão de Diamante,
 Aas Portuguesas forças costumadas,
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dinas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa
 Mais, affinando a fama Portuguesa.
 Porem.

Porem despois tocado de ambição,
 E gloria de mandar amara & bella,
 Vay cometer Fernando de Aragão,
 Sobre o potente Reino de Castella,
 Ajuntase a inimiga multidão,
 Das soberbas & varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Perimeo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occioso,
 O mancebo loame, & logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso,
 Que então lhe foy ajuda não pequena,
 Saiose em fim do trançe perigoso,
 Com fronte não toruada, mas serena
 Desbaratado o pay sanguinolento:
 Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,
 Gentil, forte, animoso caualleiro,
 Nos contrarios fazendo imenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro:
 Desta arte foy vencido Octauiano,
 E Antonio vencedor seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar matârão
 Nos Philipicos campos se vingârão.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,
 Affonso apouventou no Ceo sereno,
 O Principe que o Reino então governa,
 Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passarão
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E la no illustre porto se embarcârão,
 Onde ja foy Partenope enterrada,
 Napoles onde os fados se mostrârão,
 Fazendo a varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Pelo mar alto Siculo nauegão,
 Vão se aas praias de Rodes arenosas,
 E dali aas ribeiras altas chegão,
 Que com morte de Magno sam famosas:
 Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
 Das enchentes Niloticas vndosas,
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
 Que de Christo la guarda o sancto rito:

Passam

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia
Do Indo, pellas ondas do Oceano,
Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas
Tornar-se facilmente não podia,
La morrerão em fim, & la ficarão.
Que aa desejada patria não tornarão.
Parece

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tão ardua, que o moueo
A subidos & illustres monimentos:
(Manoel, que a loãe socedeo
No reino, & nos altiios pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas que saem
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito
Onde ymaginações mais certas sam,
Reuoluendo continuo no conceito
De seu officio, & sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o sono acceito
Sem lhe desoccupar o coração,
Porque tanto que lasso se adormece
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K Aqui

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto que tocava aa prima Espheira,
 Donde diante varios mundos via
 Nações de muita gente estranha, & fera:
 E laa bem junto donde nasce o dia
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antiquos longinquos & altos montes
 Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimárias
 Pello monte seluatico habitauão,
 Mil aruores syluestres & eruas varias
 O passo & o trato aas gentes atalhauão:
 Estas duras montanhas aduersarias
 De mais conuersação, por si mostrauão
 Que desque Adão peccou aos nossos annos
 Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião
 Por elle os largos passos inclinando,
 Dous homẽs, que muy velhos parecião
 De aspecto, inda que agreste, venerando:
 Tas pontas dos cabellos lhe saião
 Goras, que o corpo todo vão banhando,
 A cor da pelle baça & denegrida
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Dambos

Dambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos & eruas tinha,
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quem de mais longe ali caminha,
 E assi a agoa com impito alterada
 Parecia que doutra parte vinha,
 Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa
 Destarte pera o Rey de longe brada,
 O tu a cujos reinos & coroa
 Grande parte do mundo esta guardada,
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cujá ceruiz bem nunca foy domada,
 Te auisamos que he tempo que ja mandes
 A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro:
 Custartemos com tudo dura guerra,
 Mas insistindo tu por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receyo
 A quantas gentes vês poras o freyo.

K 2

Não

Não lusse mais o rio illustre & santo,
 Mas ambos desaparecem num momento,
 Acora Emmanuel cum nouo espanto
 E gran le alteração de pensamento:
 E ten leo nisto Febô o claro manto
 Pello escuro Emispermio somnolento:
 Veyo a menham no ceo pintando as cores
 De pulubunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho
 E propõe lhe as figuras da visam,
 As palauras lhe diz do santo velho,
 Que a todos forão grande admiração:
 Determinão o nautico aparelho
 Pera que com sublime coração
 Vaa a gente que mandar cortando os mares
 A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
 Se possesse o que o peito me pedia,
 Que sempre grandes cousas aeste geito
 Presago o coração me prometia:
 Não sey porque razão, por que respeito,
 Ou por que bom final que em mi se via,
 Me põe o inclyto Rei nas mãos a chaue
 Deste cometimento grande, & graue.

out

E com

E com rogo & palauras amorosas
 Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga;
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas
 Se alcanção com trabalho & com fadiga:
 Faz as pessoas altas & famosas
 A vida que se perde & que periga,
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para hũa empresa qual a vos se deue,
 Trabalho illustre, duro & esclarescido,
 O que eu sey que por mi vos sera leue:
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
 He tão pouco por vos, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
 Quaes Euristeo a Alcides inuentava,
 O lião Cleonêo, Arpias duras
 O porco de Erimanto, a Idra braua:
 Decer em fim aas sombras vans & escuras
 Onde os campos de Dite a Estige laua,
 Porque a mayor perigo, a mór affronta
 Por vos, o Rey, o espirito & carne he prôpta.

K 3

Com

Com merces sumptuosas me agardece
 E com razões me louua esta vontade,
 Que a virtude louuada vive & crece,
 E o louvor altos casos persuade:
 A acompanhar-me logo se offerece
 Obrigado damor & damizade,
 Não menos cobicioso de honra & fama,
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
 De trabalhos muy grande soffredor,
 Ambos sam de valia & de conselho
 Dexperiençia em armas & furor:
 Ia de manceba gente me aparelho
 Em que crece o desejo do valer,
 Todos de grande esforço, & assi parece
 Quem a tamambas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palauras altas animados
 Pera quantos trabalhos soccedessem:
 Assi forão o Myntas ajuntados
 Pera que o veo dourado combatessem,
 Na Fatidiga nao, que ou sou primeira
 Tentar o mar Euxinio, auentureira.

Eja

Eja no porto da inclita Vlussea
 Cum aluoroco nobre, & cum desejo,
 (Onde o licor me flura & branca areia
 (O sa'gado Neptuno o doce Tejo.)
 As naos prestes estão, & não refrea
 Temor nenhum o iuvenil despejo,
 Porque a gente maritima & a de Marte
 Estão pera seguir-me a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados
 De varias cores vem, & varias artes,
 E não menos de esforço aparelhados
 Pera buscar do mundo nouas partes:
 Nas fortes naos os ventos sossegados
 Ondeão os aerios estandar tes,
 Ellas prometem vendo os mares largos
 De ser no Olimpo estrellas como a de Argos.

Despois de aparelhados desta sorte
 De quanto tal viagem pede & manda,
 Aparelhamos a alma pera a morte
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
 Pera o sumo poder que a Etherea corte
 Sostenta so coa vista veneranda,
 Imploramos fauor que nos guiasse
 E que nossos começos aspirasse.

K 4 Parti

Partimonos assi do sancto templo

Que nas Praís do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo dado;
Certifico te, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida & receyo
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Agente da cidade aquelle dia

(Hús por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista & descontentes:
E nos coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando..

Em tão longo caminho & duuidoso

Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres cum choro piadofo,
Os homes com suspiros que arrancauão:
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauão
A desesperação, & frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha
So pera refrigerio, & doce emparo
Desta cansada ja velhice minha,
Que em choro acabarâ, penoso & amaro:
Porque me deixas, misera & mezquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado esposo

Sem quem não quis amor que viuer possa,
Porque is auenturar ao mar iroso
Essa vida que he minha, & não he vossa?
Como por hum caminho duuidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que dizião

De amor, & de piadosa humanidade,
Os velhos & os mininos os seguião
Em quem menos esforço poẽ a ydade:
Os montes de mais perto respondião
Quasi mouidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banbauão
Que em multidão co ellas se ygoalauão:

Nos:

Nos outros sem a vista alevantarmos
 Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do propósito firme começado:
 Determiney de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento custumado,
 Que posto que he de amor vsança boa
 Aquem se aparta, on fica, mais magoa;

Mas hum velho daspeito venerando,
 Que ficaua nas prayas, entre a gente,
 Postos em nos os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada hum pouco alevantando,
 Que no mar ouuimos claramente,
 Cum saber so d'experiencias feyto
 Tais palauras tirou do experto peito:

O gloria de mandar, o vaã cubiça
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
 O fraudolento gosto, que se atica
 Cua aura popular, que honra se chama:
 Que castigo tamanbo & que justiça
 fazes no peito vão que muito te ama,
 Que mortes, que perigos, que tormentas
 Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

Dura inquietação da alma & da vida
 Fonte de desemparos & adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reynos, & de imperios:
 Chamante illustre, chamante subida,
 Sendo dina de infames vituperios,
 Chamante Fama, & Gloria soberana,
 Nomes com quem se o pouo nescio engana.

A que nouos desastres determinas
 De lenar estes reynos & esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo dalgum nome preminente?
 Que promessas de reynos, & de minas
 Douro, que lhe faras tão facilmente?
 Que famas lhe prometeras, que historias?
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano
 Cujo peccado & desobediencia,
 Não somente do reino soberano
 Te pos neste desterro & triste ausencia:
 Mas in-la doutro estado mais que humano
 Da quieta & da simples innocencia,
 Idade douro, tanto te priuou
 Que na de ferro & darmas te deitou.

la

Ia que nesta gostosa vaidade
 Tanto enleuas a leue fantasia,
 Ia que aa bruta crueza & feridade
 Posses nome esforço & valentia,
 Ia que prezas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que deuia
 De ser sempre estimada, pois que ja
 Temeo tanto perdella quem a dá.

Não tens junto com tigo o Ismaelita
 Com quem sempre teras guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a ley maldita,
 Se tu polla de Christo so pellejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras & riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado
 Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar aas portas o inimigo
 Por yres buscar outro de tão longe,
 Por quem se despouoe o reino antigo
 Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:
 Buscas o incerto & incognito perigo
 Porque a fama te exalte & te lisonge,
 Chamando te senhor com larga copia
 Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito

O maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas vella pôs en seco lenho;
 Dino da eterna pena do profundo
 Se he justa a justa ley que fizo & tenho:
 Nunca juyzo algum alto & profundo,
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria,
 Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas accendeo
 Em mortes, em desonras (grande engano)
 Quanto milhor nos fora Prometeo,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Que a tua estatua illustre não tiuera
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miseran lo
 O carro alto do pay, nem o ar vazio
 O grande Achitector co filho, dando
 Hum nome ao mar, & o outro, fama ao rio:
 Nenhum cometimento alto & nefan lo
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
 Deixa intentado a humana geração:
 Misera sorte, estranha Condição!

F I M.

Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado
Vociferando estava, quando a-
brimos

As ajas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume usado
A vella desfaldando, o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o usado mouimento.

Entruua neste tempo o eterno lume,
No animal Nemejo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na seista idade andaua enfermo & lento:
Nella ve, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta & sete, em que corria
quando no mar a armada se estendia.

Iaa

la a vista pouco & pouco se deslerra
Daquelles patrias montes que ficauão,
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alongauão:
Ficauanos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá diyxauão,
E ja despois que toda se escondéo
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa não abrio,
As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,
Que o generoso Enrique descobrio:
De Mauritania os montes & lugares
Terra que Anteo num tempo possuyó,
Deyxando a mão ezquerda, que aa direita
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
Que do muito aruoredo assi se chama,
Das que nos pouoamos, a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecerá
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.

Deixamos

Deixamos de Massilia a esteril costa,
 Onde seu gado os Azenegues pastão,
 Gente que as frescas agoas nunca gosta
 Nem as ervas do campo bem lhe abastão:
 A terra a nenhum fruto em fim desposta,
 On le as aues no ventre o ferro gastão,
 Padecendo de tudo extrema inopia
 Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
 O Sol, que pera o Norte os carros guia,
 Onde jazem os pouos, a quem nega
 O filho de Climene a cor do dia:
 Aqui gentes estranhas lava & rega
 Do negro Sanagá a corrente fria,
 Onde o Cabo Arsmario o nome perde
 Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas
 Que tiuerão por nome Fortunadas,
 Entramos nauegando pollas filhas
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
 Terras por onde nouas marauilhas
 Andarão vendo ja as nossas armadas,
 Ali tomamos porto com bom vento
 Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella

A aquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanctiago,
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornamos a cortar o immenso lago;
 Do salgado Oceano, & assi deixamos
 A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficaua ao Oriente,
 A prouincia lalofo, que reparte
 Por diuersas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,
 Logramos o metal rico & luzente,
 Que do curuo Gambea as agoas bebe
 As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas
 Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,
 Que de vista total sendo priuadas
 Todas tres dhum so olho se seruião:
 Tu so, tu cujas tranças enrespadas
 Neptuno la nas agoas acendião,
 Torna la ja de todas a mais fea
 De biuoras encheffe a ardente area.

L Sempre

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
 No grandíssimo golfoão nos metemos,
 Deixando a serra asperrima Lyoa
 Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas prayas notas, que ali temos,
 Ficou, co a lha illustre que tomou
 O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo
 Por nos já conuertido à fee de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro & longo
 Rio pellos antigos nunca visto:
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido pollo de Calisto,
 Tendo o termino ardente já passado
 Onde o meyo do mundo he limitado.

La descoberto tinhamos diante
 La no nouo Hemisperio noua estrella,
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Algũs tempos esteve incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante
 E por falta de estrellas menos bella,
 Do Polo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assi

Assi passando aquellas regioẽs
 Por onde duas vezes passa Apolo,
 Dous inuernos fazendo & dous veroẽs
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:
 Por calmas, por tormentas & opressõẽs
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
 Vimos as Vrsas a pesar de luno
 Banharemse nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homẽs não entendem,
 Subitas trouoadas temerças,
 Relampados que o ar em fogo acendem:
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trouoẽs que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros
 Que têm por mestra a longa experiencia,
 Contão por certos sempre & verdadeiros
 Julgando as cousas so polla apparencia:
 E que os que tem juizos mais inteiros
 Que so por puro engenho & por ciencia,
 Vem do mundo, os segredos escondidos
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

L 2

Vi

Vi claramente visto o lume viuo
 Que a maritim gente tem por santo,
 E n tempo de tormenta & vento esquiuo
 De tempesta le escura & triste pranto:
 Ni men's foy a to.los excessiuo
 Milagre, & cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuu'es do mar com largo cano
 Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo
 Que a vista me enganaua) leuantar se,
 No ar hum vaporzinho & sutil fumo.
 E do vento trazido, rodearse:
 De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
 Se via, tão delgado que enxergarse
 Dos olhos facilmente não podia,
 Da materia das nuu'es parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando
 E mais que hum largo masto se engrossaua,
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
 Estauase co as ondas onleando,
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,
 Fazend'se mayor mais carregada
 Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual.

Qual roxa Sanguefuga se veria
 Nos beiços da alimaria (que imprudente,
 Bebendo a recolheo na fonte fria)
 Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
 Chupando mais & mais se engrossa & cria,
 Ali se enche & se alarga grandemente,
 Tal a grande columna, enchendo aumenta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas depois que de todo se fartou
 O pê que tem no mar a si recolhe,
 E pello ceo chouendo em fim voou
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
 Aas ondas torna as ondas que tomou:
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
 Vejão agora os sabios na escriptura
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As maravilhas que eu passei, passarão
 A tão diuerfos ventos dando as vellas:
 Que grandes escripturas que deixarão
 Que influicão de sinos & de estrellas,
 Que estranhezas, que grandes qualidades,
 E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3

Mas

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:
Quando da Etereia gauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente.
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuês se começã
A descobrir os montes que enxergãmos,
As ancoras pesadas se adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheção
As partes tão remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuenção de sutiljuizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejoza
Da terra que outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenbo, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Seluagem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada diſto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
Contas de Chriſtalino transparente,
Alguns ſoantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por ſinais & por acenos
Que com iſto ſe alegra grandemente,
Mando o ſoltar com tudo, & aſſi caminha
Pera a pouoação, que perto timba

L 4 Mas

Mas logo ao outro dia seus parceiros
 Todos nús, & da cor da escura treua,
 Decendo pellos asperos outeiros
 As peças vem buscar que estoutro leua:
 Domesticos ja tanto & companheiros
 Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
 Fernão Velloso a yr ver da terra o trato,
 E partir-se co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
 E de arrogante cre que vay seguro,
 Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
 Em que algum bom final saber procuro:
 Estando, a vista alcada, co cuidado
 No aventureyro, eis pello monte duro
 Aparece, & segundo ao mar caminha:
 Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa
 Pollo tomar, mas antes que chegasse,
 Hum Etiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro & outro lhe saem vesse em pressa
 Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
 Acido eu logo, & em quanto o remo aperto
 Se mostra hum bando negro descoberto.

Da.

Da espessa nuuem sêtas & pedradas
 Chouem sobre nos outros sem medida,
 E não forão ao vento em vão deitadas
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:
 Mas nos como pessoas magoadas
 A reposta lhe demos tão acida,
 Que em mais que nos barretes se sospeita
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento
 Logo nos recolhemos pera a armada,
 Vendo a malicia fea & rudo intento
 Da gente bestial, bruta & maluada:
 De quem nenhum milhor conbecimento
 Podemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muyto longe della
 E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro
 (Começando se todos a sorrir)
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
 He milhor de decer que de subir:
 Si he, responde o ousado aventureiro
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
 Daquelles caes, de pressa hum pouco vim
 Por me lembrar que estaveis ca sem mim.

Contou.

Contou então que tanto que passarão
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,
 Auante mais passar o não deixarão,
 Querendo, se não torna, ali matallo:
 E tornando se, logo se emboscarão
 Porque saindo nos pera tomallo,
 Nos podessem mandar ao reino escuro
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados!
 Que dali nos partiramos, cortando
 Os mares nunca doutrem nauegados,
 Prosperamente os ventos assoprando:
 Quando hũa noite estando descuidados
 Na cortadora proa vigiando,
 Hũa nuuem que os ares escurece
 Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha & carregada,
 Que pos nos corações hum grande medo,
 Bramindo o negro mar, de longe brada
 Como se de ffe em vão nalgum rochedo:
 O potestade, disse, sublimada
 Que ameaço diuino, ou que segredo,
 Este clima, & este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta?

Não

Não acabaua, quando hũa figura
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,
 De disforme & grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida:
 Os olhos encouados, & a postura
 Medonha & ma, & a cor terrena & palida,
 Cheos de terra & crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarelllos.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar, que este era o segundo
 De Rodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:
 Cum tom de voz no fallar horrendo & gr ffo.
 Que pareceo sair do mar profundo,
 Arrepião se as carnes & o cabelo
 A mi, & a todos, soo de ounillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas
 No mundo cometerão grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, taes & tantas
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas
 E nauegar meus longos mares ousas,
 Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho
 Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza, & do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre, ou de immortal merecimento:
 Ouue os danos de mi, que apercebidos
 Estão, a teu sobejo atreuimento,
 Por todo o largo mar & polla terra
 Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atreuidas
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos & tormentas desmedidas:
 E da primeira armada que passagem
 Fizer por estas ondas insufridas,
 Eu farey dimprouiso tal castigo
 Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano
 De quem me descobrio suma vingança,
 E não se acabará so nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naos vereys cada anno
 Se he verdade o que meu juyzo alcança,
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serey eterna & noua sepoltura
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos & prosperos tropheos,
 Comigo de seus dinos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaca.

Outro t imbem virã de honrada fama
 Liberal, caualheiro, enamorado,
 E consigo trará a fermosa da na
 Que Amor por gram merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fa lo os chama
 Neste terreno meu, que duro & y a lo,
 Os deixarã dhum cru naufragio viuos
 Pera verem trabalhos ecce siuos..

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gêralos & nacidos,
 Verão os Cafres asperos & auaros
 Tirar aa lin ta da na seus vestidos.
 Os cristalinos membros & perclaros
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despidos,
 Depois de ter pisada a longa nente
 Cos delicados pês a area ardente..

E verão.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida & implacabil espessura:
 Ali depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltaram.
 Da fermosa & miserrima prisam.

Mais bia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado.
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem marauilhado.
 A boca & os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso & grande brado,
 Me respondeo, com voz pesada & amara
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
 A quem chamais vos outros Tormentorio,
 Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, & quantos passarão fuy notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que pera o Polo Antartico se estende
 A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra
 Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
 Não que possesse serra sobre serra
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fuy capitão domar, por onde andaua
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empresa,
 Todas as Deosas desprezey do ceo
 So por amar das agoas a Princeza:
 Hum dia a vi coas filhas de Nereo
 Sayr nua na praya, & logo presa,
 A vontade senti, de tal maneira
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançalla
 Polla grandeza sea de meu gesto,
 Determiney por armas de tomalla
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a Deosa então por mi lhe falla:
 Mas ella cum fermoso riso honesto,
 Respondeo: Qual sera o amor bastante
 De Nimpha que sustente o dhum Gigante.

Com

Com tudo por liurarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarey maneira,
 Com que com minha honra escuse o dano.
 Tal resposta me torna a mensageira:
 Eu que cair não pude neste engano,
 (Que he grande dos amantes a cigueira)
 Encherão-me com grandes abundanças
 O peito de desejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo
 Hũa noite de Doris prometida,
 Me aparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis vnica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, pera aquella que era vida
 Deste corpo, & começo os olhos bellos
 Alhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
 Que crendo ter nos braços quem amaua,
 Abraçado me achei cum duro monte
 De aspero mato, & de espessura braua:
 Estão lo cum penedo fronte a fronte
 Que u pollo rosto angelico apertaua,
 Não fiquey b. mem não, mas mudo & quedo
 E junto dhum penedo outro penedo

O nimpha

O Nimpha a mais fermosa do Oceano
 Ia que minha presença não te agrada,
 Que te custaua ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuuem, sonbo, ou nada:
 Daqui me parto irado, & quasi insano
 Da magoa & da desonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
 Vencidos & em miseria extrema postos,
 E por mais segurar-se os Deoses vãos
 Algũs a varios montes sottopostos:
 E como contra o Ceo não valem mãos,
 Eu que chorando andaua meus desgostos,
 Comecey a sentir do fado imigo
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuerteseme a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizerão,
 Estes membros que ves & esta figura
 Por estas longas agoas se estenderão:
 Em fim minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo conuerterão
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

M Afi

Assi contava & cum medonho choro
 Subito dante os olhos se apartou,
 Desfez se a nuuem negra, & cum sonora
 Bramido, muito longe o mar soou:
 Eu, leuando as mãos ao sancto coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guion,
 A Deos pedi que remouesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
 Cos outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foy mostrando
 Em que foy conuertido o grão gigante:
 Ao longo desta costa, começando
 Iá de cortar as ondas do Leuante,
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

Agente que esta terra possuya
 Posto que todos Etiopes erão,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros, que tão mal nos receberão:
 Com bailos & com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nos vierão,
 As molheres consigo & o manso gado
 Que apacentanão, gordo & bem criado.

As

As molheres queimadas vem encima
 Dos vagarosos boi, ali sentadas
 Animais que elles tem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantão concertadas,
 Co doce som das rusticas auenas
 Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
 Fosse, humanamente nos tratarão,
 Trazendonos galinhas & carneiros
 A troco doutras peças que leuarão:
 Mas como nunca em fim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançarão
 Que desse algum sinal do que buscamos:
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
 Aa costa negra de Africa, & tornaua
 A proa a demandar o ardente meyo
 Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
 Outra armada primeira, que buscava
 O tormentorio Cabo, & descuberto,
 Nequelle ilheo fez seu limite certo.

M 2 Daqui

Daqui fomos cortando muitos dias
 Entre tormentas tristes & bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias
 So conduzidos de arduas esperanças:
 Co mar hum tempo andamos em porfias
 Que como tudo nelle sam mudanças,
 Corrente nelle achamos tão possante
 Que p'issar não deixava por diante.

Era mayor a força em demasia:
 Segundo pera tras nos obrizava,
 Do mar, que cantro nos ali corria.
 Que por nos a dō vento que assoprava:
 Injurado. Noto da porfia.
 Em que co mar (parece) tanto estava
 Os assopros esforça iradamente:
 Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado
 Em que tres Reis das partes do Oriente,
 Forão buscar hum Rey de pouco nado
 No qual Rey outros tres ha juntamente:
 Neste dia outro porto foy tomado
 Por nos, da mesma já conta a gente,
 Num largo rio, ao qual o nome demos.
 Do dia em que por elle nos metemos.

De sta.

Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agoa, mas com tudo
 Nenhum final aqui da India achamos
 No pouo com nos outros casi mudo:
 Ora vê Rey quamanha terra andamos
 Sem sair nunca deste pouo rudo,
 Sem vermos nunca noua, nem final,
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados
 Por climas & por mares não sabidos:
 E da esperar comprido tão cansados
 Quanto a desesperar ja compellidos,
 Por ceos não naturais, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento
 Danoso & mão ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento
 Que sequer da esperança fosse engano:
 Cres tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fora Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rey & a seu regente?

M 3 Cres

Cres tu que ja não forão leuantados
 Contra seu capitão se os resistira,
 Fazendo se Piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente, por certo estão prouados
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portuguesa alta excellencia
 De lealdade firme, & obediencia.

Deixan-lo o porto em fim do doce rio
 E tornando a cortar a agoa salgada,
 Fizemos desta costa algum desjuio
 Deitando pera o pezo-toda a armada:
 Porque ventando Noto manso & frio
 Nã nos apanhasse a agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue teme
 Encomendado ao sacro Nicolao,
 Pera onde o mar na costa brada & geme
 A proa inclina dhũa & doutra nao.
 Quando indo o coração que espera & teme
 E que tanto fiou-dhum fraco pao,
 Do que esperaua ja desesperado
 Foy dhũa nonidade aluorocado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & valles bem se vião,
 Num rio, que ali sae ao mar aberto
 Bateis aa vela entravão & sayão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Nauegar, por que entrellas esperamos
 De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente milhor communicão,
 Palaura algũa Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauã,
 Com otro que de tinta azul se tinge
 Cadahum as vergonhosas partes unge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoalão
 As nossas, o leu mar se corta & fende.
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende,
 E do Sul pera o Sol, terra onde aua
 Gente asy como nos da cor do dia.

M 4 Muy

Muy grandemente aqui nos alegrámos
 Coa gente, & com as nouas muito mais.
 Pellos sinais que neste rio achamos
 O nome lhe ficou dos bons sinais:
 Hum padrão nesta terra aleuamos
 Que pera asinalar lugares tais
 Trazia alguns, o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
 Nojosa criação das agoas fundas,
 Alimpamos as naos, que dos caminos
 Longos do mar, vem sordidas & immundas:
 Dos os pedes que tinhamos vizinhos
 Com mostras apraziveis & jocundas,
 Ouuemos sempre o usado mantimento.
 Limpôs de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande & immensa:
 Que nesta terra ouuemos, limpa & pura.
 A alegria: mas logo a recompensa
 A Ramnusia com noua desventura:
 Assim no ceo sereno se dispensa,
 Coesta condição pesada & dura.
 Nacemos, o pesar terá firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy que de doença crua & feya
 A mais que eu nunca vi, desepararão
 Muitos a vida, & em terra estranha & alheia
 Os ossos pera sempre sepultarão:
 Quem auerá que sem o ver o creya
 Que tão disformemente ali lhe incharão,
 As gingiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgião sutil menos se achaua:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pella carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho & em tanta desventura
 Forão sempre com nosco auentureiros:
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,
 Estranhos, assim como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi.

*Assi que deste porto nos partimos
 Com mayor esperança & mór tristeza,
 E pella costa abaixo o mar abrimos
 Buscando algum final de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim surgimos,
 De cuja falsidade & má vileza
 Ia seras sabedor, & dos enganos
 Dos pouos de Mombaça pouco humanos.*

*Ate que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura & doce tratamento,
 Dará saude a hum viuo, & vida a hū morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repousou, aqui doce conforto,
 Nona quietação do pensamento
 Nos deste, & vês aqui se atente ouvisse,
 Te contey tudo quanto me pediste.*

*Iulgas agora Rey se ouue no mundo
 Gentes que tais caminhos cometessem?
 Crês tu que tanto Eneas & o facundo
 Vlisses, pello mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo
 Por mais versos que d'elle se escreuessem,
 Do que eu vi, a poder desforço & de arte,
 E do que inda ei de ver, a oitaua parte?*

Esse

*Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Tos, Argo, & Salamina:
 E soutro que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz aleisna & diuina
 Ouum lo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.*

*Can'em, louuem, & escreuão sempre estremos
 Desses seus Semideoses, & encareção,
 Fingindo Magas Circes, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormeção:
 Dem lhe mais nauegar â vella & remos
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem
 Os companheiros em gostando o Loto,
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.*

*Ventos soltos lhe finjão & imaginem
 Dos odres, & Calippos namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer aas sombras nuas ja passadas:
 Que por muito & por muito que se afinem
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonbadas,
 A verdade que eu conto nua & pura
 Vence toda grandiloca escriptura.*

Da

Da boca do facundo capitão
 Pendendo estauão todos embibidos,
 Quando deu fim aa longa narração
 Dos altos feitos grandes & subidos:
 Louua o Rey o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
 Da gente louua a antiga fortaleza,
 A lealdade d'animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira
 O caso cada qual que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira
 Que tão longos caminhos rodeou:
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
 Que o irmão de Lampeczia mal guiou,
 Por vir a descansar nos Thetios braços
 E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando sam soados,
 Qualquer nobre trabalha que em memoria
 Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
 As enuejas da illustre & albea historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados,
 Quem valerosas obras exercita
 Louuor albeo muito o esperta & incita:
 Não.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles, Alexandro ni pellej,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos, isso so louua, isso deseja:
 Os tropheos de Melciades famosos
 Temistocles despertão so de enuej,
 E diz, que nada tanto o deleitaua
 Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas nauegações que o mundo canta,
 Não merecem tamanha gloria & fama:
 Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
 Si mas aquelle Heroe que estima & ama:
 Com doês, merces, fauores, & honra tanta:
 A lira Mantuana faz que soe
 Eneas, & a Romana gloria voe.

Dã a terra Lusitana Scipioës
 Cesares, Alexandros, & da Augustos,
 Mas não lhe dà com tudo aquelle s doês:
 Cujá falta os faz duros & robustos.
 Octauio, entre as mayores opressões
 Compunha versos doutos & venustos,
 Não dirã Fulvia certo que he mentira:
 Quando a deixaua Antonio por Gláfrica:
 Vay

Vay Cesar sojugando toda França
 E as armas não lhe empedem a sciencia,
 Mas nũa mão a pena, & noutra a lança
 Igoalaua de Cicero a eloquencia:
 O que de Scipião se sabe & alcança
 He nas comedias grande experiencia,
 Lia Alexandro a Homero de maneira
 Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão
 Que não fosse tambem douto & sciente,
 Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
 Se não da Portuguesa tão somente:
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 Dalgum não ser por versos excelente,
 He não se ver prezado o verso & rima,
 Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura
 Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
 Nem auerá se este costume dura
 Pios Eneas, nem Achilles feros:
 Mas o pior de tudo he que a ventura
 Tão asperos os fez, & tão Austeros,
 Tão rudos, & de ingenho tão remisso
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas

Aas Musas agardeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lir a nome & fama
 De toda a illustre & bellica fadiga:
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Caliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As tellas d'ouro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louuor, he somente o profuposto
 Das Tagides gentis, & seu respeito:
 Porem não deixe em fim de ter desposto
 Ninguém a grandes obras sempre o peito,
 Que por esta, ou por outra qualquer via
 Não perdera seu preço & sua valia.

FIM.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
 DE LISBOA

Canto Seísto.

NA M fabia em que
modo festejasse
O Rey Pagão os fortes nauegan-
tes,

Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tão possantes:
Pesalhe que tão longe o apousentasse
Das Europeas terras abundantes,
Aventura, que namno fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana,
Com vsadas & ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegre & engana:
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

CANTO QUINTO.

Mas vendo o Capitão que se detinha
Ia mais do que deuia, & o fresco vento
O conuida que parta & tome asinha,
Os Pilotos da terra & mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento,
Ia do Pagão benigno se despede
Que a todos amizade longa pede:

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja
Que dar a tais barões seu reino & estado:
E que em quanto seu corpo o sprito reja
Estará de contino aparelhado,
A pôr a vida & reino totalmente
Por tão bom Rey, por tão sublime gente.]

Outras palauras tais lhe respondia
O Capitão, & logo as vellas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que váy buscando:
No Piloto que leua não auia
Falsidade, mas antes váy mostrando
A nauegação certa, & assi caminha
Ia mais seguro do que dantes vinha.

N As

As ondas nauegação do Oriente

La nos mares da India, & enxergaão

Os talamos do Sol, que nasce ardente,

La quasi seus desejos se acabauão:

Mas o mau de Tioneo, que na alma sente

As venturas, que então se aparelhaão

Aa gente Lusitana dellas dina,

Arde, morre, blasfema & desatina.

Via estar todo o Ceo determinado

De fazer de Lisboa noua Roma,

Não no pode estoruar, que destinado

Está doutro poder que tudo doma,

Do Olimpo dece em fim desesperado,

Nouo remedio em terra busca, & toma,

Entra no humido reino, & vaise aa corte

Daquelle, a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas

Cauernas altas, onde o mar se esconde,

La donde as ondas saem furibundas,

Quando aas iras do vento o mar responde,

Neptuno mora, & morão as jocundas

Nereidas, & outros Deoses do mar, onde:

As agoas campo deixão aas cidades,

Que habitão estas humidas deidades.

Descobre

Descobre o fundo nunca descoberto

As areas ali de prata fina,

Torres altas se vem no campo aberto

Da transparente massa cristalina,

Quanto se chegão mais os olhos perto,

Tanto menos a vista determina

Se he cristal o que vê, se diamante,

Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas

Do rico aljofar que nas conchas nasce,

De escultura fermosa estão lauradas,

Na qual do irado Baco a vista pace:

E vê primeiro em cores variadas

Do velho Chaos a tão confusa face,

Vem-se os quatro elementos trasladados

Em diuerfos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estana encima,

Que em nenhũa materia se sustinha,

Daqui as cousas viuas sempre anima,

Despois que Prometeo furtado o tinha:

Logo a pos elle leue se sublima

O inuisibil Ar, que mais asinha

Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,

Algum deixa no mundo estar vazio.

N 2

Estana

Estava a terra em montes reueſtida
 De verdes eruas & aruores floridas,
 Dando paſto diuerſo & dando vida
 Aas alimarias nella produzidas:
 A clara forma ali eſtaua eſculpida
 Das agoas entre a terra deſparzidas,
 De peſcados criando varios modos,
 Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida eſtaua a guerra
 Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,
 Eſta Tiſeo de baixo da alta ſerra
 De Etna, que as flamas lança crepitantes:
 Eſculpido ſe vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes.
 Delle o caualllo ouuerão, & a primeira
 De Minerua pacifica Ouliueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na viſta deſtas couſas, mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que auſado
 Da vinda ſua, o eſtaua ja aguardando:
 Aas portas o recebe, acompanhado
 Das Nimphas, que ſe eſtão marauilhando,
 De ver que cometendo tal caminho,
 Entre no reino d'agoa o Rey do vinho.

O Neptuno

O Neptuno, lhe diſſe, não te eſpantes
 De Baco nos teus reinos receberes,
 Porque tambem cos grandes & poſſantes
 Mostra a Fortuna injuſta ſeus poderes:
 Manda chamar os Deoſes do mar, antes
 Que fale mais, ſe ouuirme o mais quiſeres,
 Verão da deſventura grandes modos,
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que ſeria
 Eſtranho caſo aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os Deoſes da agoa fria,
 Que o mar habitão d'hũa & doutro banda,
 Tritão, que de ſer filho ſe gloria
 Do Rey, & de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro & ſeyo
 Trombeta de ſen pay, & ſeu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
 Da cabeça nos ombros, todos erão,
 Hũs limos prenhes d'agoa, & bem parecem
 Que nunca brando pentem conhecerão:
 Nas pontas pendurados não falecem
 Os negros Miſilhoës, que ali ſe gerão,
 Na cabeça por gorra tinha poſta
 Hũa muy grande caſca de Lagosta.

N 3

O corpo

O corpo nũ, & os membros genitais
 Por não ter ao nadar impedimento,
 Mas porem de pequenos animais
 Do mar, todos cubertos cento & cento:
 Camaroës, & Cangrejos, & outros mais
 Que recebem de Phebe crescimento,
 Ostras, & Camaroës do musco cujos,
 As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
 Que trazia, com força ja tocava,
 A voz grande canora foy ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava:
 Ia toda a companhia apercebida
 Dos Deos, pera os paços caminhava
 Do Deos, que fez os muros de Dardania,
 Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos & das filhas que gerara;
 Vem Nereo, que com Doris foy casado,
 Que todo o mar de Nimphas pouoara:
 O Propheta Proteo, deixando o gado
 Maritimo pacer pella agoa amara,
 Ali veyo tambem, mas ja sabia
 O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha,
 Graue, & leda no gesto, & tão fermosa
 Que se amansaua o mar de marauilha:
 Vestida hũa camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo cristalino dexe verse,
 Que tanto bem não he pera esconderse.



Anfitrite fermosa como as flores,
 Neste caso não quis que falecesse,
 O Delfim traz consigo, que aos amores
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
 Cos olhos que de tudo sam senhores
 Qualquer parecera que o Sol vencesse,
 Ambas vem pella mão, ygoal partido
 Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
 Fugindo, veyo a ter diuino estado,
 Consigo traz o filho, bello Infante,
 No numero dos Deoses relatado:
 Pella praya brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria, & aas vezes pella area
 No colo o toma a bella Panopea.

N 4 Eo

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
 E por virtude da erua poderosa
 Foy conuertida em pexe, & deste dano
 Lhe resulton deidade gloriosa,
 Inda vinha chorando o feio engano,
 Que Circes tinha usado coa fermosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado
 Que a mais obriga amor mal empregado.

Ja finalmente todos assentados
 Na grande sala nobre & diuinal,
 As Deosas em riquissimos estrados,
 Os Deoses em cadeiras de cristal:
 Forão todos do Padre agasalhados,
 Que co Thebano tinha assento ygoal:
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, & Arabia em cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto
 Dos Deoses, & de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto,
 A causa o Tyonea de seus tormentos:
 Hum pouco carregando se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 So por dar aos de Luso triste morte
 Co ferro albeyo, fala desta sorte.

Princepe

Princepe que de juro senhoreas
 Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado:
 E tu padre Oceano, que rodeas
 O mundo vniuersal, & o tens cercado:
 E com justo decreto assi permites,
 Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo ygoal vos não vingueis,
 De quemquer que por elle corra, & ande:
 Que descuido foy este em que viueis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande,
 Os peitos, con razão endurecidos
 Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão ja cometer o Ceo supremo,
 Vistes aquella insana fantasia
 De tentarem o mar com vella & remo:
 Vistes, & ainda vemos cada dia,
 Soberbas & insolencias tais, que temo
 Que do mar & do Ceo em poucos anos,
 Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

Vedes agora a fraca geração

Que dhum vassallo meu o nome toma,

Com soberbo, & altiuo coração,

A vos, & a mi, & o mundo todo doma:

Vedes o vosso mar cortando vão,

Mais do que fez a gente alta de Roma,

Vedes o vosso reino deuaçando

Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro

No vosso reino este caminho abrirão,

Boreas injuriado, & o companheiro

Aquilo, & os outros todos resistirão:

Pois se do ajuntamento aventureiro

Os ventos esta injuria assi sentirão,

Vos a quem mais compete esta vingança,

Que esperais, porque a pondeis em tardança?

Enão consinto Deoses que cuideis

Que por amor de vos do ceo deci,

Nem da magoa da injuria que sofreis,

Mas da que seme faz tambem a mi:

Que aquellas grandes honras, que sabeis

Que no mundo ganhay, quando venci

As terras Indianas do Oriente,

Todas vejo abatidas desta gente.

Que

Que o gran Senhor & fados que destinão,

Como lhe bem parece, o baxo mundo,

Famas mores que nunca determinão

De dar a estes barões no mar profundo:

Aqui vereis a Deoses como insinão

O mal tambem a Deoses: que a segundo

Se ve, ninguem ja tem menos valia

Que quem com mais razão valer deuia:

E por isso do Olimpo ja fugi,

Buscando algum remedio a meus pesares,

Por ver o preço, que no Ceo perdi,

Se por dita acharey nos vossos mares:

Mais quis dizer, & não passou daqui,

Porque as lagrimas ja correndo a pares

Lhe saltarão dos olhos, com que logo

Se acendem as Deidades dagoa em fogo:

A ira com que subito alterado

O coração dos Deoses foy num ponto,

Não soffreo mais conselho bem cuidado,

Nem dilação, nem outro algum desconto:

Ao grande Eolô mandão ja recado

Da parte de Neptuno, que sem conto

Solte as furias dos ventos repugnantes,

Que não aja no mar mais navegantes.

Bem

Bem quísera primeiro ali Protheo
 Dizer neste negocio o que sentia,
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda propheta:
 Porem tanto o tumulto se moueo
 Subito na diuina companhia,
 Que Thetis indinada lhe bradou,
 Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palauras animaua,
 Contra os varões audaces & animosos:
 Subito o ceo sereno se obumbrava,
 Que os ventos mais que nunca impetuosos
 Começão nouas forças a yr tomando,
 Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa Frota
 Com vento sossegado proseguia
 Pello tranquillo mar, a longa rota:
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo Emisperio está remota,
 Os do quarto da prima se deitauão
 Pera o segundo os outros despertauão.
 Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos
 Bocijando a miudo se encostauão,
 Pellas antenas, todos mal cubertos,
 Contra os agudos ares que assoprauão:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mas estregando os membros estirauão,
 Remedios contra o sonno buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.

Com que millhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pesado,
 Se não com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o sono carregado?
 Responde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado,
 Que contos poderemos ter millhores
 Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra feruida & robusta
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo
 Que o trabalho por vir mo esta dizendo.
 Consente

Consentem nisto todos, & encomendão
 A Veloso que conte isto que aproua,
 Contarei disse, sem que n.e reprehendão
 De contar cousa fabulosa, ou noua:
 E por que os que me ourem aqui aprendão
 A fazer feitos grandes de alta proua,
 Dos nascidos direy na nossa terra,
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
 João filho de Pedro moderaua,
 Depois que fozsegado & liure o teue
 Do vizinho poder que o molestaua:
 La na grande Inglaterra, que da neuue
 Boreal sempre abunda, semeaua
 A fera Erinis dura & mã cizania
 Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
 E nobres cortesaões, a caso hum dia
 Se leuantou discordia em ira acesa,
 Ou foy cpinião, ou foy porfia;
 Os Cortesaões a quem tam pouco pesa
 Soltar palauras graues de oufadia
 Dizem que provarão, que honras & famas
 Em tais damas não ha, pera ser damas.

E que

E que se ouuer alguém com lança & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
 A femeníl fraqueza pouco usada
 Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua
 De forças naturais conuenientes,
 Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
 No reino os inimigos, não se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas & bastantes
 A fazer que em socorro os Deoses. leuem:
 De todo o Ceo, por rostos de alibastro
 Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militar
 Cos Portuguezes já contra Castella;
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheiros, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esprimentara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma.
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

Este que socorrer lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas
 Lhe diz, quando o direito pretendia
 Do reino la das terras lberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, & partes tão diuinas,
 Que elles sos poderião, se não erro
 Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores;
 Que por cartas discretas & polidas,
 De vosso agrauo os fação sabedores:
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palauras dafagos & damores,
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creyo
 Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
 E logo lhe nomea doze fortes,
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
 Que ellas so doze sam: & descuberto
 Qual a qual tem caído das consortes,
 Cadbũa escreue ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

la

la chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a corte aluoroça a nouidade,
 Quiseram o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:
 Qualquer dos cortejaões auentureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemauenturado,
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda o que têm o leme do gouerno:
 Apercebem se os doze em tempo breue
 Darmas, & roupas de vso mais moderno,
 De elmos, cimeras, letras, & primores
 Caualos, & Concertos de mil cores.

la do seu Rey tomado tem licença
 Pera partir do Douro celebrado,
 Aqueles, que escolhidos por sentença
 Forão do Duque Ingles esprimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualeiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum so, que Magriço se dizia,
 Destarte fala aa forte companhia,

O Fortissimos

Fortísimos consócios, eu desejo
 A muito ja de andar terras estranhas,
 Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,
 Varias gentes, & leis, & varias manhas:
 Agora que aparelho, certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas sam tamanhas)
 Quero se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serey conuoso em Inglaterra.

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he vltima linha,
 Não for com vosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha:
 Todos por mi fareis o que he dinido:
 Mas se a verdade o sprito me adiuinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,
 Não farão que eu com vosco lá não seja.

Aí diz, & abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte,
 Passa Lião, Castella vendo antigos
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:
 Nauarra, cos altísimos perigos
 Do Períneo, que Espanha & Galia parte:
 Vistas em fim de França as cousas grandes,
 No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteu muitos dias,
 Mas dos onze a illustíssima companha
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
 Pera Londres ja fazem todos vias,
 Do Duque sam com festa agasalhados,
 E das damas seruidos, & animados.

Chegasse o prazo, & dia asinalado,
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
 Que pello Rey ja tinhamo segurado,
 Armanse delmos, grenas, & de arneses:
 Lá as damas tem por si fulgente & armado
 O Mauorte feroz dos Portugueses,
 Vestem se ellas de cores & de sedas
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu canaleiro, nesta empresa:
 Bem que os onze apregoão, que acabado
 Sera o negocio así na corte Inglesa,
 Que as damas vencedoras se conheção
 Posto que dous & tres dos seus falleção.

O 2 la

Ia num sublime & pubrico theatro
 Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,
 Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte:
 Não sam vistos do Sol do Tejo ao Bairo,
 De força, esforço, & danimo mais forte,
 Outros doze sayr como os Ingleses
 No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os caualos escumando
 Os aureos freos, com feroz semblante,
 Estaua o Sol nas armas rutilando,
 Como em cristal, ou rigido diamante:
 Mas enxergase num & noutro bando
 Partido desigoal & dissonante
 Dos onze contra os doze: quando a gente
 Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rosto aonde auia
 A causa principal do reboiço,
 Eis entra hum caualeiro, que trazia
 Armas, caualo, ao bellico seruiço:
 Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia
 Pera os onze, que este era o gram Magriço,
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

A am r

A dama como ouuiu, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, & fama,
 Se alegra, & veste ali do animal de Hele,
 Que a gente bruta mais que vertude ama:
 Ia dão sinal, & o som da tuba impelle
 Os belicosos animos, que inflama,
 Picão desporas, largão redeas logo
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:
 Qual do caualo voa, que não dece,
 Qual co caualo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interualo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem caualo:
 Cae a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou tres ja fera vão do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnes, escudo, & malha.

O 3 Castar

Gastar palauras em contar estremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos
 Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas & affamadas,
 Cos nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas & alegria,
 Cozinheiros occupa, & caçadores
 Das damas a fermosa companhia,
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Ate tornar aa duce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 La se deixou ficar, onde hum seruiço
 Notauel aa condeffa fez de Frandes:
 E como quem não era ja nouiço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Frances mata em campo, que o destino
 La teue de Torcato & de Corniño.

Outro

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teue hum fero desafio
 Cum Germano enganoso, que com manha
 Não diuida o quis pòr no estremo fio:
 Contando assi Veloso, ja a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desuiço
 Do caso de Magriço, & vencimento
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acordão despertando
 Os marinheiros dhua & doutra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dà a grande & subita procella,
 Amaina, disse o mestre a grandes brados
 Amaina, disse, amaina a grande vella,
 Não esperão os ventos indinados
 Que amainassem, mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, cum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

O 4 O ceo

Oceo fere com gritos nisto a gente,
 Cum subito temor, & desacordo,
 Que no romper da vela a Nao pendente
 Toma gram suma dagoa pello bordo,
 Alija, disse o mestre, rijamente,
 Alija tudo ao mar, não falte acordo,
 Vão outros dar a bomba não cessando,
 Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
 A dar aa bomba, & tanto que chegarão,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Derão aa Nao, num bordo os derribarão:
 Tres marinheiros duros, & forçosos,
 A menear o leme não bastarão,
 Talhas lbe punhão dhua & doutra parte
 Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão
 Mostrar mais força dimpeto cruel,
 Se pera derribar então vierão
 A fortissima torre de Babeli:
 Nos altissimos mares, que crescerão,
 A pequena grandura dhum batel,
 Mostra a possante nao, que moue espanto
 Venlo que se sostem nas ondas tanto.

Anno

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
 Quebrado leua o m isto pello meyo,
 Quasi toda aligalra a gente chama
 Aquelle que a saluar o mundo veyo:
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora sobre as nuuens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que decião
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a michina do mundo,
 A noite negra & feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto
 Iunto da costa braua leuantarão,
 Lembrando se de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lbe causarão:
 Os Delfins namorados entre tanto
 La nas couas maritimas entrarão,
 Fugindo aa tempestade, & ventos duros
 Que nem no fundo os deixa estar seguros
 Nunca

Nunca tam viuos rayos fabricou
 Contra a fera soberba dos Gigantes,
 O gram ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o gram Tonante arremessou
 Relampados ao mundo fulminantes,
 No gram diluuiio, donde sos viuerão
 Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão
 As ondas que batião denodadas,
 Quantas aruores velhas arrancarão
 Do vento brauto as furias indinadas:
 As forçosas raizes não cuidarão
 Que nunca pera o ceo fossem viradas,
 Nem as fundas arêas que podessem
 Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
 Do fim de seu desejo se perdia,
 Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
 Ora com noua furia ao ceo subia,
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio sancto & forte
 Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, o mar & terra senhoreas,
 Tu que a todo Israel refugio deste
 Por metade das agoas Eritreas:
 Tu que liuraste Paulo & defendeste
 Das Syrtes arenosas & ondas feas,
 E guardaste cos filhos o segundo
 Povoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos
 Doutra Scylla & Caribdis ja passados,
 Outras Syrtes, & baxos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados,
 No fim de tantos casos trabalhosos,
 Por que somos de ti desemparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão
 Entre as agudas lanças Affricanas
 Morrer, em quanto fortes soſtiuerão
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illustres se ſouberão,
 De quem ficão memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdella,
 Doce fazendo a morte as honras della.

Aſſe

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais a tormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauão,
Feros tronoës que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitana
A terra, & o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governaua,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não será, que auante leue
Tão danada tenção, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimphas amorosas
Grimaldas nas cabeças por de rosas.

Grimaldas

CANTO SEXTO.

111

Grimaldas manda por de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem não dirá, que nace roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abranlar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nimphas bellas,
Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegarão
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejarão,
E ja como rendidos lhe obedecem.
Os pés & mãos, parece, que lhe atarão
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais quera,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca a nôr constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E não conuem furor a firme amante:
Se ja não pões a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais a narte, mas te merte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

Assi mesmo a fermosa Galatea

Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauão

Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauão,
Amansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomadolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.

La a menham clara daua nos outeiros,

Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
La fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta

Esta he por certo a terra que buscais

Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui senece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledó em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agardeceo.

As graças a Deos daua, & razão tinha

Que não somente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esprimentaua,
Mas via se liurado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, & medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos

Destes trabalhos graues & temores,
Alcanção os que sam de fama amigos
As honras immortais, & graos mayores:
Não encoitados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,
 Não cos passeos molles & ouciosos,
 Não cos varios deleites & infinitos
 Que afeminão os peitos generosos:
 Não cos nunca vencidos apetitos
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não soffre a nenhum que o passo mude
 Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas,
 Vigando, & vestindo o forjado aço
 Soffrendo tempestades & ondas cruas:
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, & regioes de abrigo nuas,
 Engulindo o corrupto mantimento
 Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
 A parecer seguro, ledo, inteiro,
 Pera o pilouro ardente, que affonia
 E leua a perna, ou braço ao companheiro:
 Destarte o peito hum calo honroso cria
 Desprezador das honras, & dinheiro,
 Das honras, & dinheiro, que a ventura
 Forjou, & não vertude justa, & dura.
 Destarte

CANTO SEPTIMO. 113

Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baxo tracto humano embaraçado,
 Este onde tiuer força o regimento
 Direito, & nam de affeitos occupado,
 Subirá (como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

Canto Septimo.

A se viã chegados
 junto aa terra,
 Que desejada ja de tantos fora,
 Que entre as correntes Indicas se
 encerra,
 E o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia sois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

A vos, ô geraçam de Luso digo,
 Que tam pequena parte sois no mundo:
 Não digo inda no mundo, mas no amigo
 Curral de quem gouerna o ceo rotundo:
 Vos, a quem não somente algum perigo
 Estorua conquistar o pouo immundo:
 Mas nem cobiza, ou pouca obediencia
 Da Madre, que nos ceos está em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pesais,
 Vos que aa custa de vossas varias mortes
 A lei da vida eterna dilatais:
 Assim do ceo deitadas sam as sortes,
 Que vos por muito poucos que sejais,
 Muito fazeis na sancta Christandade:
 Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

V. delos Alemães, soberbo gado,
 Que por tam largos campos se apacenta,
 Do successor de Pedro rebelado,
 N'um pastor, & noua ceita inuenta:
 Vedelo em feas guerras occupado,
 Que inda co cego error se nam contenta;
 Não contra o superbissimo Otomano:
 Mas, por sair do jugo soberano,

Vedelo

Vedelo duro Ingles, que se nomea
 Rei da velha & sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Nam por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por entanto hum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta lei;
 Da cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseſte,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão,
 E nam contra o Cynifio & Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprovuar da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

P 2

Poisq

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos:
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tão inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias repugnantes,
Olhay sestais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.

Se cobica

CANTO SEPTIMO. 115

Se cobica de grandes senhorios
Vos faz yr conquistar terras alheas,
Nam vedes que Pactolo & Hermo rios,
Ambos voluem auríferas areas,
Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
Affrica esconde em si luzentes veas,
Mouauos ja se quer riqueza tanta,
Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuensões feras & nouas,
De instrumentos mortais da artellaria,
La deuem de fazer as duras prouas,
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Fazei que torne la aas siluestres couas,
Dos Caspios montes, & da Citia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
Bradando vos estão, que o pouo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do alcorão (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriay de peito forte, & astuto,
E não queirais lououres arrogantes,
De serdes contra os vossos muy possantes.

P 3

Mas

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Não saltarão Christãos atreuidos,
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegara.

E vejamos em tanto que acontece
Aaquellès tam famosos nauegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor d'ão dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfijs tam constantes,
Onde vê samear de Christo a ley,
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegãrão,
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhe mostrãrão
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinarão,
Porque esta era a cidade das milhores.
Do Malabar milhor, onde vinia
O Rei que a terra toda possuia.

Alem

Alem do ludo jaz, & âquem do Gange,
Hum terreno muy grande, & assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauernoso.
Lugo de Reis diuersos o constrange
A varias leis: algũs o vicioso
Mahoma, algũs os Idolos adorão,
Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersonejo.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço
Say da larga terra hũa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta.
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.

P 4

Mas

Mas agora de nomes, & de vsança,
 Nouos & varios sam os habitantes:
 Os Delijs, os Patanes, que em possança
 De terra, & gente, sam mais abundantes,
 Decanis, Oriás, que a esperança
 Tem de sua saluação nas resonantes
 Agoas do Gange, & a terra de Bengala
 Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicoso
 (Dizem que foy de Poro Rei potente)
 O Reino de Narsinga poderoso,
 Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga la do mar vndoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Seruindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
 Do pê do qual pequena quantidade
 Se estende hũa fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade:
 Aqui de outras cidades sem debate,
 Calecu tem a illustre dignidade,
 De cabeça de Imperio rica, & bella,
 Samorim se intitula o senhor della.

Chegada.

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portugues mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tam remota parte:
 Entrando o mensageiro pelo Rio,
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nasceu
 Fora na região da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido:
 Ou pela vezinbança ja teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foy ja aßinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo deÿterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lhe responde o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

Espantado ficou da gram viagem,
 O mouro que Monçaide se chamaua,
 Ouviudo as opressões que na passajem
 Do mar, o Lusitano lhe contaua,
 Mas vendo em fim, que a força da mensajem
 So pera o Rei da terra releuaua,
 Lhe diz que estaua fora da cidade.
 Mas de caminbo pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria:
 E despois que se hum pouco recreasse,
 Coelle pera a armada tornaria,
 Que alegria não pode ser tamanha,
 Que achar gente vezinha em terra estranha:

O Portugues aceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece
 Como se longa fora ja a amizade,
 Coelle come & bebe, & lhe obedece:
 Ambos se tornão logo da cidade,
 Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
 Sobem aa Capitaina, & toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouviudo clara a lingua de Castella,
 Junto de si o assenta, & prompto & quedo
 Pela terra pergunta, & confus della:
 Qual se ajuntaua em Ro.lope o aruoredo,
 So por ouuir o amante da donzella
 Euridice, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro:

Elle começa, o gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminbo:
 Nam he sem causa não occulta, & escura
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum seruico seu por vos obrado:
 Por isso so vos guia, & vos defende
 Dos amigos do mar, do vento yrado:
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diuerso pouo, rico & prosperado,
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramã Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me insituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

CANTO SEPTIMO. 119

A hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dâ Cranganor
E os mais, a quem o mais serue & contenta
Hum so moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
Pera este Calecu somente fica,
Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dêco titulo excellente
De Emperador, que sobre os outros mande,
Isto feito se partê diligente,
Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
E daqui fica o nome de potente
Camorî, mais que todos digno, & grande
Ao moço & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andão nius, & somente hum pano cobre
As partes, que a cubrir natura insina:
Dous modos ha de gente, porque a nobre
Naires chamados sam, & a menos digna
Poleãs tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga.

Porque

Porque os q̃ usaram sempre hum mesmo officio,
 De outro nam podẽ receber consorte,
 Nem os filhos teram outro exercicio,
 Senão o de seus passados ate morte,
 Pera os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados de tal sorte,
 Que quando algum se toca por ventura,
 Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Destla sorte o Iudaico pouo antigo
 Nam tocava na gente de Samaria,
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de vsança varia,
 Os Naires sos sam dados ao perigo
 Das armas, sos defendem da contraria
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
 Na ezquerda a adarga, e na direita a espada:

Bramenes sam os seus religiosos,
 Nome antigo, & de grande preminencia,
 Obseruão os preceitos tam famosos
 Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
 Nam matão cousa viua, & temerosos
 Das carnes tem grandissima abstinencia,
 Somente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

Gerais sam as molheres: mas sonente
 Pera os da geração de seus maridos:
 Ditosa condicam, ditosa gente,
 Que nam sam de ciumes offendidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquilo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo!

Assi contava o Mouro: mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade,
 Ia vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandara,
 O Capitão da armada que chegara.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a fermosa differença
 A vista alegria ao pouo aluorocado,
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, despois o fresco rio.

Na

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
La na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que va, costume usado,
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Desta arte o Malabar, de starte o Luso,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infantaria segue esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, & bem quiserá
Perguntar: mas no tempo ja passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Assi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo ja chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrarão.

Ali

CANTO SEPTIMO. V. 121

Ali estam das deidades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios degestos, varios de pinturas,
A segundo o Demonio lhe fingia:
Vem se as abominaueis esculturas,
Qual a Chimêra em membros se varia,
Os Christãos olhos a ver Deos usados,
Em forma humana estam maravillados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintaua:
Outro com muitos braços diuididos
A Briareo parece que imitaua:
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão sem cutro algum desuio,
Pera onde estaua o Rei do pouo vão:
Engrossando se vay da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados & janellas
Velhos & moços, donas & donzellas.

Q la

La chegão perto, & não passos lentos,
 Dos jardins odoríferos fermosos,
 Que em si escondem os regios apousentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos,
 Edificação se os nobres seus assentos,
 Por entre os aruoredos deleitosos,
 Assim viuem os Reis daquella gente,
 No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
 Se enxerga da Dedalea facultade,
 Em figuras mostrando por nobreza
 Da India a mais remota antiguidade:
 Affiguradas vão com tal vineza
 As historias daquella antiga idade,
 Que quem dellas tiuer noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Idaspe lana,
 Rege o hum capitam de fronte lisa,
 Que com frondentes Tirsos pelejaua,
 Por elle edificada estaua Nisa.
 Nas ribeiras do rio, que manaua,
 Tão proprio, que se ali estiuier Semelle,
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,
 Mui grande multidão da Assiria gente,
 Sujeita a feminino senhorio,
 De hũa tam bella, como incontinente:
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, & sojugauão,
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:
 Dum capitão mancebo se guiauão
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de Filipo, mas sem falta
 De pro genie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,
 Dizia o Catual ao Capitão,
 Tempo cedo virá que outras victorias,
 Estas que agora olbais abaterão:
 Aqui se escreuerão nouas historias,
 Por gentes estrangeiras que virão
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,
 Quando o tempo futuro especulâo.

Q 2 E diz lhe

E diz-lhe mais a mágica sciencia,
 Que pera se evitar força tamanha,
 Não valerá dos homens resistencia,
 Que contra o Ceo não val da gente manha:
 Mas também diz que a bellica excellencia
 Nas armas, & na paz, da gente estranha
 Sera tal, que sera no mundo ouuido
 O vencedor, por gloria do vencido.

Aí fallando entrão já na sala,
 Onde aquelle potente Emperador
 Nua camilha jaz, que nam se igoala
 De outra algũa no preço & no lanor:
 No recostado gesto se asinala
 Hum venerando & prospero senhor,
 Hum panno de ouro cinge, & na cabeça
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
 Cos gíolhos no chão, de quando em quando
 Lhe dáua a verde folha da erua ardente
 Que a seu costume estava ruminando:
 Hum Bramene, pessoa preminente,
 Pera o Gama vem com passo brando,
 Pera que ao grande Principe o apresente,
 Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estava o Samori no trajo & geito
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançando a graue voz do sabio peito,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, & do pouo todo
 O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura nodas,
 Ouindo do rumor que la responde
 O eco, como em ti da India toda
 O principado está, & a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelanda,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

23

E se

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comerçio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o não desta amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reimo se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yr mão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima reposta.

Tal embaxada daua o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tão remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informar-lhe se certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differa:
E que

E que em tanto podia do trabalho
Passado yr repousar, & em tempo breue
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei reposta alegre leue:
Ia nisto punha a noite o usado atalho.
Aas humanas canseiras, porque ceue
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente,
O Cama, & Portugueses no apouento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas & geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rei, tinha ja por regimento
Saber da gente estranha donde vinha
Que costumes, que lei, que terra tinha:

Tanto que os igneos carros do sermoso
Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
Manda chamar Monçaide, deseioso
De poder-se informar da gente noua:
Ia lhe pergunta prompto & curioso,
Se tem noticia inteira, & certa proua,
Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Que particularmente ali lhe desse
Informação muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam saberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por bafô está aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitarão dos campos abundosos.
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos.
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades, & altos muros.

Não

IA CANTO SEPTIMO. V. I 125

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,
Em quaesquer outras guerras que acôteção,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou la dalgũs que do Pirene deção.
Assi que nunca em fim com lanca estranha
Se tem, que por vencidos se conheção,
Nem se sabe inda não, te asfirmo & assello
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E sesta informação nam for inteira
Tanto quanto conuem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja & offende:
Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaras de veres a policia
Portuguesa na paz, & na milicia.

Ia com desejos o Idolatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lhe contava,
Manda esquipar bateis, que yr ver quieria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraçam, que o mar coalhava,
Aa Capitaina sobem forte & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras
Do rico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A cento nella os olhos apacentar.

Pelo que ve pergunta: mas o Cama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A ceita Epicurea, esperimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrara aa gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ternos singulares.
Feitos dos homẽs, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue.

Alçase

Alçase em pê, co elle os Gamus junto
Coelho de outra parte, & o Muritano
Os olhos poem na bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujos nome nam pode ser de functo
Em quanto ouuer no mundo trato humano,
Nã trajo a Grega usança estã perfeita,
Hum ramo por insignia na drecita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo insano, & temerario,
Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam ardua, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que navego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:
Agora o mar, agora esperimentando
Os perigos Miuorcios inhumanos,
Quil Carpace que a morte se condena,
Nãa mão sempre a espida, & noutra a pena.

Agora

Agora com pobreza auorrecida,
 Por hospícios alheios degradado,
 Agora da esperança já adquirida,
 De nouo mais que nunca derribado:
 Agora aas costas escapando a vida,
 Que dum fio pendia tam delgado,
 Que não menos milagre foi saluar-se,
 Que pera o Rei ludaico acrecentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,
 Que tamanhas misérias me cercassem:
 Senão que aquelles que eu cantando andaua,
 Tal premio de meus versos me tornassem
 A troco dos descansos que esperaua,
 Das capellas de louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inuentarão,
 Com que em tam duro estado me deitirão.

Vede Nymphas que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezas com tais fauores
 A quem os faz cantando gloriosos:
 Que exemplos a futuros escriptores
 Pera espentar engenhos curiosos,
 Pera poremas cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vosso fauor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuersos engrandeça:
 Daimo vos sos, que eu tenho já jurado
 Que não no empregue em quem o não mereça
 Nem por lisonja louue algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
 A quem ao bem comum, & do seu Rei
 Anteposer seu proprio interesse:
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que use de seu poder bastante
 Pera servir a seu desejo feio,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veio,
 Por contentar o Rei no officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

Nem quem acha que he justo & que he direito
 Guardase a ley do Rei seueramente,
 E não acha que he justo & bom respeito,
 Que se pague o suor da seruil gente.
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende, & cuida que he prudente,
 Pera taxar com mão rapace & escassa,
 Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles fos direy que auenturâção
 Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
 Onde perdendoa, em fama a dilatâção,
 Tambem de suas obras merecida.
 Apolo, & as Musas que me acompanharão,
 Me dobraram a furia concedida
 Em quanto eu tomo alento descansado,
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

FIM.

Canto Octauo.



A primeira figura

se detinha
 O Catual, que vira estar pinta-
 da.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, & penteada:
 Quem era, & porque causa lhe conuinha
 A diuisa que tem na mão tomada,
 Paulo responde, cuja voz discreta
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
 Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
 Mais brauos, & mais feros se conhecem
 Pela fama, nas obras, & nos feitos
 Antigos sam, mas inda resplandecem
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
 Este que ves he Luso, donde a fama
 O nosso Reino Lusitana chama.

Foi

Foy filho & companheiro do Thebano,
 Que tam diuersas partes conquistou
 Parece vindo ter ao ninho Hispano,
 Seguindo as armas que continuo vsou,
 Do Douro, Guadiana o campo vsano,
 Ia dito Elifio, tanto o contentou
 Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
 Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuifa,
 O verde Tyrso foi de Baco usado,
 O qual aa nossa idade amostra & auifa
 Que foi seu companheiro & filho amado:
 Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
 Despois de ter tam longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edefica,
 E templo a Palas, que em memoria fica

Vlisses he o que faz a sancta casa
 Aa Deosa, que lhe dà lingua facunda,
 Que se lã na Asia Troia insigne abraça,
 Ca na Europa Lisboa ingente funda:
 Quem sera estoutro ca que o campo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

Assi o Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor ja foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que nõ cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle nõ, nem ter puderão
 O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força nõ: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grande aperto em gente, inda q̃ honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro estã aqui que contra a patria yrosa
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.

Ves com nosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam Iotis artes & maneiras,
 Pera adquirir os pouos tam fingidas
 Afatidica Cernua que o auifa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuifa.

R Olha

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
 O gram progenitor dos Reis primeiros,
 Nos Vngaro o fazemos, porem nado
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
 Depois de ter cos Mouros superado
 Galegos, & Leoneses caualleiros,
 Aa casa Sancta passa o sancto. Enrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dizê estoutro que me espanta,
 Pergunta o Malabar maravilhado,
 Que tantos esquadroes, que gente tanta,
 Com tam pouca, tem roto, & destrogado:
 Tãtos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas d' nunca cansado,
 Tantas coroas tem por tantas partes,
 A seus pês derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro. Afonso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma,
 Por quem no Estigiolago jura a fama,
 De mais não celebrar nenhum de Rôma:
 Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro imigo doma,
 Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
 Nada deixando ja pera os futuros.

Se

Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos immigos quantos erão,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderão
 Com glorias immortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicauéis,
 Ve que os de seus vassallos sam notauéis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal soffrido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregar se,
 A corda ao colo, nu de seda & pano,
 Porque nam quis o moço sogear se,
 Como elle prometera ao Castelbano:
 Fez com siso & promessas leuantar se
 O cerco que ja estava soberano,
 Os filhos & molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

Nam fez o Consul tanto que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante
 Quando a passar por baxo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante:
 Este pelo seu pouo injuriado,
 Assim se entrega so firme & constante,
 Estoutro assi, & os filhos naturais,
 E a consorte sem culpa, que doe mais,

Ves este que saindo da cilada,
 Dá sobre o Rei que cerca a villa forte,
 Ia o Rei tem preso, & a villa descortada
 Ilustre feito digno de Mauorte,
 Velo ca vay pintado nesta armada
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,
 Tomando lhe as galês, leuando a gloria,
 Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co fogo que acendeo junto da serra
 De Abila, nas gales da Maura gente
 Olha como então justa & sancta guerra
 De acabar pelejando está contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua:
 Olha Enrique famoso caualleiro,
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanios sam os Martyrrs de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada,
 Por quem por Maphamede enresta a lança:
 He Teotonio Prior: mas vê cercada
 Sanctarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata,
 E Hispalico pendão derriba em terra,
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

R 3

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas & ousadas:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castellbano, que agrauado,
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vê que hum Portugues com pouca gente
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,
Que destes leuar pode a palma, & o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:
Vello entre os duvidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o sinal no çeo que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.

Vês

CANTO OCTAVO:

135

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,
Rotos, cos outros dous, & não de espaço,
Rotos mas antes mortos, marauilha
Feita de Deos, que não de humano braço:
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,
Portugues de nação, como conquista
A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha que por armas lhe resista,
Com manha, esforço, & com benigna estrella
Villas, castellos toma a escalla vista:
Vês Tauila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha
Situes, que elle ganhou com força ingente,
He dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueja aa gente:
Mas não passes os tres q' é França & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas & torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

R 4

Vellos

OS LUSIADAS DEL. DE CAI

Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o preço sos leuãrão
Dos jogos de Belonã verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitãrão,
Vẽ mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiãrão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não nõ ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu natural, & nam de albeyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartejo, & Goadiana habitã.

Mas

CANTO OCTAVO: 1133

Mas não ves quasi já desbaratado,
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão deuoto, que apartado
Orando inuoca a sumã & trina essencia:
Vello com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouuindo que a possinça
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estaua dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
Ouuir quiseses como se nomea,
Portugues Cipião chamar se deue:
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue:
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuno,
Sempre suspirarã por tal aluno.

Na

Na mesma guerra vê que presas ganha,
 Estoutro Capitão de pouca gente,
 Comendadores vence, e o gado apanha,
 Que leuauão roubado ousadamente:
 Outra vez vê que a lança em sangue banha
 Destes, so por liurar com amor ardente
 O preso amigo, preso por leal,
 Pero Rodriguez he do Landroal,

Olha este desleal o como paga
 O perjurio que fez e vilengano,
 Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
 E faz vir a passar o ultimo dano:
 De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
 Co sangue de seus donos Castelhanao:
 Mas olha Rui Pireira que co rosto
 Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,
 Neste outeiro subidos se defendem,
 Fortes de quatrocentos Castelhanos,
 Que em derredor pelos tomar se estendem,
 Porem logo sentiram com seus danos,
 Que nam so se defendem, mas offendem,
 Digno feito de ser no mundo eterno,
 Grande no tempo antigo e no moderno.
 Sabese

Sabese antigamente que trezentos
 Ia contra mil Romanos pelejarão,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriato tanto se illustrarão,
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraueis, de erança nos deixarão,
 Que os muitos por ser poucos nam temamos
 O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro e Henrique,
 Progenie generosa de loane,
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane;
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

Ves o Conde dom Pedro que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Ves outro Conde esla que representa
 Em terra Marte, em forças e ousadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alcaçere da ingente companhia:
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião:
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes crião,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desfuião
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,
Culpade Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̃ esforço & saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,
E como a seu contrario natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que â com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casa rica
Que com costumes altos & excellentes
Sustentão a nobreza que lhe fica:
E se ha luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Nam falta ao menos, nem se faz escura:
Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estã declarando os grandes feitos,
O Gama que ali mostra a varia tinta,
Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
Do singular artifice ali pinta:
Os olhos tinha promptos & dereitos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,
Porque a alâmpada grande se escondia
Debaxo do Orizonte & luminosa
Leuava aos Antipodas o dia,
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso que descansa,
Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

Entre tanto os Aruspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Anteuem sempre os casos duvidosos,
 Por sinais diabolicos, & indícios
 Mandados do Rei proprio, estudiosos
 Exercitauão a arte & seus officios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha,
 Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal. lhe mostra o Demo verdadeiro,
 De como a noua gente lhe seria
 Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
 Destruçam de gente, & de valia:
 Vaise espantado o atonito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os sinais temerosos que alcançara
 Nas entranhas das victimas que oulbara:

A isto mais se ajunta que hum deuoto
 Sacerdote da ley de Maphamede,
 Dos odios concebidos nam remoto,
 Contra a diuina Fe, que tudo excede,
 Em forma do Propheta falso & noto,
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baco odioso em senhos lhe aparece,
 Que de seus odios inda se nam dece.

E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,
 Do mal que se aparelha pelo inimigo
 Que pelas agoas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo:
 Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
 Espantado do sonho: mas consigo
 Cuida que não he mais que sonho usado
 Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
 O gram legislador que a teus passados
 Tem mostrado o preceito a que obedeces
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
 Pois saberas que aquelles que chegados
 De nouo sam, seram muy grande dano
 Da lei que eu dei ao nescio pouo humano:

Em quanto he fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista,
 Porque quanto o Sol sae facilmente
 Se pode nelle por a aguda vista:
 Porem despois que sobe claro & ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tam cega fica, quanto ficareis
 Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

Isto dito, elle & o sono se despede,
 Tremendo fica o atonito Agareno
 Salta da cama, lume aos feruos pede
 Laurando nelle o feruido veneno:
 Tanto que a noua luz que ao Sol precede
 Mostrara rosto Angelico & sereno,
 Conuoca os principais da torpe ceita,
 Aos quais do que sonhou dà conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios
 Ali se dão segundo o que entendião,
 Astutas traições, enganos varios,
 Perfidias inuentauam & tecião:
 Mas deixando conselhos temerarios,
 Destruicam da gente pretendião,
 Por manbas mais sotis & ardis milhores,
 Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
 Concilião da terra os principais,
 E com razões notauéis & discretas
 Mostram ser perdiçam dos naturais,
 Dizendo que sam gentes inquietas,
 Que os mares discorrendo Occidentais,
 Viuem so de piraticas rapinas,
 Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.

O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia, & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Porque como estè posto na superna
 Cadeira, pode mal dos apartados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde manto,
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hã bom em tudo he justo & sancto
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderá ter conta,
 A quieta inocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,
 Que o Gentilico pouo governauão,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues despacho dilat auão:
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,
 Que levar a seu Rei hum final certo
 Do mundo, que deixa descoberto.

S

Nisto

Nisto trabalha so, quem bem sabia
 Que depois que leuasse esta certeza;
 Armaz. n. os, & gentes mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo & ley someteria
 Das terras, & do mar a redondeza,
 Que elle não era mais que hum diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determinia,
 Porque com seu despacho se tornasse,
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse:
 O Rei que da noticia falsa, & indina
 Nam era despanitar se sespantasse,
 Que tam credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mauros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Hum desejo immortal lhe acende, & atic.
 Que bem vê que grandissimo proueito
 Fará se com verdade, & com justiça
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande Capitão chamar mandava,
 A quem chegado disse, se quiseses
 Confessar-me a verdade limpa, & nua,
 Perdão alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
 Que de teu Rei me deste, que he fingida:
 Porque nem tu tês Rei, nem patria amada,
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hisperia ultima alongada
 Rei, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometer com n. os, & frotas
 Tam incertas viagens, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
 O teu Rei tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com peças & d. ões altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade
 Que final nem penhor não he bastante,
 As palauras dum vago navegante.

S 2

Se

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já foram homẽs d'alta sorte,
 Em meu Reino sereis agasalhados,
 Que toda a terra he patria pera o forte:
 Ou se piratas sois ao mar vsados,
 Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
 Suspeitas das insidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tam mal o Rei cuidava:
 Cũa alta confiança, que conuinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
 Humana cometeo na prisca idade,
 Nam causaram, que o vaso da niquicia,
 Aconte tão cruel da Christandade,
 Viera por perpetua inimicia:
 Na geraçam de Adão, co a falsidade
 O poderoso Rei da torpe seita,
 Nam conceberas tu tam mã sospeita.

Mas

Mas por que nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes opressões, & em todo o feyto
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeito
 Das razões em contrario que acharias
 Senão creffes a quem não crer deuias.

Por que se eu de rapinas so viuesse
 Vndinago, ou da patria desterrado,
 Como tres que tão longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Por que esperanças, ou por que interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q' a achar o estranho Climã
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne a minha patria, & Reino amigo
 Então verás o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

S 3

Se te

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da vltima Hisperia atime mande,
 O coraçam sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre & gran conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, & se de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os. antigos
 Reis nossos firmemente propuserão
 De vencer os trabalhos, & perigos,
 Que sempre às grandes cousas se opuserão
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderão
 De saber que fim tinhão, & onde estauão
 As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arrou primeiro
 O mar, por yr deitar do ninho caro
 O morador de Abila derradeiro:
 Este por sua industria, & engenho raro,
 Num madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pode a parte, que faz clara
 De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crescendo

Crescendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias, descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
 Que hũs succedendo aos outros proseguirão
 De Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nunca as sete flammãs virão,
 Forão vistos de nos, atras deyxando
 Quantos estão os Tropiccos queymando.

Assi com firme peyto, & com tamanho
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Ate que nos no teu terreno estranho
 Viemos pôr a vltima columna:
 Rompendo a força do liquido Estanho
 Da tempestade horrifica, & impõtuna
 Ati chegamos, de quem so queremos
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo tão fingido, & vão proemio:
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheys feyto rico.

S 4

Assi que

Assi que ô Rey, se minh' grão verdade
 Tês por qual he, sincera, & não dobrada,
 Ajuntame ao despacho breuidade,
 Não me impidas o gosto da tornada:
 E se inda te parece falsidade,
 Cuyda bem na razão que esta prouada,
 Que com claro juyzo pode verse,
 Que facil he, a verdade dentenderse.

Atento estaua o Rey na segurança,
 Com que prouaua o Gama o que dezia,
 Concebe delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia,
 Pondera, das palavras ha abastança,
 Julga na auctoridade grão valia,
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuals curruutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,
 Que espera do contrato Lusitano,
 O faz obedecer, & ter respeyto,
 Co. Capitão, & não co Mauro engano:
 Enfim ao Gama manda, que direyto
 Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaría troque, & venda.
 Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Ia da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que nonos laços
 Lhe machinaua, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcaçam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na ma tençam dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li nam entendera:

Era

Era este Catual, hum dos que estauão
 Corruptos pela Maumetana gente,
 O principal por quem se governaão
 As cidades do Samorim potente.
 Delle somente os Mouros esperauão
 Efeito a seus enganos torpemente,
 Elle, que no concerto vil conspira
 De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe requiere
 Que o mande por nas naos, & não lhe val,
 E que assi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal:
 Porque razão lhe empede & lhe difere
 A fazenda trazer de Portugal,
 Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
 Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corrupto
 A tais palauras, antes reuoluendo
 Na fantasia algum sutil, & astuto
 Engano, diabolico, & estupendo,
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue auorrecido, estava vendo,
 Ou como as naos em fogo lhe abrajasse,
 Porque nenhũa aa patria mais tornasse,
 Que

Que nenhum torne aa patria so pretende
 O conselho infernal dos Maumetanos,
 Porque nam saiba nunca onde se estende
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
 Não parte o Gama em fim, que lho defende
 O Regedor dos barbaros profanos,
 Nem sem licença sua yrse podia,
 Que as almâdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,
 Responde o Idolatra, que mandasse
 Chegar aa terra as naos, que longe estão,
 Porque milhor dali fosse, & tornasse:
 Sinal he de inimigo, & de ladrão,
 Que la tam longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo & fido amigo
 He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naos deseja perto
 O Catual, porque com ferro, & flama
 Lhas assalte, por odio descuberto:
 Em varios pensamentos se derrama:
 Fantasiando está remedio certo,
 Que desse a quanto mal se lhe ordenaue,
 Tudo temia, tudo em fim cuidaue.

Qual

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vai ferir noutra parte luminoso,
 E sendo da vuciosa mão mouido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado,
 Tremulo, aqui & ali, & deffosssegado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
 Do Gama preso, quando lhe lembrará
 Coelbo, se por caso o esperaua
 Na praia cos bateis, como ordenara:
 Logo secretamente lhe mandaua,
 Que se tornasse aa frota, que deixâra;
 Nam fosse salteado dos enganos,
 Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte]
 Imitar os illustres, & igo ilalos.
 Voar co pensamento a toda parte,
 Adiuinhar pirigos, & enitallos:
 Com militar engenho, & sutil arte
 Entender os inimigos, & enganalos,
 Crey tudo em fim, que nunca louuarey
 O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

Insiste o Malabar em telo preso,
 Senão manda chegar a terra a armada,
 Elle constante, & de yra nobre aceso,
 Os ameaços seus nam teme nada:
 Que antes quer sobre si tomar o peso,
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando, que por em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteve ali detido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rei. mas impedido.
 Foi da guarda que tinha não pequena.
 Comete lhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
 Se sabe esta malicia, a qual asinha
 Saberâ, se mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, pera a terra,
 Pera que de vagar se troque, & venda,
 Que quem nam quer commercio, busca guerra:
 Posto que os maos prepositos entenda
 O Gama, que o danado peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade,
 Que compra co a fazenda a liberdade.

Concerta-se

Concertã se que o negro mande dar,
 Embarcações idoneas com que venha,
 Que os seus bateis não quer aventurar,
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha:
 Partem as almôdias a buscar
 Mercadoria Hispana, que conuenha,
 Escreue a seu yrnão, que lhe n andasse
 A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual:
 Coella ficam Alvaro & Diogo,
 Que a podessem vender pelo que val,
 Se mais que obrigação, que mando & rego
 No peito vil o premio pode, & val,
 Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detiuesse:
 Elle vendo que já lhe nam conuinha
 Tornar a terra, porque nam podesse
 Ser mais retido, sendo aas naos chegado
 Nellas estar se deixa descansado.

Nas

Nas naos estar se deyxã vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia já do cabiceço
 Regedor corrompido, & pouco nobre.
 Veja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinbeyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sô por ficar senhor do grão tesouro:
 Entra, pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acriso a chuua douro:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afozada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz tre-dorosos, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
 Este deprava as vezes às ciencias,
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

Este interpreta mais que sutilmente
 Os textos. este faz & desfaz leis:
 Este causa os perjuros entre a gente:
 E mil vezes tirânos torna os Reis.
 A te os que so a Deos omnipotente
 Se dedicação, mil vezes ouuireis,
 Que corrompe este encantador, & illude:
 Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

Canto Nono.

Luerão longamen-
 te na cidade
 Sem vender se a fazenda os do-
 us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade
 Fazem, que nam lha comprem mercadores,
 Que todo seu proposito, & vontade
 Era, deter ali os descubridores
 Da India, tanto tempo que viessem
 De Meca a naos, que as suas desfizessem.

La no

La no seio Eritreo, onde fundada
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que despois em Suez se conuerteo,
 Não longe, o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceo.
 Com a superstição falsa, & profana,
 Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidâ se chama o porto, aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florescia,
 De que tinha proueito grande, & grato
 O Soldão que esse Reino possuia:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, fermosa companhia
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão,
 Que como fossem grandes & possantes
 Aquellas, que o commercio lhe tomauão,
 Com flamas abrasassem crepitantes:
 Neste socorro tanto confiauão,
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

T

Mas

Mas o Governador dos ceos, & gentes,
 Que pera quanto tem determinado,
 De longe os meios dá conuenientes,
 Por onde vem a effeito o fim fadado,
 Influiu piadosos accidentes
 De affeição em Monçaide, que guardado
 Estaua pera dar ao Gama auiso,
 E merecer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,
 Por ser Mouro como elles, antes era
 Participante em quanto machinauão,
 A tençam lhe descobre torpe, & fera:
 Muitas vezes as naos que longe estauão
 Visita, & com piedade considera
 O dano, sem razão, que se lhe ordena,
 Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,
 Que de Arabica Meca vem caduno,
 Que agora sam dos seus tam desejadas,
 Pera ser instrumento deste dano.
 Diz lhe que vem de gente carregadas,
 E dos trouões horrendos de Vulcano,
 E que pode ser dellas oprimido,
 Segundo estaua mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem consideraua
 O tempo, que pera a partida o chama,
 E que despacho ja não esperaua
 Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
 Aos feitores, que em terra estão, mandaua
 Que se tornem aas naos: & porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando
 Hum rumor nam soasse com verdade,
 Que forão presos os feitores, quando
 Foram sentidos virse da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio capitão, com breuidade
 Faz represaria nũs, que aas naos vierão,
 A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores
 Ricos em Caleu, & conhecidos
 Da falta delles, logo entre os milhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos:
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
 Voluem o cabrestante, & repartidos
 Pelo trabalho, hũs puxão pela amarra,
 Outros quebrão co peito duro a barra.

T 2

Outros

Outros pendem da verga, & ja desatão
 A vella, que com grita se soltava,
 Quando com maior grita ao Rei relatão
 A pressa, com que a armada se leuava:
 As molheres & filhos, que se matão
 Daquelles que vão presos, onde estava
 O Samorim, se aqueixão que perdidos
 Hús tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda liuremente,
 Apesar dos inimigos Maumetanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente:
 Desculpas manda o Rei de seus enganos,
 Recebe o Capitão de melhormente
 Os presos, que as desculpas, & tornando
 Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende
 Que em vão co Rei gentio trabalhava;
 Em querer delle paz, a qual pretende
 Por firmar o commercio que tratava:
 Mas como aquella terra que se estende
 Pela Aurora, sabida ja deixava,
 Com estas nouas torna aa patria cara,
 Certos finais levando do que achara.

Leua

Leua algũs Malabares, que tomou
 Per força, dos que o Samorim mandára,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que comprára:
 A seca flor de Banda não ficou,
 A Noz, & o negro crano, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouuera a deligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo que se escreua,
 O ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina assi tirou descuroa treua,
 E tam longe da patria achou maneira,
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,
 As venturosas naos, levando a proa
 Pera onde a natureza tinha posta
 A Meta Austrina da esperanza boa,
 Levando alegres nouas & reposta,
 Da parte Oriental pera Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, temidos & ledos.

T 3

O prazer

O prazer de chegar aa patria cara,
 A seus penates caros & parentes,
 Pera contar a peregrina, & rara
 Nauegação, os varios ceos, & gentes,
 Vir a lograr o premio, que ganhara
 Por tão longos trabalhos, & accidentes,
 Cada hum tem por gosto tam perfeito,
 Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
 Era pera fauor dos Lusitanos
 Do Padre eterno, & por bom genio dada
 Que sempre os guia ja de longos annos:
 Agloria por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem soffridos danos,
 Lhe andaua ja ordenando, & pretendia
 Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido
 Na mente, o largo mar que nauegarão,
 Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
 Nas Amphimeas Thebas, se causarão,
 Ia trazia de longe no sentido,
 Pera premio de quanto mal passarão,
 Buscarlhe algum deleite, algum descanso
 No Reino de cristal liquido, & manso.

Algun

Algun repouso em fim, com que podesse
 Refucilar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parecelhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina
 De texlhe aparelhada li no meio
 Das agoas, algũa insula diuina,
 Ornada desmaltado & verde arreo:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanias.

Ali quer que as aquaticas donzellas,
 Esperem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titolo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, & coreas, porque nellas
 Influirã secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeçoarem.

T 4 Tal

Tal manha buscou ja, pera que aquelle
 Que de Achises pario, bem recebido
 Fosse no campo que a bouina pelle
 Tomou de espaço, por sutil partido:
 Seu filho vai buscar, porque so nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido,
 Que assi como naquella empresa antiga
 A ajudou ja, nestontra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas em que ja foi conuertida
 Peristera, as boninas apanhando:
 Em derredor da Deosa ja partida,
 No ar lasciuos beijos se vão dando,
 Ella por onde passa o ar, & o vento
 Sereno faz, com brando mouimento.

La sobre os Idalios montes pende;
 Onde o filho frecheiro estaua então,
 Ajuntando outros muitos, que pretende
 Fazer hũa famosa expedição
 Contra o mundo reuelar, porque emende
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,
 Amando cousas que nos forão dadas,
 Nam pera ser amadas, mas usadas.

Via.

Via Aetleon na caça, tam austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente, & bella forma humana:
 E por castigo quer doce, & seueros,
 Mostra lhe a fermosura de Diana,
 E guarde se nam seja inda comido
 Desses cães que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina,
 Vê nelles, que não tem amor à mais
 Que a si somente, & a quem Philaucia insina
 Vê que esses que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira & saã doutrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza
 Amor diuino, & ao pouo charidade,
 Amão somente mandos, & riqueza,
 Simulão justiça, & integridade:
 Da fea tyrania & de aspereza
 Fazem direito, & vã seueridade:
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,
 As em fauor do pouo so perecem.

Ve em

Vê em fim que ninguém ama o que deue,
 Se não o que somente mal deseja,
 Não quer que tanto tempo se releue,
 O castigo que duro, & justo seja:
 Seus ministros ajunta; porque leue
 Exercitos conformes aa peleja,
 Que espera ter coa mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
 Estão em varias obras trabalhando,
 Hũs amolando ferros passadores,
 Outros asteas de setas delgaçando,
 Trabalhando cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando,
 Melodia sonora, & concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauão,
 Pera as setas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estauão,
 Viuas entranhas inda palpitantes:
 As agoas onde os ferros temperauão,
 Lagrimas sam de miseros amantes,
 A viva flama, o nunca morto lume,
 Desejo he so que queima, & não consume.

Algũs

Algũs exercitando a mão andauão,
 Nos duros corações da plebe ruda,
 Crebros sospiros pelo ar soauão,
 Dos que feridos vão, da seta aguda,
 Ferosas Nymphas sam, as que curauão
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não somente dá vida aos mal feridos:
 Mas poem em vida os inda não nascidos.

Ferosas sam algũas, & outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas,
 Curão no aas vezes asperas triagas
 Algũs ficão ligados em cadeas,
 Por palhuras sutis de sabias Magas,
 Isto acontece aas vezes quando as setas
 Acertão de lenar ernas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados,
 Entre o pouo ferido miserando,
 E tambem nos heroes de altos estados,
 Exemplos mil se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.

E vos

E vos ô poderosos por pastoras
 Muytas vezes ferido o peyto vedes,
 E por bayxos, & rudos vos senhoras
 Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
 Hús esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis tellhados & paredes,
 Mas eu creyo que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,
 Punhão os brancos Cisnes mansamente,
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, decia diligente:
 O frecheiro, que contra o ceo se atreue,
 A recebella vem, ledo, & contente,
 Vem todos os cupidos seruidores,
 Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada:
 Filho em quem minhas forças sempre estão,
 Tu que as armas Tifeas tens em nada,
 A socorrer me a tua pôtestade,
 Me traz especial neceßulade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas falias,
 Que eu ja de muito longe fauoreço,
 Porque das Parcas sey minhas amigas,
 Que me an.le venerar & ter em preço,
 E porque tanto imitão as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 Albe dir tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso
 Baco foram na India molestados,
 E das injurias sos do mar vndoso,
 Poderão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 Da mor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo,
 Todas nũa ilha juntas & subidas,
 Ilha que nas entranhas do profundo
 Oceano, terei aparelhada,
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali

Ali com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoríferos, & rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fervosos leitos, & ellas mais fermosas:
 Em fim com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Nymphas amorosas,
 Damor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobigarem.

Quero que aja no reino Neptunino
 Onde eu nasci, progeie forte & bella,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se reuela,
 Porque entendão que muro Adamantino,
 Nem triste hypocresia val contra ella.
 Mal auerã na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propoz, & o filho inico
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as setas de ponta de ouro embebe:
 Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe,
 Ha redea larga aas aues, cujo canto
 Ha Phaetontea morte chorou tanto.

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Hũa famosa, & celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,
 Outras muytas ha tem por companheyras:
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Lactante, mintirosa, & verdadeyra,
 Que com cem olhos ve, & por onde voa
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os lounores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrem celebrarã:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se espalhãra,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos Deoses, que indinados
 Forão por Baco contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
 O peyto feminil, que leuemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Ia julga por mau zelo, & por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despeda

Despede nisto o fero moço as setas
 Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
 Dereitas pelas ondas inquietas,
 Algũas vão, & algũas fazem giros:
 Caem as Nymphas, lançam das secretas
 Entranhas ardentissimos sospiros,
 Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
 Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
 Com força o moço indomito excessiua,
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
 Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
 Ia não fica na aljava seta algũa,
 Nem nos equoreos campos Nimpha viua,
 E se feridas inda estão viuendo,
 Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
 Que vedes Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas vellas, & redondas,
 Que vem por cima da agoa Neptunina:
 Pera que tu reciproco respondas
 Ardente Amor aa flama feminina,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia

Ia todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, & junto caminhaua
 Em coreas gentis, vsança velha,
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amaua,
 Ellas que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada,
 Desejando prouerse de agoa fria,
 Pera a grande viagem prolongada:
 Quando juntas com subita alegria,
 Ouuerão vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo ceo a mãi fermosa
 De Menonio, suaue & deleitosa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,
 Que Venus pelas ondas lha leuaua,
 (Bem como o vento leua branca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergaua,
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Pera onde as naos nauegão a mouia
 A Accidalia, que tudo em fim podia.

V

Mas

Mas firme a fez & imobil, como vio
 Que era d'os Nautas vista, & demandada,
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona Phebo, & a Deosa aa caça usada:
 Pera la logo a proa o mar abrio,
 Onde a costa fazia hũa enseada
 Curua, & quieta, cuja branca area
 Pintou de ruiuas conchas Cytenea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornauão,
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
 Claras fontes & limpidas manauão
 Do cume, que a verdura tem viçosa,
 Por entre pedras aluas se dirina,
 A sonorosa Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinhão as claras agoas ajuntarse,
 Onde hũa mesa fazem, que se estende
 Tam bella, quanto pode imaginar-se:
 Aruoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está pera afeitar-se,
 Vendose no cristal resplandecente,
 Que em sio está pincando propriamente!

Mil

Mil aruores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoriferos & bellos,
 A Larangeira tem no fruto lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
 Encostase no chão, que está caindo
 A Cidreira cos pesos amarelllos,
 Os fermosos limoës ali cheirando
 Estam virgineas tetas imitando.

As aruores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma emnobrecidos
 Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Mirtos de Cytenea, cos Pinheiros
 De Cybele por outro amor vencidos,
 Está apontando o agudo Cipariso
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dâ Pomona, alinatura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter neccesidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito milhores.
 As Cerejas porpureas na pintura,
 As Amoras, que o nome tem de amores,
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Milhor tornado no terreno alheio.

V 2 Abre

Abre a Romã, mostrando a rubicunda
 Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:
 Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda
 Vide, cãs cachos roxos, & outros verdes:
 E vos se na vossa arvore fecunda
 Peras pyramidais viuer quiserdes,
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos,
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
 Com que se cobre a rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina:
 Mas o sombrio valle mais ameno:
 Ali a cabeça o flor Cyfisia inclina,
 Sobollo tanque lucido & sereno,
 Florece o filho & neto de Cyniras,
 Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil' cousa fora,
 No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,
 Se daua aas flores cor a bella Aurora,
 Ou se lha dam a ella as bellas flores:
 Pintando estaua ali Zefiro, & Flora:
 As violas da cor dos amadores,
 O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

A can-

A candida Cecem das Matutinas
 Lagrimas ruciada, & a Manjarona,
 Vense as letras nas flores Hyacintinas,
 Vam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos & boninas,
 Que competia Cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voão,
 Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cifne canta,
 Responde lhe do ramo Philomela,
 Da sombra de seus cornos nam se espanta
 Acteon nagoa cristalina & bella:
 Aqui a fugace Lebre se leuanta
 Da espessa mata, ou temida Gazella,
 Ali no bico traz ao caro ninho,
 O mantimento o leue passarinho.

Nesta frescura tal desembarcação
 la das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixauão
 Andar as bellas Deosas como incantas,
 Algũas doces Cytaras tocauão,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingião
 Seguir os animais, que nam seguião.

V 3

Afi

Aſſi lho aconselhara a meſtra experta,
 Que andassem pelos campos eſpalhadas,
 Que viſta dos barões a preſa incerta,
 Se fizeſſem primeyro deſejadas
 Alguas, que na forma deſcuberta
 Do bello corpo eſtaão conſiadas,
 Poſta á artiſcioſa fermosura,
 nuas lauarſe deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya
 Punhão os pes de terra cubiçoſos,
 Que não ha nenhum delles, que não ſaya
 De acharem caça agreſte deſejoſo:
 Não cuydão que ſem laço, ou redeſ caya
 Caça naquellſ montes deleytoſos
 Tão ſuave, domeſtica, & benina,
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em eſpingar das, & nas beſtas
 Pera ferir os Ceuos ſe fiaão,
 Pelos ſombrios matos, & floreſtas
 Determinadamente ſe lançaão:
 Outros nas ſombras, que de as altas feſtas
 Defendem a verdura, paſſeaaão
 Ao longo da agoa, que ſuave, & queda
 Por aluvas pedras corre aa praya leda.

Começão

Começão de enxergar ſubitamente
 Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem a viſta julga, & ſente,
 Que não erão das roſas, ou das flores,
 Mas da lam fina, & ſeda diferente
 Que mais imita a força dos amores,
 De que ſe veſtem as humanas roſas,
 Fazendoſe por arte mais fermosas.

Da Velloſo eſpantado hum grande grito,
 Senhores caça eſtranha diſſe he eſta,
 Se in la durão o Gentio antigo rito,
 A Deoſas he ſagrada eſta floreſta:
 Mais deſcobrimos do que humano eſprito
 Deſejou nunca, & bem ſe manifeſta
 Que ſam grandes as couſas, & excellentes
 Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos eſtas Deoſas, & vejamos,
 Se fantaſticas ſam, ſe verdadeiras,
 Isto dito velloceſ mais que Gamos,
 Selançam a correr pelas ribeiras:
 Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,
 Mas mais induſtriouſas que ligeiras,
 Pouco & pouco ſurrindo, & gritos dando,
 Se deixão yr dos Galgos alcançando.

V 4 De

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
 Correndo, & da outra as fraldas delicadas,
 Acendese o desejo que se cenea
 Nas aluas carnes subito mostradas,
 Hũa de industria cae, & ja releua
 Com mostras mais masias, que indinadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
 Com as Deosas despidas, que se luntão,
 Ellas comecam subito a gritar,
 Como que assalto tal nam esperauão,
 Hũas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançauão
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que aas mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
 Aa vergonha da Deosa caçadora,
 Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fora.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi & calçado (que co a mora
 Desse despir, ha medo que in da tarde)
 A matar na agoa o fogo que nelle arde.
 Qual

Qual cão de caçador sagaz, & arlido,
 Vjalo a tomar na agoa a aue ferida,
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,
 Pera a Garcenba, ou Pata conhecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta nagoa, & da presa nam diuida,
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo
 Remete ha que nam era yrmã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,
 Manhoso, caualleiro, & namorado,
 A quem amor não dera hum so desgosto,
 Mas sempre fora delle mal tratado:
 E tinha ja por firme profuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porem não que perdesse a esperança,
 De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria
 Apos Esfire, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria,
 O que deu pera dar-se a natureza,
 Ia cansado correndo lhe dizia.
 O fermosura indigna de as pereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem tenas a alma.
 Todos

Todas de correr cansam, Nimpba pura,
 Rendendo se aa vontade do inimigo,
 Tu so de my so foges na espessura?
 Quem te disse que eu era o que te sigo?
 Se to tem dito ja aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 O nam na creas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas: & se queres
 Fugirme, porque nam possa tocarte,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes
 Ella farâ que nam possa alcançarte:
 Espera, quero ver, se tu quiseres,
 Que sutil modo busca de escaparte,
 E notarâs no fim deste successo,
 Tra la spica & la man, qual muro he meffo.

O não me fujas, assi nunca o breue
 Tempo fuja de tua fermosura,
 Que so com refrear o passo leue,
 Vencerâs da fortuna a força dura:
 Que Emperador, que exercito se atreue.
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejey me vai seguindo,
 O que tu so faras nam me fugindo?

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:
 Leuas me hum coração, que liure tinha?
 Solta mo, & corrôras mais leuemente:
 Não te carrega essa alma tam me-zquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada leuas? ou despois de presa
 Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vón seguindo,
 Que ou tu nam sofrerâs o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Lhe mudarâs a triste & dura estrella.
 E se se lhe mudar, nam vas fugindo,
 Que Amor te ferirá, gentil donzella,
 E tu me esperarâs, se Amor te fere,
 E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nimpba, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguir,
 Como por yr ouuindo o doce canto,
 As namoradas mágoas que dizia:
 Voluendo o rosto ja sereno & sancto,
 Toda bamba-la em riso, & alegria,
 Cair se deixa aos pés do vencedor,
 Que to-lo se desfaz em puro amor.

O que

O que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro que soava,
 Que afagos tam suaves, que yra honesta
 Que em risinhos alegres se tornava:
 O que mais passam na menha, & na sesta
 Que Venus com prazeres inflamava,
 Milhor he esprimentalo que julgalo,
 Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

De sta arte em fim conformes ja as fermosas
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,
 Os ornão de capellas deleitosas,
 De louro, & de ouro, & flores abundantes:
 As mãos aluas lhe dauão como esposas,
 Com palauras formais, & estipulantes,
 Se prometem eterna companhia
 Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das Nymphas, & obedece,
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
 O Capitão illustre que o merece,
 Recebe ali com pompa honesta, & régia,
 Mostrando se senhora grande, & egregia.
 Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
 Cum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando lhe a entender, que ali viera
 Por alta influçam do imobil fado,
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,
 Da terra immensa, & mar não nauegado
 Os segredos, por alta prophecia,
 O que esta sua naçam somerecia.

Tomando o pela mão a leua, & guia
 Pera o cume dum monte alto, & diuind,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doçes jogos, & em prazer contino,
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,
 O dia quasi todo estão passando,
 Nũa alma, doçe, incognita alegria,
 O trabalhos tam longos compensando:
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte & famosa, o mundo está guardando
 O premio li no fim bem merecido,
 Com fama grande, & nome alto & subido.
 Que

Quê as Nymphas do Oceano tam fermosas,
 Thetis & a Ilha angelica pintada,
 Outra cousa nam he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas preminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroada
 De Palma, & Louro, a gloria & maravilha
 Estes sam os deleites desta Ilha,

Que as immortalidades que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 La no estellante Olimpo a quem subia,
 Sobre as asas inclitas da fama,
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto & fragoso:
 Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte
 Por feitos imortais & soberanos,
 O mundo, cos varões, que esforço & arte
 Diuinos os fizerão, sendo humanos:
 Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte
 Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos
 Ceres, Palas, & Iuno, com Diana
 Todos forão de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos
 Por isso, o vos que as famas estimais,
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambiçam tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, & no torpe & escuro
 Vicio da tirania infame, & urgente:
 Porque essas honras vaãs, esse oaro puro
 Verdadeiro valor n um dão a gente,
 Milhor he merecellos, sem os ter
 Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes, & possintes
 E todos tereis mais, & nenhum menos:
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.
 E fareis.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
 Agora cos conselhos bem cuidados,
 Agora co as espadas, que immortais
 Vos farão, como os vossos ja passados:
 Impossibilidades não façais,
 Que quem quis sempre pode: & numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

 Canto Decimo

& vltimo.



As ja o claro ama-

dor da Larissea

Adultera, inclinava os animais,

La pera o grande lago, que rodea

Temistitão, nos fins Occidentais:

O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,

Co sopro, que nos tanques naturais

Encrespa a agoa serena, & despertava

Os Lirios, & luzmins que a calma agrava.

Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes,
 Subião pera os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas, daltos manjares, excellentes,
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
 Se assentão, dous & dous, amante & dama,
 Noutras aa cabeceira douro finas,
 Está coa bella Deosa o claro Gama:
 De ygoarias suaues & diuinias
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se acumulão os pratos de fuluo ouro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão não so do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura d'agoa fria.

X Mil

Mil praticas alegres se tocauão,
 Risos doces, sutis, & argutos ditos,
 Que entre hũ & outro mājara se aleuantauão,
 Despertando os alegres apetitos:
 Musicos instrumentos não faltauão,
 Quais no profundo reyno, os nus espiritos
 Fizerão descansar da eterna pena,
 Cua voz dhua angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos atentos
 Que pello alto paço vão soando,
 Em consonancia ygoal, os instrumentos
 Suaues vem a hum tempo conformando:
 Hum subito silencio enfrea os ventos,
 E faz hir docemente murmurando
 As agoas, & nas casas naturais
 Adormecer os brutos animais.

Com doce voz está subindo ao ceo
 Altos varões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras Ideas vio Protheo,
 Num globo vão, diafano, rotundo,
 Que Iupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos, & despois no reino fundo.
 Vaticinando o disse, & na memoria
 Recolheo logo a Ninfa a clara historia.
Materia

Materia he de Coturno, & não de Soco
 A que a Nimpba aprendeo no immenso lago:
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
 Aqui minha Caliope te inuoco
 Neste trabalho extremo, porque em pago,
 Me tornes, do q̃ escreuo, & em vão pretendo,
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio
 Ha pouco que passar ate o Otoño,
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual ja não me jacto, nem me abono:
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, & eterno sono,
 Mas tu me dá que cumpra, ò grão Rainha
 Das Musas, cõ que quero aa nação minha.

Cantaua a bella Deosa, que virião
 Do Tejo, pello mar que o Gama abriu,
 Armadas que as ribeiras vencerião,
 Por onde o Oceano Indico suspira:
 E que os Gentios Reis, que não darião
 A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra
 Prouarião do braço duro & forte,
 Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

X 2 Cantaua

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantava dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por não quebrar cos singulares
Baroës, os nos que dera damizade,
Sofrerâ suas cidades & lugares,
Com ferro, incendios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais odios terâ coa nona gente.

E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria:
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais nãgoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado & curuo rio,
Desbaratarâ os Naires infernais.
No passo Cambalão, tornando frio
Despinto o ardor immenso do Oriente
Que verâ tanto obrar tão pouca gente.

Chamarâ

CANTO DECIMO. 16;

Chamarâ o Samorim mais gente noua:
Virão Reis Bipur, & de Tânôr,
Das serras de Narsinga, que alta proua
Estarão prometendo a seu senhor:
Farâque todo o Naire em fim se moua,
Que entre Calicû jaz, & Cananor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que yrâ matando,
A todo o Malabar terâ admirado:
Cometerâ outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immotos

La não defenderâ somente os passos,
Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:
Aceso de yra o Cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas:
Farâ que os seus de vida pouco escassos,
Cometão o Pacheco que tem asas
Por dous passos num tempo, mas voando
Dhum noutro, tudo yrâ desbaratando.

X 3 Virâ

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
 Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,
 Mas hum tiro, que com zonido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime:
 Lá não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime,
 Inuentara traicoes, & vãos venenos,
 Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.

Que tornará a vez septima, cantana,
 Pellejar co inuicto & forte Luso,
 A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,
 Mas com tudo este so o fará confuso:
 Trará pera a batalha horrenda, & braua,
 Machinas de madeiros fora de uso,
 Pera lhe abalroar as Carauellas,
 Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuará serras de fogo
 Pera abrasar lhe quantia armada tenha,
 Mas a militar arte, & engenho, logo
 Fará ser vaa a braueza com que venha:
 Nenhum claro barão no Martio jogo,
 Que nas asas da fama se sostenha,
 Chegá a este, que a palma a todos toma,
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.
 Porque

Porque tantas batalhas sostentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inuentadas
 Tantos Cães não imbelles profligados:
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Decerão a ajudallo, & lhe darão
 Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
 O grão poder de Dario estrue, & rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende,
 Nem o mancebo Cecles dos Ansonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,
 Cantando em baxa voz enuolta em choro
 O grande esforço mal agardecido:
 O Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seras sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te.

Aqui tens companheiro a si nos feitos
 Como no galardão injusto & duro,
 Em ti & nelle veremos altos peitos,
 A baxo estado vir humilde, & escuro:
 Morrer nos hospitais em pobres leitos,
 Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
 Isto fazem os Reis, cuja vontade
 Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
 Nua apparencia branda que os contenta,
 Dão os premios de Aiace merecidos,
 Aa lingua vaã de Vlisses fraudulenta:
 Mas vingome que os bens mal repartidos
 Por quem so doces sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios caualeiros,
 Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
 Hum tal vassalô, o Rey so nisto inico,
 Se não es pera darlhe honroso estado,
 He elle pera darte hum reino rico:
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Apolineos rayos, eu te fico
 Que elle seja entre a gente illustre & claro
 E tu nisto culpado por auaro.

Mas.

Mas eis outro, cantaua, intitulado
 Vem com nome real, & traz consigo
 O filbo, que no mar será illustrado
 Tanto como qualquer Romano antigo:
 Ambos darão com braço forte, armado,
 A Quiloa fertil aspero castigo,
 Fazendo nella Rey leal, & humano,
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaca, que se arrea:
 De casas sumptuosas, & edificios,
 Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,
 Em pago dos passados maleficios:
 Despois na costa da India, andando chea
 De lenhos inimigos, & arteficios,
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos
 O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
 Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
 Que sae com trouão do cobre ardente,
 Fará pedaços leme, masto, vela,
 Despois lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina inimiga: dentro nela
 Saltando, a farã so com lança & espada
 De quatrocentos Mouras despejada.

Mas

Mas de Deos a escondida providencia,
 Que ella so sabe o bem de que se scrue,
 O porâ onde esforço, nem prudencia
 Poderâ auer, que a vida lhe referue:
 Em Chaul, onde em sangue & resistencia.
 O mar todo com fogo & ferro ferue,
 Lhe farão, que com vida se não saya
 As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
 Que o grande esforço, so com força rende,
 Os ventos que faltarão, & os perigos
 Domar, que sobejarão, tudo o ofende:
 Aqui resurjão todos os antigos,
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
 Outro Sceua verão, que espedaçado
 Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços
 Lhe leua hum cego tiro, que passara,
 Se ferue inda dos animosos braços,
 E do grão coração, que lhe ficara:
 Ate que outro pilouro quebra os laços,
 Com que co al na o corpo se liara,
 Ella solta voou da prisão fora,
 Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo que em pedaços se apresenta,
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,
 Trazendo furia & magoa por antolhos,
 Com que o paterno amor lhe está mouendo
 Fogo no coração, agoa nos olhos:
 A nobre yra lhe vinha prometendo,
 Que o sangue fará dar pellos giolhos
 Nis inimigas n'os sentilo ha o Nilo,
 Podêlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro ciofo, que se ensaya
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta
 No tronco d'hum Carualho, ou alta Faya
 E o ar ferindo, as forças esprimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado na opulenta
 Cidade de Dabul, a espada afia,
 Abaxandolhe a tumida onfadia.

E logo

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Fará espalhar a fraca & grande armada,
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas;
Fará yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperarâ dos vingadores,
Verâ braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yrão representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta próspera vitoria,
Com que depois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardarâ: não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tirarão toda a India, & Egipto.

Ali

Ali Cafres seluagens poderão,
O que destros inimigos não po lèrão,
E rudos paos tostados sos farão,
O que arcos & pelouros não fizerão,
Occultos os juizos de Deos sam,
As gentes vaãs que não nos entenderão,
Chamão lbe fado mau, fortuna escura,
Sendo so providencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Ninfa, & a voz alevantaua,
La no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
Pello Cunha tambem, que nunca extinto
Serâ seu nome, em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, & praias, que se chamão
De sam Lourêco, & em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentes
Armas, com que Albuquerque yra amãsando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso & brando:
Ali verão as setas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a se da madre Igreja.

Ali

Ali do sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pella praya, & mar se estendem
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
 Ate que a força so de braço aprendem
 A abaxar a cerviç, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reyno inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe coroa,
 Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo
 Toma a ilha illustriſſima de Goa:
 Despois, obedecendo ao duro enſejo
 A deixa, & ocaſião espera boa,
 Com que a torne a tomar, que eſforço & arte
 Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrellla torna & vâý rompendo
 Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
 Abrindo cõ a eſpada o eſpeſſo, & horrendo
 Eſquadrão de Gentios, & de Mouros:
 Irão ſoldados inclitos fazendo
 Mais que Liões famelicos, & Touros,
 Na luz que ſempre celebrada & dina
 Sera da Egipcia ſancta Caterina.

Nem

Nem tu menos fugir poderas deſte,
 Poſto que rica, & poſto que aſſentada
 La no gremio da Aurora, onde naceſte,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As ſetas venenofas que fizeſte,
 Os Crifes com que ja te vejo armada,
 Malaios namorados, laos valentes
 Todos faras ao Luſo obedientes.

Mais eſtaſcas cantâra eſta Syrena
 Em louuor do illuſtriſſimo Albuquerque,
 Mas alembroulhe hũa yra que o condena,
 Poſto que a fama ſua o mundo cerque:
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ſer hum brando companheiro
 Pera os ſeus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & aſperezas
 Doenças, frechas, & trouoës ardentes,
 A ſazão, & o lugar fazem cruezas
 Nos ſoldados a todo obedientes:
 Parece de ſeluaticas brutezas,
 De peitos inhumanos. & insolentes,
 Dar extremo ſuplicio pella culpa
 Que a fraca humanidade & Amor deſculpa.

Não

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio desonesto,
 Mas cãa escrava vil lasciuva & escura:
 Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de usado a crueza fera & dura,
 Cos seus bũa ira insana não refrea,
 Poẽ na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
 Da sua Campaspe, & deulha alegremente,
 Não sendo seu soldado esprimentado,
 Nem vendose num cerco duro & virgente:
 Sentio Ciro que andaua ja abrasado
 Araspas, de Pantea em fogo ardente,
 Que elle tomara em guarda, & prometia
 Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
 Fora de amor, que em fim não tem defesa,
 Leuemente o perdoa, & foy seruido
 Delle num caso grande em recompensa:
 Per força de ludita foy marido
 O ferreo Balduuino, mas dispensa
 Carlos pay della, posto em cousas grandes,
 Que viuua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar, & por espanto,
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidã, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Barborã se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Tapprobana,
 Ia pello nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della darã tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa
 Vencendo se erguerã na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas
 Diuidindo, abrirã nouo caminho,
 Pera ti grande Imperio que te arreas
 De seres de Candace, & Sabã ninho:
 Maquã com Cisternas de agoa cheas
 Verã, & o porto Arquico ali vizinho,
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas marauilhas.

Y Virã

Virâ despois Meneses, cujo ferro
 Mais nã Africa, que câ terã prouado:
 Castigarã de Ormuz Soberba o erro,
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:
 Tambem tu Gama, em pago do desterro
 Em que estãs, & serãs inda tornado,
 Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,
 Virãs mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal neceßidade,
 De quem ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado coa Regia dignidade,
 Te tirarã do mundo & seus enganos:
 Outro Meneses logo, cuja ydade
 He mayor na prudencia, que nos anos,
 Governarã, & farã o ditoso Henrique,
 Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerã samente os Malabares,
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Cometendo as Bombardas, que nos ares:
 Se vingão so do peito que as comete:
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os inimigos dalma todos sete,
 De cubiça triumphã, & incontinnencia,
 Que em tal idade he suma de excellencia:

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,
 Socederãs ô forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera tens inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroados,
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos
 Terã a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingarãs, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & lusiça, te farão
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem razão
 Com forças & poder, em que está posto,
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, & inteira.

Y 2 Mas

Mas com tudo não nego que Sampayo
 Será no esforço illustre, & asinalado,
 Mostrando se no mar hum fero rayo,
 Que de inimigos mil verá qualbado:
 Em Bacanor fará cruel ensayo.
 No Malabar, pera que amedrontado
 Despois a ser vencido delle venha
 Cutiale, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota
 Que Chaul temerá de grande & ousada,
 Fará coa vista so perdida & rota,
 Por Heitor da Silueira, & destrozada:
 Por Heitor Portugues, de quem se nota,
 Que na Costa Cambaica sempre armada,
 Será aos Guzarates tanto dano,
 Quanto já foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
 Cunha, que longo tempo tem o leme,
 De Chale as torres altas erguerá,
 Em quanto Dio illustre delle treme,
 O forte Baçaim se lhe dará,
 Não sem sangue poreim, que nelle geme
 Melique, porque a força so de espada
 A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo Auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da Silueira bem sustenta:
 Fará em Noronha a morte o usado officio,
 Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimeta
 No gouerno do Imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar fará amarelo,

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que já sera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances no mar usado:
 Despois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Dâmão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta aberta
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio:
 Despois yrá com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o Rey Gentio
 De Calecu, que assi com quantos vejo
 O fará retirar de sangue cheyo.

Y 3 Destroirá

Destroirâ a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destróir o mundo não duvida,
Vencerâ co furor do ferro & fogo,
Em si verâ Beadâla o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
Virâ despois com cetro a governala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala:
So quis prouar os asperos castigos.
Baticalâ, que virâ ja Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou cheia,
E de fogo & trouões desfeita & fea.

Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portugues terá sempre leuantado,
Conforme successor ao succedi-lo
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.
Perjas

Persas feroces, Abassis & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes
Que mil nações ao cerco feras vem
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque hús poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portugues juram descidos
De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,
Trabucos ferros, minas encubertas,
Sustenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Ate que nas mayores opressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Serâ ali arrebatado, & ao ceo subido:
Aluaro quando o inuerno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
 Co restante da gente Lusitana
 E com força & saber, que mais importa,
 Batalha dá felice & soberana:
 Hús paredes subindo escusam porta,
 Outros a abrem, na fera esquadra insana,
 Feitos farão tão dinos de memoria,
 Que não caibão em vèrso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta
 Vencedor forte & intrepido, ao possante
 Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão pradrupedante:
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydaltham do braço triumphante
 Que castigando vay Dâbul na costa
 Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Baroës por varias partes,
 Dinos todos de fama & marauilha,
 Fazendo-se na terra brancos Martes,
 Virão lograr os gozdos desta Ilha:
 Varrendo triumphantes estandartes
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
 E acharão estas Nymphas & estas mesas,
 Que glorias & hōras jam de arduas empresas

Assi

Assi cantava a Nympha & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauão,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravão:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nũa consona voz todas soauão,
 Não vos hão de saltar gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Despois que a corporal necessidade
 Se satisfiz do mantimento nobre,
 E na harmonia & doce suavidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Thetis de graça ornada, & gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre & claro dia,
 Pera o felice Gama assi dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pode a vã ciencia
 Dos errados & miseros mortais:
 Sigueme firme, & forte, com prudencia
 Por este monte espesso, tu cos mais.
 Assi lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

Não andão muito que no erguido cume
 Se acharão, onde hum campo se esmaltava,
 De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
 A vista, que diuino chão pisava:
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume
 Claríssimo por elle penetraua,
 De modo que o seu centro esta euidente,
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxergasse bem que está composto
 De varios orbes, que a diuina verga
 Compos, & hum centro a todos so tem posto:
 Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
 Nũca sergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rosto.
 Por toda a parte tem, & em toda a parte
 Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sostido,
 Qual em fim o Archetipo, que o criou:
 Vendo o Gama este globo, comouido
 De espanto & de desejo ali ficou,
 Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou,
 Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
 Por onde vas, & yrás, & o que desejas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
 Eterea, & elemental, que fabricada
 Assim foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio, & meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficie tão limada,
 He Deos, mas o q̃ he Deos ninguẽ o entende,
 Que a tanto o engenho hum. uo n.õ se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que estã com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estã de aquelle bem,
 Tamanho, que elle so se entende & alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos
 Diuos estã, porque eu, Saturno & Iano,
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
 Fingidos de mortal & cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, & se mais o trato humano
 Nos pode dar, he so que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.

E tambem

E tambem por que a Santa providencia,
 Que em Iupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta:
 Insinua a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, que apresenta,
 Os que sam bõs, guiando fauorecem,
 Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
 Agora deleitando, ora insinuando,
 Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
 A seus Deoses ja dera, fabulando:
 Que os Anjos de celeste companhia
 Deoses o sacro verso estã chamando,
 Nem nega que esse nome preminente,
 Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda:
 E tornando a contarte das profundas
 Obras da mão diuina veneranda,
 Debaxo deste circulo onde as mundas
 Almas diuinas gozão, que não anda,
 Outro corre tam leue & tam ligeiro,
 Que não se enxerga, he o Mibile primeiro.

Com

Com este rapto, & grande mouimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo,
 Por obra deste, o Sol andando atento
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojuzgado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Dozentos cursos faz, dà elle hum passo.

Olha o outro debaxo, que esmaltado.
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste, & faz ornado.
 Co largo cinto d'ouro, que estellantes
 Animais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, & seu pay, & o drago horrédo:
 Ve de Cassiopea a fermosura,
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.
 Debaxo

Debaxo deste grande firmamento,
 Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
 Iupiter logo faz o mouimento,
 E Marte abaxo bellico inimigo,
 O claro olho do ceo no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz consigo,
 Mercurio de eloquencia soberana,
 Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente
 Curso veras, nũs graue, & noutros leue:
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breue,
 Bem como quis o padre omnipotente
 Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,
 Os quaes veras que jazem mais a dentro,
 E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,
 Que não somente ousados se contentão
 De soffrerem da terra firme os danos
 Mas inda o mar instabil esprimentão,
 Verã as varias partes, que os insanos
 Mares diuidem, onde se apossentão
 Varias nações, que mandão varios Reis,
 Varios costumes seus, & varias leis.

Ves

Ves Europa Christãa mais alta & clara
 Que as outras em policia, & fortaleza:
 Ves Africa dos bens do mundo auara,
 Inculta, & toda cheia de bruteza,
 Co Cabo que ate qui se vos negãra,
 Que assentou pera o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Benomotapã o grande imperio,
 De seluatica gente, negra & nua:
 Onde Gonçalo morte & vituperio
 Padererã, polla se sancta sua:
 Nace por aste incognito Hemisperio
 O metál, por que mais a gente sua,
 Ve que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensam,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidão.
 Qual bando espesso & negro de Estorninhos,
 Combaterã em Sofala a fortaleza,
 Que defenderã Nhaya com destreza.

Olha

Olha la as alagoas, donde o Nilo
 Nace, que não souberão os antigos,
 Vello rega, gerando o Cocodrilo,
 Os pouos Abassis de Christo amigos,
 Olha como sem muros (nouo estilo)
 Se defendem milhor dos inimigos,
 Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
 Que ora dos naturais Nobâ se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu
 Nas armas contra os Turcos serâ claro,
 Ha de ser dom Christouão o nome seu,
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:
 Ve ca a Costa do mar, onde te deu
 Melinde hospício gasalhofo & caro
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromâta chamado,
 E agora Goarda fu dos moradores,
 Onde começa a boca do afamado
 Mar roxo, que do fundo toma as cores
 Este como limite esta lançado
 Que diuide Asia de Africa, & as milhores
 Pouoações, que a parte Africa tem
 Maguâ sam, Arquiro, & Cuam quem.

Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente
 Estrada o gram Moyses na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriuâ.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destroutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre anaras,
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quando as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundantes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entradas

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Elle o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

AO CANTO DECIMO. 171

Aqui de dom Felipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reueses
De dom Pedro de Sousa, que prouára
La seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido
Cabo de lasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, & dos dões vsados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso lndo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlconde fertilissima,
E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vósoutros aqui se estão guardando.

Z 2 Ves

Ves corre a costa célebre Indiana
 Pera o Sul, ate o Cabo Comori
 Ia chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:
 Por este mar a gente Lusitana
 Qua com armas virá de spois de ti,
 Terá vitorias terras, & cidades
 Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouíncias, que entre hum & o outro rio
 Ves com varias nações, sam infinitas:
 Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
 A quem tem o Demonio leis escriptas:
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas & benditas,
 Do corpo de Thome, barão sagrado,
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamaua
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:
 Os Idolos antigos adoraua:
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estaua:
 Quando a fe, que no mundo se publica,
 Thome vinha prégando, & ja passára
 Prouíncias mil do mundo, que insinára.
 Chegado

Chegado aqui prégando, & junto dando
 A doentes saude, a mortos vida.
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andara edificando,
 Fazer delle madeira, & não duuida
 Poder tiralo a terra compassantes
 Forças dhomēs, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grãde o peso do madeiro
 Que so pera abalar se, nada abafta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formada
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,
 Que obedecerà logo aa voz sagrada,
 Que a si lho insinou Christo, & elle o proua:
 A gente ficon disto aluorocada,
 Os Bramenes o tem por cousa noua,
 Vendo os milagres, vendo a santidade,
 Hão medo de perder autoridade.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
 Em quem mais penetrado tinha enueja,
 Buscão maneiras mil, buscão dejuos
 Com que Thome não se ouça, ou morto seja:
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
 Que inimiga não ha tão dura, & feroz,
 Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa
 De homicidio Thome, que era innocente:
 Dá falsas testemunhas, como se usa
 Condenarã no a morte breuemente:
 O Santo que não vê milhor escusa,
 Que apellar pera o Padre omnipotente,
 Quer diante do Rey, & dos senhores,
 Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido.
 Que resucite, & seja perguntado,
 Quem foy seu matador, & ser á crido:
 Por testemunho o seu mais aprouador:
 Viram todos o moço viuo erguido
 Em nome de Iesu crucificado,
 Dá graças a Thome, que lhe deu vida:
 E descobre seu pay ser homicida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na ago santa,
 Emuitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louuor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,
 Com seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prégando ao pouo estava,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voaua,
 No Santo dá ja a tudo offerecido,
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,
 Com crua lança o peito lhe atranessa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisasse,
 Mais te chorão as almas, que vestindo
 Se yão da sancta Fe, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,
 Terecebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

Z 4 E vos

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a pregar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em vossos dias
(Infiéis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, & da pureza:
Ve Chatigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha

Olha o reyno Arração, olha o assento
De Pegu, que já mōstros pouoarão,
Mōstros filhos do seo ajuntamento
Dhūa molher & hum cão, que sos se acharão:
Aqui soante Arame no instrumēto
Da geração costumão, o que vsarão
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido,
Tenaassari, Queda, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que já dantes
Iuntas ambas a gente antiga viô:
Chersoneso foy dita, & das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lbe ajuntarão,
Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

Z 5 Mas

Mas na ponta da terra Cingapura

Veras, onde o caminho aas naos se estreita,

Daqui tornando a Costa aa Cynosura

Se encurua, & pera a Aurora se endereita:

Ves Pam, Patane, reinos, & a longura

De Syão que estes & outros mais sugeita

Olha o rio Menão, que se derrama

Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terreno os diferentes

Nomes de mil. nações nunca sabidas,

Os Laos em terra & numero potentes,

Auás, Bramás, por serras tão compridas:

Ve nos remotos montes, outras gentes:

Que Gueos se chamão de seluages vidas,

Humana carne comem, mas a sua

Pintão com ferro ardente, ysanca crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,

Que capitão das agoas se interpreta,

Tantas recebe doutro so no estio,

Que alaga os campos largos, & inquieta,

Tem as enchentes quaes o Nilo frio,

A gente delle crê como indiscreta,

Que pena & gloria tem despois de morte:

Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,

No seu regaço os Cantos, que molhados

Vem do naufragio triste, & miserando,

Dos procelosos baxos escapados:

Das fomes, dos perigos grandes, quando

Será o injusto mando executado

Naquelle, cuja Lira sonora,

Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,

Cuja mata he do pao cheiroso ornada,

Ves Cauchichina está de escura fama,

E de Ainão ve a incognita enseada,

Aqui o soberbo imperio, que se afama:

Com terras, & riqueza não cuidada,

Da China corre, & ocupa o senhorio:

Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,

Que entre hum imperio & o outro se edifica,

Certissimo final, & conhecido,

Da potencia real, soberba, & rica:

Estes o Rey que tem não foy nacido

Princepe, nem dos pais aos filhos fica:

Mas elegem aquelle que he famoso

Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

Inda ontra muita terra se te esconde,
 Ate que venha o tempo de mostrar se,
 Mas não deixes no mar as libas, onde
 A natureza quis mais offamar-se:
 Estamea escondida que responde
 De longe da China donde vem buscar-se,
 He lapão, onde nace a prata fina,
 Que illustrada será coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
 As infinitas Ilhas espalhadas
 Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
 Cume, que lança as flamas ondeadas:
 As aruores verás do Crauo ardente,
 Co sangue Portugues inda compradas,
 Aqui ha as aureas aues, que não decem
 Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda às Ilhas, que se esmaltão
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
 As aues variadas, que ali saltão,
 Da verde Noz tomando seu tributo:
 Olha tambem Bornè, onde não faltão
 Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,
 Das aruores, que Cânfora he chamado,
 Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero, & cheiroso,
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
 Esconde pera o Sul difficuloso:
 A gente do Sertão, que as terras anla,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerete em pedra o pão que nelle cae:

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapôra,
 A fonte que oleo mana, & a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde está a pégada humana:
 Nas ilhas de Mallina nace a prania
 No profundo das agoas soberana,
 Cuj o pomo contra o veneno vrgente
 He tido por Antidoto excelente.

Verás

Verás de fronte estar do roxo estreito
 Socotorá co amaro Aloe famosa,
 Outras ilhas no mar também sogeito
 A vos, na costa de Affrica arenosa,
 Onde sae do cheiro mais perfeito
 A massa ao mundo occulta, & preciosa,
 De sam Lourenço vê a Ilha afamada,
 Que Madagascar he dalguís chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
 Que vos outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tão forte peito navegais:
 Mas he também razão, que no Ponente
 Dhum Lusitano hum feito inda vejais,
 Que de seu Rey mostrando se agrauado
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
 Vay de Calisto ao seu contrario polo,
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
 Castellã vossa amiga será dina
 De lançarlhe o colar ao rudo colo,
 Varias prouíncias tem de varias gentes
 Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali teréis
 Parte também co pao vermelho nota,
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
 Descobri-la ha a primeira vossa frotar
 Ao longo desta costa que tereis
 Irã buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico polo váy da linha,
 Dhũa estatura quasi Gigantea
 Homens verã, da terra ali vizinha:
 E mais auante o estreito, que se arrea
 Co nome delle agora, o qual caminha
 Pera outro mar, & terra que fica onde
 Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pello mar, que ja deixais sabido,
 Virão fazer barões de fortes peitos:
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos, que vos fação ser aceitos
 Aas eternas esposas, & fermosas,
 Que coroas vos tecem gloriosas.

Podéis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lhe disse, & logo movimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi serão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, porque mandou
E com titulos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria não, que esta metida,
No gosto da cubiça, & na rudeza
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.
E não

CANTO DECIMO. 185

E não sey por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
Que os animos leuanta de continuo,
A ter pera trabalhos ledo o rosto:
Por isso vos ò Rey, que por diuino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhay que sois (& vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatrás, & de Mouros,
A perigos incognitos domundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vos tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta promptos & contentes,
So com saber que sam de vos olhados,
Demonios infernais, negros & ardentes,
Cometerão conuoso, & não duuido
Que vencedor vos fação, não vencido.
Fauoreceyos

Favoreceyos logo, & alegrayos
 Com a presença, & leda humanidade,
 De rigurosas leis defaliuayos,
 Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
 Os mais esprimentados leuantayos,
 Se com a esperiencia tem bondade,
 Pera vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento,
 Tenhão Religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento;
 Com jejuns, disciplina, pellos vicios
 Comuns, toda ambição terão por vento,
 Que o bom Religioso verdadeiro,
 Gloria vã não pretende nem dinheiro.

Os Cavaleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido & feruente,
 Estendem não somente a ley de cima,
 Mas inda vosso imperio preeminente:
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, hũs os viuos,
 (E o que he mais) os trabalhos excessiuos.

Fazez

Fazez senhor que nunca os admirados
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
 Possam dizer que sam pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses:
 Tómay conselho so desprimentados,
 Que virão largos anos, largos meses,
 Que posto que em cientes muito cabẽ,
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz trataua & lia:
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende senhor na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louvor sae as vezes acabado,
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa esperiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Pera feruiruos braço aas armas feito,
Pera cantaruos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos aceito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede, & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos & Trudante,
A minha ja estimada & leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

